



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Ana Isabel De Freitas Rodrigues

Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Reflexões sobre a minha prática docente enquanto professora de História e Geografia: contributo das vozes dos alunos.

2012

Orientadora: Profª Doutora Maria Felisbela Sousa Martins

Co orientador: Profº Doutor Luís Antunes Grosso Correia

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/

Projeto/IPP:

Versão definitiva

Ao meu pai, à minha mãe e à minha irmã

Resumo

Os professores desempenham um papel importante na escola, tendo a responsabilidade de formar jovens para que venham a ser cidadãos ativos. É importante que o professor seja o orientador dentro da sala de aula, lançando desafios aos alunos de modo que estes construam o seu próprio conhecimento. É perante situações como estas que a reflexão se torna fundamental na educação.

Um professor reflexivo é aquele que pensa constantemente sobre a sua prática, pensa e repensa os seus sucessos e os seus fracassos, aproveitando a reflexão para ajustar estratégias e melhorar/alterar o processo ensino aprendizagem. A reflexão poderá ser feita por escrito e, neste caso, podemos utilizar diários de aula.

Os diários de aula são documentos onde se reescrevem reflexões e perspetivas de quem os escreve, ou seja, espelham pensamentos, ações, sentimentos. Um diário de aula pode ser elaborado tanto pelos professores como por alunos sendo um documento pessoal, neste estudo usamos diários de aula apenas para fins investigativos.

Este trabalho centra-se numa reflexão sobre a minha prática docente enquanto professora de História e Geografia ouvindo as vozes dos meus alunos expressas em diários de aula. Neste ano em que iniciei a minha prática profissional, os alunos ao manifestarem a sua opinião sobre as minhas aulas, levaram-me a compreender se é possível o professor melhorar a sua prática educativa, e neste sentido o(s) rumo(s) que deverei vir a percorrer enquanto profissional docente.

Palavras-chaves: aprendizagem significativa, professor reflexivo, reflexão na ação, reflexão sobre a ação, diário de aula, modos de trabalho pedagógico

Abstract

Teachers play an important role in school, having the responsibility to train young people to come to be active citizens. It is important that the teacher be the advisor within the classroom, throwing challenges to the students so that they construct their own knowledge. It is in situations like these that reflection becomes fundamental in education.

A reflective teacher is one who thinks constantly about their practice, thinks and rethinks their successes and their failures, using reflection to adjust strategies and improve / change the learning process. The reflection can be in writing, and in this case we can use daily lesson.

The daily class are documents where rewrite reflections and perspectives of who writes them, or mirror thoughts, actions, feelings. A daily lesson can be drawn by both teachers and students by being a personal document, in this study we use daily lesson only for investigative purposes.

This work focuses on a reflection on my teaching practice as a teacher of history and geography hearing the voices of my students expressed in daily lesson. This year when I started my professional practice, students to express their opinion about my classes, led me to understand if the teacher can improve their educational practice, and in this sense (s) course (s) that I shall come to go as a professional teacher.

Key words: meaningful learning, reflexive teacher, reflection in action, reflection on action, class diary, teaching work modes

Agradecimentos

À minha Orientadora, Professora Doutora Maria Felisbela Martins e ao meu Co – Orientador, Professor Doutor Luís Grosso Correia, pela disponibilidade, sugestões e empenho na elaboração deste trabalho.

Aos orientadores da Escola Básica de Arrifana, Professora Rosa Fonseca e o Professor Paulo Pereira, pelo apoio e paciência ao longo deste ano letivo.

A todos os alunos envolvidos, sem os quais esta investigação não seria possível.

Aos meus tios, Olga e Eugénio, pelo apoio que me deram.

Ao Bruno, pela paciência, apoio e compreensão ao longo deste ano.

Por fim, mas um agradecimento muito especial, aos meus pais e à minha irmã, por todo o carinho e apoio, sem os quais nada teria sido possível. A eles um Muito Obrigado!

Educar

Educar, diz a lenda, é dar um beijo ao sapo enfeitado,
para que nele desperte o príncipe que leva dentro de si.

Educar consiste em criar no outro confiança suficiente
para que seja capaz de desamarrar o seu veleiro do cais
e se lançar no mar da vida, tornando realidade
os seus sonhos de aventura e felicidade.

Para isso, o educador deve ensinar
a manejar os remos do esforço e da constância,
a desfraldar as velas do entusiasmo e da alegria,
aos ventos da amizade e do Espírito,
a manobrar o leme da vontade
para sulcar as rotas da realização.

Infundindo sempre coragem,
Para enfrentar os medos e os fantasmas
Do desânimo e do fracasso.

Cabe, ao educador,
Confiar, confiar sempre a tempo e a contra tempo,
Deixando plena liberdade ao seu educando.
Estar vigilante como o farol que aponta os escolhos.

Se existir naufrágio,
Ser a tábua onde o seu educando se pode agarrar.
Se, pelo contrário, o êxito bater à porta,
Saber ouvir e alegrar-se, sem nunca se atribuir seja o que for.

Para que tudo isto aconteça, a alma do educador tem de possuir
A arte de velejar de um marinheiro,
A astúcia de um pirata,
Os olhos de um poeta,
O amor de uma mãe
E quilo e meio de paciência concentrada.

Siglas

EBA – Escola Básica de Arrifana

MD – Momento didático

OG’S – Organizações Governamentais

ONG’S – Organizações Não Governamentais

Índice Geral

Introdução	9
PARTE I – REFERENCIAIS TEÓRICOS	
Capítulo 1 – A prática reflexiva no “mundo” da educação	14
1.1 – A importância da reflexão na educação	14
1.2 – O professor que pensa, que reflete	17
Capítulo 2 – Diários de Aula como técnica de recolha de informação	21
2.1 – Diários de aula: o que são?	21
2.2 – Tipos de diários	26
2.3 – Quando escrever um diário?	29
2.4 – Como fazer/escrever um diário?	31
2.5 – Como analisar os diários?	35
2.6 – Cuidados metodológicos nos trabalhos com diários	39
2.7 – Porquê e para quê diários de aula neste trabalho?	43
PARTE II – REFERENCIAIS METODOLÓGICOS	
Capítulo 3 – Os instrumentos de recolha de dados	49
3.1 – Diários de Aula	49
Capítulo 4 – O procedimento de recolha de dados	52
4.1 – A recolha de dados	52
4.1.1 – Aulas de História na turma do 8º ano	52
4.1.2 – Aulas de Geografia na turma do 9º ano	57
4.1.3 – Os meus diários de aula	60
4.2 – Análise de conteúdo: em que consiste e como se faz?	62
Capítulo 5 – Tratamento da Informação Recolhida	67
5.1 – Análise dos dados na disciplina de História	68
5.2 – Análise dos dados na disciplina de Geografia	75
5.3 – Interpretação dos resultados	80
Considerações finais	83
Bibliografia	87
Sitografia	89
Anexos	

Índice de Figuras, Quadros, Tabelas e Gráficos

Índice de Figuras

Figura 1 – Razões pelas quais o ensino já não é o que era -----	15
Figura 2 – Tipos de diários em função da modalidade de narração que se emprega -----	26
Figura 3 – Dimensões que tornam o diário num recurso expressivo -----	33
Figura 4 – Diferentes níveis de complexidade de análise dos diários -----	35
Figura 5 – Procedimentos a ter em linha de conta na análise de conteúdo -----	37
Figura 6 – Parâmetros para a realização dos diários -----	41
Figura 7 – Motivos para os professores investigarem a sua prática -----	44

Índice de Quadros

Quadro 1 – Condições essenciais na estrutura do diário -----	32
--	----

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Categorias e subcategorias criadas para a disciplina de História e para a disciplina de Geografia -----	64
Tabela 2 – Diários de aula recebidos em cada uma das aulas -----	67

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Recursos/Opinião dos alunos – categoria D -----	70
Gráfico 2 - Opinião dos alunos sobre a aula – categoria E -----	72
Gráfico 3 – Recursos/Opinião dos alunos – categoria B -----	76
Gráfico 4 – Opinião dos alunos sobre a aula – categoria C -----	77

Introdução

O relatório final que apresento tem como principal objetivo fazer uma reflexão acerca da minha prática docente, ouvindo as vozes dos alunos das disciplinas de História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico, através de diários de aula.

Iniciei o meu estágio da prática profissional docente na Escola Básica de Arrifana¹, no ano lectivo de 2011/2012. Quando iniciei o estágio, vários foram os desafios com que me deparei. Desde logo, adaptar-me ao papel de professora, preocupando-me em perceber toda a dinâmica da escola, mas também e, principalmente, em ganhar o respeito e a empatia dos alunos, não descurando, o desafio de decidir a temática a trabalhar no Relatório que agora apresento.

Ao longo da minha formação na Iniciação à Prática Profissional do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, fui sempre pensando no tipo de professora que pretendia vir a ser. Para isto, foi necessário refletir sobre a minha ação, pensar e repensar nas minhas atitudes e comportamentos. Sendo assim, no primeiro dia de Setembro de 2011, já eram várias as hipóteses de trabalho que fervilhavam, mas decidi não arriscar em nenhuma delas enquanto não conhecesse a escola e os alunos com que iria trabalhar, para conseguir refletir e decidir a problemática a investigar.

¹ A Escola Básica de Arrifana (EBA) foi criada pela Portaria nº587/93 de 11 de junho e inaugurada pelo então Secretário de Estado do Ensino Básico, Dr. Joaquim Azevedo. Iniciou a sua atividade no ano letivo de 1993/1994, a 30 de Setembro, com turmas do quinto e sétimos anos. (Retirado em 16/06/2012 na Word Wide Web <http://www.agrupamentoarrifana.com>.) O Agrupamento denomina-se Agrupamento de Escolas de Arrifana – Santa Maria da Feira e é composto por seis Jardins de Infância e seis EB1 e ainda uma EB 2/3, distribuídos por duas freguesias – Arrifana e Escapães, pertencentes a Santa Maria da feira. A EBA tem tido ao longo dos últimos anos cerca de 23 turmas/ano, o que limita a organização dos horários, pois existem apenas 9 salas de aula e 6 salas específicas, motivo pelo qual, tem sido necessário recorrer a outros espaços disponíveis para aulas, tais como salas de trabalho, ateliers e salas do pavilhão. Os alunos são maioritariamente oriundos de famílias com baixas habilitações académicas (4º e 6º anos) e as expetativas das mesmas em relação à escola não são muito elevadas, pois não consideram a escola como um elemento fundamental para o sucesso dos seus educandos no futuro. Constata-se, em alguns casos, que o apoio familiar é muito diminuto, recaindo nos professores todas as tarefas de ensinar, educar e apoiar. Os alunos estrangeiros integram-se com facilidade, sendo apoiados pela comunidade escolar. (Retirado do projeto Educativo – Agrupamento de Escolas de Arrifana, Setembro de 2009, p.4-5)

Foi neste período de reflexão que todas as hipóteses foram colocadas de parte, pois numa das aulas de Seminário falaram-me de diários de aula, o que me despertou a atenção e curiosidade. O que são diários de aula? Qual a sua finalidade? A curiosidade aumentou quando me apercebi que estes diários podiam ser elaborados por professores e por alunos. Mas, o que poderia eu fazer com os diários de aula? Diários de aula de professores ou de alunos? Que informação poderia recolher nesses diários de aula? Várias eram as questões, as dúvidas, as incertezas.

Ainda nada estava decidido, até ao dia em que ao assistir a uma aula dos orientadores, me apercebi que os alunos comentavam os recursos utilizados pelos professores, opinavam sobre os professores e discutiam entre si os conteúdos temáticos que estavam a ser abordados.

Isso fez-me pensar, será que todos os alunos da turma pensam o mesmo? Será que eles gostam de todas as aulas da disciplina? O que mais apreciam e o que menos apreciam? Será que dão importância aos recursos que os professores preparam?

Comecei a relembrar quando era aluna como eles, a recordar aulas, os meus professores e os comentários que fazia e pensei, agora estou a passar para o lado oposto, ia cair nas “garras dos alunos”, fosse pela pouca experiência docente, fosse pela vontade em melhorar e evoluir de acordo com o que é entendido como melhor pelos alunos. Não posso pensar em evoluir com o que é melhor para mim, mas sim com o que é melhor para os alunos, pois é para eles que vou trabalhar e dedicar-me, é a eles que quero chegar e proporcionar aprendizagens significativas². Foi, então, que uma luz se acendeu e pensei numa hipótese de trabalho com os diários de aula elaborados pelos alunos.

² Para Maria Santos a aprendizagem significativa é o novo material ser incorporado de forma substantiva, conexa, não isolada e não aleatória a um corpo de conhecimentos com os quais o aluno já está familiarizado. A autora cita Ausubel que refere que a aprendizagem é sempre ativa e exige a existência de conhecimentos prévios relevantes, uma predisposição do aluno para estabelecer relações significativas e um material a aprender potencialmente significativo. (Santos, p.77) Nesta linha de pensamento, também Mariana Miras argumenta que uma aprendizagem é tanto mais significativa quanto maior o número de relações com sentido que o aluno consegue estabelecer entre os seus conhecimentos prévios e o novo conteúdo que lhe é apresentado como objeto de aprendizagem. (Miras, 2001,p.58) Para Solé e Coll, aprender não é copiar ou reproduzir uma realidade. Perante a conceção construtivista, aprendemos quando somos capazes de elaborar uma representação pessoal sobre um objeto da realidade ou sobre um conteúdo que pretendemos aprender. (Solé; Coll, 2011, p.19) Quando isto acontece, estamos a aprender significativamente. É importante que o professor seja o orientador dentro da sala de aula, lançando desafios aos alunos de forma a construírem o seu conhecimento utilizando os recursos fornecidos pelo professor. Assim, estaremos a proporcionar

Comecei a explorar a ideia e decidi que iria utilizar os Diários de Aula dos alunos como instrumento de trabalho, através do qual recolheria informação e tentaria perceber se eles, alunos, nos podem ajudar a nós, professores, a melhorar o nosso desempenho. Esta escolha ficou ainda mais clara quando comecei a pesquisar sobre a problemática, razões que irei desenvolver no capítulo anterior.³

Assim, a problemática central deste trabalho é perceber como posso melhorar a minha prática através da(s) voz(es) dos alunos recorrendo a diários de aula. Na minha óptica, conhecer as perspetivas dos alunos para poder evoluir na prática faz todo o sentido. Como já referi, qualquer professor trabalha para os alunos, pretende que estes tenham sucesso, logo é sensato darmos voz aos alunos para que possamos melhorar em conformidade com a nossa reflexão e com a reflexão dos “nossos” alunos.

A partir do momento que decidi trabalhar com os diários de aula dos alunos, montei o percurso da investigação no sentido de lhe dar resposta. Contudo, para isto, existem outras questões que é necessário ter em atenção e conciliar com a problemática principal. Questões como:

- Como vêem os alunos as minhas aulas de História e Geografia?
- O processo ensino aprendizagem desencadeado proporcionou a aprendizagem dos conteúdos previamente identificados por mim?
- O que pensam os alunos dos recursos/métodos de trabalho utilizados na aula?
- Como me vêem os alunos enquanto professora de História e Geografia?

Tudo isto surgiu pelo facto de considerar que os alunos são um dos melhores críticos do professor. Ninguém melhor do que eles para nos elucidar sobre os nossos pontos fortes e fracos, para nos ajudar a tomar consciência do nosso processo ensino aprendizagem, se esta ou não adequado ao grupo turma. Trabalhamos para o sucesso dos alunos, mas será que lhe estamos a proporcionar esse sucesso? Será que estamos a caminhar em direção a eles? Foi neste sentido que desenvolvi a investigação e delinee as questões de trabalho que me pareceram pertinentes e necessárias para conseguir obter respostas para a problemática principal.

Todavia, o caminho que decidi seguir constitui um risco, pois os alunos ao terem conhecimento que os seus diários iriam ser lidos pelo seu professor (neste caso, apesar de

aprendizagens significativas aos alunos. Aprender significativamente não é a acumulação de conhecimentos, mas sim estabelecer relações entre os conhecimentos prévios e os novos conteúdos.

³ Ver ponto 1.7 – Porquê e para quê diários de aula neste trabalho?

estagiária, os alunos consideravam-me professora), podem não ser totalmente sinceros, pelos motivos que irei referir na primeira parte deste trabalho.⁴

Assim sendo, este relatório é constituído por duas partes. A primeira parte com os referenciais teóricos, em que me baseei e que serviram de referência para a elaboração deste trabalho, e que se divide em dois capítulos. Num primeiro capítulo abordo o tema “A prática reflexiva no «mundo» da educação”, nomeadamente “A importância da reflexão na educação” e “O professor que pensa, que reflete”. Num segundo capítulo abordo o tema “Diários de Aula como técnica de recolha de informação”, nomeadamente “Diários de Aula: o que são?”, “Tipos de diários”, “Quando escrever um diário”, “Como fazer/escrever um diário?”, “Como analisar os diários?”, “Cuidados metodológicos nos trabalhos com diários” e “Porquê e para quê diários de aula neste trabalho?”.

A segunda parte deste trabalho é dedicada aos referenciais metodológicos e divide-se em três capítulos. O terceiro capítulo refere-se “Os instrumentos de recolha de dados” onde é identificada a amostra de conveniência, qual o instrumento utilizado para recolher informação – diários de aula, e como foi a sua aplicação na disciplina de História, com orientação, e na disciplina de Geografia, sem orientação. No quarto capítulo trato questões como o “Procedimento de recolha de dados” no qual é feita uma descrição das aulas em que foi solicitado aos alunos que elaborassem o diário de aula, e a metodologia de análise “Análise de conteúdo: em que consiste e como se faz?”. O quinto capítulo é relativo ao “Tratamento da informação recolhida” na disciplina de História e na disciplina de Geografia e termina com as “Considerações finais”.

⁴ Ver ponto 2.7 – Porquê e para quê diários de aula neste trabalho?

Parte I – Referenciais Teóricos

Capítulo I – A prática reflexiva no “mundo” da educação

Sendo eu uma professora em iniciação à prática profissional e portanto uma professora em formação, tenho a necessidade de perceber até que ponto consegui comunicar com os alunos e de que forma as minhas aulas lhes permitiram adquirir novos conhecimentos. Pretendo, sobretudo, descobrir que professora quero ser. Mas, este processo exige que reflita sobre a minha prática, sobre as minhas ações, como tal, devo assumir-me como uma professora reflexiva.

Ao longo deste capítulo serão abordados conceitos importantes como o professor que pensa, o professor que reflete sobre a sua ação, o profissional reflexivo. *O que é este movimento da prática reflexiva e qual a razão do seu aparecimento?* (Zeichner, 1993, p.15).

1.1 – A importância da reflexão na educação

Nos últimos anos a sociedade sofreu grandes alterações, tornamo-nos numa sociedade tecnologicamente avançada, numa sociedade de informação em que conseguimos ter acesso a qualquer coisa apenas com um clique. Pode não parecer, mas isto também veio “revolucionar” a educação na escola.

Com o início do século XXI, a educação em Portugal, assim como noutros países, foi alvo de reformas curriculares. Passamos a valorizar a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento. Como afirma Isabel Alarcão “A escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência de cidadania” (Alarcão, 2001, p.18).

Neste contexto, os professores desempenham um papel importante, têm a responsabilidade de formar jovens para que sejam cidadãos ativos. A mudança concetual na sala de aula pretende que o professor leve os seus alunos a descobrir alguma coisa, aliar os conteúdos temáticos às novas tecnologias, levar os alunos a ter contacto com a realidade. É importante que o professor seja o orientador dentro da sala de aula, lançando desafios de modo que os alunos construam o seu próprio conhecimento utilizando recursos fornecidos pelo professor. Como afirma Maria Felisbela Martins, *“é necessário que os professores não sejam mais meros transmissores e executores das decisões centrais do Estado, mas sim que sejam encarados como um dos agentes de um saber colectivo que lhes compete organizar e ajudar a construir. Ou seja, emerge a importância de os professores*

se tornarem cada vez mais autônomos, tomarem decisões, refletirem sobre as suas próprias práticas” (Martins, 2011, p.127).

Nesta linha de pensamento, Perrenoud (2002) afirma que o ensino já não é o que era por variadíssimas razões, como podemos observar na figura 1.

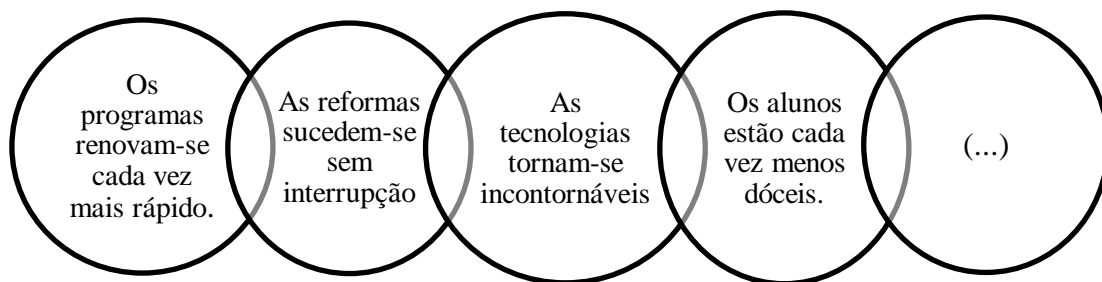


Figura 1 – Razões pelas quais o ensino já não é o que era (Adaptado de Perrenoud, 2002, p.56).

É perante situações como estas, e não só, que a reflexão se tornou um marco importante na educação, tanto para a escola como para os professores. “A reflexão permite transformar o mal estar, as revoltas e os desânimos em problemas, os quais podem ser apresentados e talvez resolvidos com método. (...) A prática reflexiva não é suficiente, mas é uma condição necessária para enfrentar a complexidade” (Perrenoud, 2002, p.57).

A reflexão pode ser um caminho para ajudar os professores a questionarem-se sobre a sua prática. Professores que pensam e repensam essa prática de forma a resolverem os problemas que surgem no processo de ensino aprendizagem. Como afirma Isabel Alarcão *“A reflexão é importante para os educadores, porque têm uma responsabilidade acrescida na compreensão do presente e na preparação do futuro. Compete-nos interpretar na atualidade os sinais emergentes do provir para o qual estamos preparando as nossas crianças e os nossos jovens cuja formação a sociedade, em parte, quis confiar-nos”* (Alarcão, 2001, p.10).

Na linha de pensamento desta investigadora, a escola precisa de uma mudança paradigmática, mas para tal é necessário mudar o pensamento sobre ela. “É preciso refletir sobre a vida que lá se vive, numa atitude de diálogo com os problemas e frustrações, os sucessos e os fracassos, mas também em diálogo com o pensamento, o pensamento próprio e o dos outros” (Alarcão, 2001, p.15).

É importante que a própria escola se torne reflexiva, pois uma escola reflexiva sabe o que quer e qual o caminho a seguir, para Alarcão (2001) é um tipo de escola que se cria pelo pensamento e pela prática reflexiva que acompanham o desejo de compreender a razão de ser da sua existência. Numa escola reflexiva queremos professores reflexivos, responsáveis pela sua autonomia e críticos no seu pensamento. Só assim vamos conseguir formar jovens preparados para enfrentar as dificuldades e despertar-lhes o seu espírito crítico.

Como argumenta Alarcão *“acredita-se que os alunos formados por uma escola com estas características estarão mais preparados para demonstrar resiliência e capacidade de superação diante das dificuldades e para viver criticamente o quotidiano. Habitados a refletir terão motivações para continuar a aprender e para investigar”* (Alarcão, 2001, p. 12).

A reflexão é importante não só porque ajuda o professor na sua formação e na sua evolução enquanto profissional da educação, mas também porque um professor que reflete mais facilmente coloca os seus alunos a refletirem sobre situações que ocorrem dentro da sala de aula. A reflexão permite ao professor conhecer-se melhor e descobrir que tipo de professor é, e ajuda-o a perceber que tipo de professor pretende ser.

Não podemos esquecer que os professores também são educadores. Educam as nossas crianças e jovens, devendo formar cidadãos ativos para uma sociedade cada vez mais competitiva. Em algumas situações os professores são quase como uns pais para os seus alunos, nomeadamente para aqueles que, infelizmente sofrem de carências familiares. Cada vez mais a sociedade deposita responsabilidades nos professores e é por estas razões, entre outras, que os professores se devem tornar professores reflexivos, pois um professor que reflete vai de certa forma influenciar, uns mais outros menos, os seus alunos a refletirem, a pensar. A reflexão na educação é importante, sobretudo porque os professores são educadores.

1.2– O professor que pensa, que reflete

Para Perrenoud (2002) pensar e refletir em alguns contextos podem parecer conceitos idênticos, pelo que se torna necessário diferenciá-los. Mas, nas Ciências Sociais a distinção não é clara. Schön⁵ em vez de contrapor pensamento e reflexão distingue a reflexão na ação e a reflexão sobre a ação. Perante isto, Perrenoud argumenta que a noção de prática reflexiva remete a dois processos mentais que é necessário distinguir:

- *“Não há ação complexa sem reflexão durante o processo; (...) refletir durante a ação consiste em se perguntar o que está acontecendo ou o que vai acontecer, o que podemos fazer, o que devemos fazer, qual é a melhor tática, que desvios e precauções temos de tomar, que riscos corremos”* (Perrenoud, 2002, p.30).
- *“Refletir sobre a ação (...) tomamos a nossa própria ação como objeto de reflexão, seja para compará-la com um modelo prescritivo, o que poderíamos ou deveríamos ter feito, o que outro profissional teria feito, seja para explicá-la ou criticá-la”* (Perrenoud, 2002, p.31).

Para qualquer profissional é importante a ação reflexiva nestes dois sentidos – reflexão na ação e a reflexão sobre a ação -, mas para que isto se torne possível, é necessário perceber o que é a ação reflexiva, em que consiste uma reflexão.

Jonh Dewey⁶ definiu a ação reflexiva como sendo uma *“ação que implica uma consideração ativa, persistente e cuidadosa daquilo em que se acredita ou que se pratica, à luz dos motivos que o justificam e das consequências a que conduz. É uma maneira de encarar e responder aos problemas, uma maneira de ser professor. É um processo que implica mais do que a busca de soluções lógicas e racionais para os problemas. A reflexão implica intuição, emoção e paixão; não é, portanto, nenhum conjunto de técnicas que possa ser empacotado e ensinado aos professores (...)”* (Zeichner, 1993, p.18).

O professor deve ser capaz de questionar a sua própria prática, o que ensinar e como ensinar, estar à vontade de se colocar em causa, para encontrar problemas que de uma outra forma não seriam visíveis e propor soluções para os resolver. O professor reflexivo está constantemente a descobrir-se, é um professor que pensa sobre a sua prática e age de

⁵ Citado por PERRENOUD, Philippe (2002). *A prática reflexiva no Ofício do Professor*.

⁶ Citado por ZEICHNER, Kenneth M. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*.

acordo com essa reflexão. É com esta reflexão – reflexão na ação e reflexão sobre a ação - que o professor vai evoluindo a nível profissional.

Todavia, nem todos os professores estão dispostos assumir-se como professores reflexivos e a colocar em prática a ação reflexiva. É mais fácil assumirmo-nos como professores não reflexivos que Dewey, citado por Zeichner, afirma que “*aceitam automaticamente o ponto de vista dominante numa dada situação*” (Zeichner, 1993, 18).

Eu própria, enquanto professora em formação, não fui capaz de ser constantemente uma professora reflexiva. Nem todos nós conseguimos tornar-nos profissionais reflexivos pois, como afirma Perrenoud “todos nós refletimos na e sobre a ação, mas não é por isso que nos tornamos profissionais reflexivos. (...) Para se chegar a uma verdadeira prática reflexiva, a postura deve-se tornar quase permanente (...)” (Perrenoud, 2002, p.13).

Assim sendo, o professor reflexivo não é aquele que reflete apenas quando encontra dificuldades, mas sim aquele que reflete mesmo quando não tem qualquer dificuldade no seu processo de ensino aprendizagem, refletindo por satisfação.

Para se ser um professor reflexivo deve-se ter em consideração algumas atitudes, que Dewey, novamente citado por Zeichner, diz serem três:

- *Abertura de espírito* - implica ouvir mais do que uma opinião, admitir possibilidades de erro e aceitar possíveis alternativas. Os professores reflexivos estão constantemente a questionar-se sobre o que fazem na sala de aula (Zeichner, 1993, p. 18).
- *Responsabilidade* – implica a ponderação das consequências de uma determinada ação. Na opinião de Zeichner, esta atitude implica que cada um reflita sobre três consequências do seu ensino: consequências pessoais, isto é efeitos do seu ensino nos auto-conceitos dos alunos; consequências académicas, os efeitos do seu ensino no desenvolvimento intelectual dos alunos; consequências sociais e políticas, os efeitos do seu ensino na vida dos alunos (Zeichner, 1993, p.19).
- *Sinceridade* – a abertura de espírito e a responsabilidade devem ser as componentes centrais da vida do professor reflexivo, que deve ser responsável pela sua própria aprendizagem (Zeichner, 1993, p.19).

O professor reflexivo, como afirma Maria Helena Dias-da-Silva (1994), é um professor bem sucedido, porque pensa e repensa sobre os seus fundamentos, os seus sucessos e os seus fracassos e aproveita essa reflexão para alterar o seu ensino. Ou seja, “O

professor age como ser humano pensante, como intelectual, e não como mero executor de tarefas” (Silva, 1994, p.40). Para a autora, é essa reflexão que permite os ajustes necessários para obter o sucesso.

Ainda dentro desta linha de pensamento de encarmos os professores como seres pensantes, como intelectuais, Giroux argumenta que só assim podemos começar a “repensar e reformar as tradições e condições que têm impedido que os professores assumam todo o seu potencial como estudiosos e profissionais ativos e reflexivos” (Giroux, 1997, p.162). Refere ainda que, só quando os professores forem vistos como intelectuais é possível encarar os professores como profissionais reflexivos, pois assim “dignificamos a capacidade humana de integrar o pensamento e a prática”.

Mas voltando à reflexão na ação e à reflexão sobre a ação, há alguns pormenores que devem ficar esclarecidos. Segundo Perrenoud (2002), a reflexão na ação é sobretudo quando temos que tomar uma decisão imediata, se devemos agir desta forma ou de outra. Durante a ação torna-se difícil refletir, nomeadamente para um professor em iniciação à prática profissional. Durante o processo ensino aprendizagem não há muito tempo e nem todos os professores têm o à vontade de refletir. No momento de ter que se tomar uma decisão imediata, como por exemplo iniciar um novo conteúdo perto do final da aula, ter que separar dois alunos porque estão a conversar, nem todos os professores conseguem refletir para o fazer, alguns agem apenas por impulso sem terem feito qualquer tipo de reflexão antes da decisão.

Quando nos distanciamos da ação, refletimos sobre o que aconteceu, realizando uma retrospectiva e uma prospetiva, uma vez que liga o passado ao presente. É retrospectiva porque acontece depois da ação e ajuda a compreender o que resultou ou não. É prospetiva porque ocorre quando se planeia uma nova atividade. Ao distanciar-nos da ação já não nos encontramos sobre a pressão de manter a ordem e a disciplina dentro da sala de aula, pelo que já existe um ambiente mais agradável para se conseguir refletir. Conseguimos reviver tudo o que aconteceu dentro da sala de aula e identificar pormenores que não são visíveis *à priori*.

Contudo, segundo Perrenoud (2002) muitas vezes a reflexão na ação implica uma reflexão sobre a ação, pois podem surgir questões que não podem ser tratadas/resolvidas naquele momento. A reflexão sobre a ação prepara o profissional para refletir de forma mais ágil na ação e para considerar um maior número de hipóteses de trabalho.

Tanto a reflexão na ação como a reflexão sobre a ação nunca são iguais, existem sempre acontecimentos novos, e um mesmo acontecimento pode ter interpretações

diferentes, uma vez que não agimos sempre da mesma maneira e nem todos os professores pensam da mesma forma. “Nem todos os professores são sensíveis aos mesmos acontecimentos ou incidentes. Fora de um contexto definido, qualquer um diria que este ou aquele incidente lhe poderia fazer refletir” (Perrenoud, 2002, p. 42).

Julgo que podemos concluir que a reflexão se pode tornar útil pois permite-nos observar com maior clareza a nossa ação e encontrar com maior pormenor, cada um dos acontecimentos ocorridos, assim como a determinar soluções para os resolver. A prática reflexiva não se adquire de um momento para o outro, é algo que se vai construindo ao longo da nossa prática. A reflexão pode ser um caminho para nos descobrirmos enquanto profissionais, a evoluir e a melhorar a nossa prática, e citando Perrenoud:

“Um profissional reflexivo não se limita ao que aprendeu no período de formação inicial, nem ao que descobriu nos seus primeiros anos de prática. Ele reexamina constantemente os seus objetivos, os seus procedimentos, as suas evidências e os seus saberes” (Perrenoud, 2002, p.44).

O professor pode refletir mentalmente ou então escrevendo sobre o sucedido. Nos últimos anos tem sido realizada investigação nesta área, nomeadamente através dos diários dos professores, que se têm vindo a demonstrar bons instrumentos para fomentar a reflexão e analisar os problemas/dilemas dos professores.

Enquanto professora em formação tentei assumir-me como professora reflexiva, o que nem sempre consegui ser, por vezes refletindo mentalmente outras vezes escrevendo. Contudo, as inseguranças, os medos, a vontade de perceber que tipo de professora estava a ser e se era realmente essa professora que queria ser, levaram-me a ir mais além das minhas reflexões, conduziram-me a ouvir a voz dos alunos recorrendo a diários de aula por eles elaborados. Desta forma, as minhas reflexões e as reflexões dos alunos permitiram-me conhecer a minha prática pedagógica, contactar de perto com pormenores praticamente invisíveis, encontrar soluções para lacunas existentes e, de algum modo, crescer como profissional e como ser humano. Mas, estas questões serão desenvolvidas na II parte deste trabalho, mais propriamente no capítulo V – Tratamento da informação recolhida ponto 5.3 – Interpretação dos resultados.

Capítulo II - Diários de Aula como técnica de recolha de informação

2.1 – Diários de Aula: o que são?

Quando ouvimos falar em diários, imediatamente nos lembramos dos diários da nossa adolescência, do “Meu Querido Diário”. São raras as pessoas que na sua adolescência não escreveram um diário, umas mais do que outras. Contudo, neste trabalho não foi este o tipo de diário com o qual trabalhei, mas sim com diários de aula. Para quem está à margem da problemática deste trabalho, isto pode parecer um pouco estranho, mas não é.

Ora vejamos, frequento o Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, logo lecionei aulas e pretendo continuar a lecionar no futuro. Para refletir sobre as aulas que lecionei optei por recorrer aos diários de aula, de modo a descrever tudo aquilo sobre o qual não me sentiria confortável a dizer em voz alta, mas também as situações em que me senti confortável e à vontade, de forma a refletir acerca das aulas lecionadas. E isto porque um diário de aula permite a reflexão da ação do professor, nos seus fracassos e nos seus sucessos.

Centremo-nos, assim, nesta primeira fase do trabalho sobre: o que são diários de aula?

Segundo Miguel Zabalza⁷ não existe consenso sobre o que é um diário de aula. Existem várias denominações para designar este tipo de documentação – diário de aula, histórico de aula, registo de incidentes, observação da aula. Todavia, nem todos eles se referem exatamente ao mesmo tipo de processo nem acabam num documento similar, apesar de terem muitos aspetos em comum: *“Os diários de aula podem ser usados individualmente ou em grupo, escrito pelo professor ou pelos alunos, abordando temáticas gerais ou temáticas mais específicas. De qualquer uma das formas de uso do diário podemos extrair uma espécie de «radiografia» da nossa prática”* (Zabalza, 2004, p.24). Importa ainda clarificar que os diários de aula podem ser elaborados por professores e por

⁷ Miguel Zabalza, professor da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Santiago de Compostela. Doutorado em psicologia pela *Universidad Complutense de Madrid*, Zabalza tem dedicado grande parte dos seus estudos à questão do currículo escolar. Com reflexões relevantes sobre diversas etapas da educação, algumas delas expostas em livros publicados no Brasil - como é o caso de *O ensino universitário e seus cenários* (2003), *Diários de aula* (2004) e *Qualidade em educação infantil* (1998), todos lançados pela Artmed. Zabalza acredita que, devido a múltiplos fatores, caminhamos na direção de um currículo mais flexível, de modo a atender mais aos interesses da comunidade. Retirado em 07/06/2012 na Word Wide Web <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/166/caminho-da-flexibilidade-233491-1.asp>

alunos. Aos professores possibilita a reflexão sobre a sua prática letiva, ajudando-os a realizar uma avaliação do seu trabalho, a detetar lacunas e ajustar estratégias para as ultrapassar. Aos alunos possibilita uma retrospectiva global da aula, do trabalho do professor, auxilia na avaliação do seu processo de aprendizagem e na reflexão sobre o seu trabalho e conduta em contexto de sala de aula.

Para Isabel Cruz os diários são “uma narrativa escrita de carácter pessoal e espontânea que pode explicitar interpretações, opiniões, sentimentos e vivências ocorridas ao longo de um tempo num contexto de formação pedagógica” (Cruz, 2007, p.198). O diário é considerado como um documento de reflexão pessoal sobre as concepções e práticas de quem o escreve, permitindo a possibilidade de mudança das mesmas.

Zabalza desenvolveu a sua investigação com diários de aula elaborados pelos professores e, refere que “*os diários de aula são os documentos em que os professores e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas*” (Zabalza, 2004, p.13). Para tal, Zabalza deixa algumas observações relativas aos diários de aula:

- Os diários de aula não têm que ser diários. Cumprem a sua função mesmo que a sua frequência seja menor – por exemplo duas vezes por semana, variando os dias para que a narração seja representativa.
- O conteúdo pode ficar plenamente em aberto ou estar condicionado por alguma ordem ou planeamento prévio, isto é, quando se delimita que tipo de informação deve ser recolhida no diário.
- A demarcação espacial da informação recolhida costuma ser o contexto da aula, por isso se designa de diário de aula. No entanto, nada impede que outros âmbitos possam ser refletidos no diário.

Louise Holly (1995) refere que quando os diários incidem sobre os dilemas do processo de ensino aprendizagem, os professores primeiro alteram as suas técnicas e métodos de ensino, mas caso não resolva os problemas ou leve os professores a explorar novos problemas que ainda não tinham descoberto, os professores começam a ter sentimentos desconfortáveis.

A autora refere ainda que “os professores que escrevem na proximidade temporal dos seus pensamentos, sentimentos e descrições pormenorizadas de contexto e situações, a tarefa de descobrir as suas teorias e deslindar as suas histórias é uma aventura com um bom começo” (Holly, 1995, p.94).

Os diários podem ser utilizados com a finalidade investigadora ou com uma finalidade mais orientadora, com vista ao desenvolvimento pessoal e profissional dos professores. Para tal, Zabalza refere quatro domínios do impacto formativo dos diários:

1. Acessos ao mundo pessoal dos professores – os diários permitem aos professores rever elementos do seu mundo pessoal que lhes permanecem ocultos enquanto está envolvido no trabalho. *É uma dimensão “pessoal” do nosso trabalho que constitui uma área “nebulosa” e à qual é difícil chegar. Mas, os diários permitem chegar a essa “nebulosidade”* (Zabalza, 2004, p.17). Escrever sobre si mesmo permite racionalizar a vivência ao escrevê-la, reconstruir a experiência com a possibilidade de distanciamento e de análise.
2. Explicitar os próprios dilemas – Zabalza define o conceito de dilema *como o conjunto de situações bipolares e multipolares que se oferecem ao professor no desenvolvimento da sua atividade profissional* (Zabalza, 2004, p.18). A particularidade dos dilemas está na forma como os professores os identificam e enfrentam. Com os diários é possível perceber quais são os dilemas que mais perturbam os professores, como cada um deles o constrói cognitiva e emocionalmente e que engenho usa para os resolver. Esta é a principal razão pela qual os diários são um excelente caminho para percebermos os dilemas práticos da profissão.
3. Avaliação e reajuste de processos – neste domínio podemos incluir o uso didático do “diário de aula”, podendo ser diários dos alunos ou professores, usado como recurso para registar o andamento da aula, mas também como recurso para a pesquisa e a avaliação dos processos didáticos. Tanto Zabalza (2004) como Porlán (1987) defendem que os diários permitem recolher informação sobre o processo de ensino aprendizagem; acumular informação sobre a aula; descrever factos ou momentos; analisar e refletir sobre os dados e momentos; imaginar/propor soluções; e tratar o próprio texto do diário com o objeto de pesquisa a que são aplicadas técnicas de análise de conteúdo.
4. Desenvolvimento profissional – os diários de aula são um importante recurso para a revisão e análise da prática profissional, porque são instrumentos de “pesquisa-ação” que permitem instaurar soluções para melhorar a atividade profissional. Tudo isto porque nos últimos anos se implementou uma grande importância à reflexão profissional.

Para Miguel Zabalza a *“implicação pessoal na realização do diário é multidimensional e diz respeito à própria semântica do diário (vai aparecendo o que os professores sabem, sentem, fazem, as razões por que o fazem e a forma como o fazem, é o que converte o diário num documento pessoal), como diz respeito ao seu sentido (o diário é antes de tudo alguma coisa que alguém escreve de si para si mesmo: o que se conta tem sentido unicamente para aquele que é ao mesmo tempo autor e principal destinatário da narração)”* (Zabalza, 1994, p.96).

Perante isto, e seguindo a linha de pensamento de Francisco Cordeiro Alves, o diário é uma espécie de *“pensamento em voz alta escrito num papel”* (Alves, 2004, p.224), porque se procura obter uma informação escrita sobre aquilo que os professores pensam durante o processo de planificação ou durante qualquer tipo de atividade por eles desempenhada. Na mesma sequência podemos atribuir também os diários de aula aos alunos, porque *“os diários são um registo de experiências pessoais e observações passadas, identificado como um documento pessoal, em que o sujeito que escreve inclui interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos, sob uma forma espontânea de escrita, com a intenção usual de falar para si mesmo. Os diários são documentos que refletem o retrato, de uma forma detalhada de quem o escreve”* (Alves, 2004, p.224).

Zabalza refere que um último aspeto a ser destacável no diário é o seu carácter longitudinal e histórico, que o diferencia e lhe dá vantagem sobre o resto dos documentos pessoais que ou são pontuais ou são reconstruções de períodos vitais a partir de momentos distantes dos factos narrados. Assim, o diário permite estabelecer uma sequência dos factos a partir da proximidade aos próprios factos. *“No diário, percebe-se o decorrer da ação, mas também o que é mais importante, porque se trata de estudar o pensamento do professor, a evolução do pensamento dos professores ao longo do decurso de tempo percorrido pelo diário. Assim, o diário conserva a sequência, evolução e atualidade dos dados recolhidos”* (Zabalza, 1994, p.97).

Podemos assim concluir que os diários de aula são recursos importantes para professores e alunos refletirem sobre o desenvolvimento da aula, os recursos utilizados, os conteúdos abordados, sentimentos, preocupações, afetos, frustrações, ambientes da aula, o trabalho realizado, atitudes dos alunos. Os diários são instrumentos adequados para registar e transmitir o pensamento dos professores. Através deles, o professor autoexplora a sua atuação profissional, autoproporciona *feedback* e estímulos de melhoria. Para os alunos os diários são importantes porque lhes permitem refletir sobre a construção do seu conhecimento disciplinar, tanto na dimensão conceptual como na dimensão atitudinal.

Tal como já referi, também os alunos podem utilizar os diários para registar a sua experiência pessoal na aula, podendo propor soluções e estratégias para situações que no seu entender não estejam a contribuir para o bom funcionamento da aula ou até mesmo para o sucesso da sua aprendizagem. Através do diário o sujeito/autor desenvolve uma consciência individual da sua própria experiência.

Na ótica de Maria Helena Santos Silva e de Maria da Conceição Duarte, *“O diário de aula consiste num conjunto de narrações que refletem as perspetivas do professor, nas dimensões objetiva e subjectiva, sobre os processos mais significativos da sua ação. A sua realização possibilita uma perspetiva diacrónica das situações vividas pelo professor e, portanto, da sua evolução e desenvolvimento profissional num determinado período de tempo. O desenvolvimento profissional do professor torna-se perceptível através do registo dos pensamentos e sentimentos que este experiencia durante o processo de ensino e das atividades envolvidas na sua preparação”* (Silva e Duarte, 2000, p.2).

No meu entender, esta citação demonstra o que é um diário de aula, qual a sua função e importância que pode ter para o autor, neste caso, para o professor que o escreve. Eu própria já redigi diários de aula e considero que são um bom instrumento de trabalho que nos permite refletir sobre a nossa ação. Como é óbvio, a escrita não é a única via que nos leva à reflexão, não esquecendo que nem todas as pessoas se sentem à vontade para o fazer, todavia, o ato de escrever, à semelhança das imagens, permite o espelhar do trabalho desenvolvido, dos pensamentos, emoções, reações e esforço empregue no trabalho realizado.

2.2 – Tipos de diários

Já percebemos o que são os diários de aula, já sabemos que podem ser elaborados por alunos e por professores. Mas será que os diários são todos iguais ou existem várias modalidades de diários? Com que tipos de diários podemos trabalhar? Quais as linhas orientadoras de cada um deles? São estas as questões que pretendo responder de seguida.

Holly refere que “há muitos fatores que influenciam o modo de pensar, de sentir e de atuar dos professores, ao longo do processo de ensino: o que são como pessoas, os seus diferentes contextos sociais em que crescem, aprendem e ensinam” (Holly, 1995, p.82). A autora cita Sylvia Ashton – Warner quando afirma que “Não é apenas uma parte de nós que se torna professor” (Holly, 1995, p.82). Todos estes sentimentos e atitudes devem ser tomados em consideração na reflexão que fazemos sobre a nossa ação, pois acabam por influenciar a nossa prática. Neste contexto, podem mesmo influenciar a nossa reflexão ou o tipo de diário que possamos estar a elaborar.

Os diários podem variar no conteúdo, na periodicidade e na função que cumprem. Zabalza (2004) cita Holly (1989, p.61-81) para fundamentar e mostrar quais os diversos tipos de diários, consoante a modalidade de narração que se emprega:

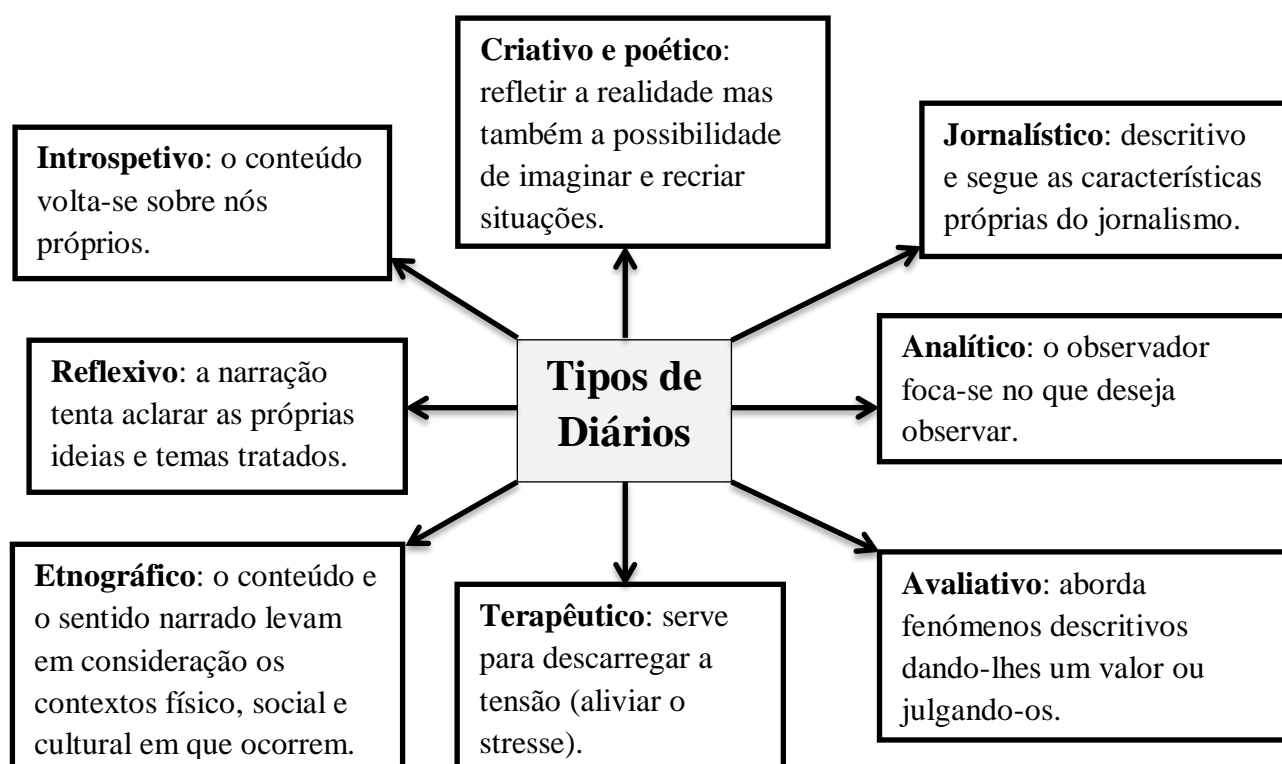


Figura 2 – Tipos de diários em função da modalidade de narração que se emprega (adaptado de Zabalza, 2004, p.15).

Todavia, nem todas estas modalidades de diários de aula têm o mesmo impacto no processo de desenvolvimento profissional dos professores. Para Zabalza há duas variáveis básicas de diários: a **riqueza informativa que o diário apresenta** – é mais rico quanto mais polivalente for a sua informação (o bom do diário é que nele se possa destacar o objetivo descritivo e o reflexivo pessoal); e a **sistematicidade das observações recolhidas** – permitem fazer uma leitura diacrónica sobre os acontecimentos, pelo que se torna possível analisar a evolução dos factos (Zabalza, 2004, p.15).

Com a figura 2 podemos observar que são diversas as modalidades de diários contendo cada um deles as suas próprias orientações. Também neste caso concreto dos diários de aula, Zabalza (2004, p.61) distingue três tipos de diários:

- Diário como organizador estrutural da aula – são planeados com a mera especificação do horário, da organização e da sequência das atividades que se vão realizar. Este tipo de diário como instrumento é pouco interessante e traz pouca riqueza informativa.
- Diário como descrição das tarefas – a sua preocupação está nas tarefas que os professores e alunos realizam na aula. Uns descrevem as tarefas minuciosamente, outros apenas as identificam. Permitem perceber qual a dinâmica das aulas.
- Diário como expressão das características dos alunos e dos próprios professores – centram a atenção nos sujeitos que participam no processo de ensino-aprendizagem. São muito descritivos em relação às características dos alunos, incluem com frequência referências ao próprio professor, como se sente, como atua.

Mas, Miguel Zabalza (2004) também refere que estes três tipos de diários não são exclusivos, podendo também ser encontrados diários mistos – que integram o lado pessoal e profissional do autor. Refere ainda que não podemos falar em bons ou maus diários, mas podemos falar de diários com maior ou menor informação. Tanto o diário centrado nas tarefas como o diário centrado no sujeito podem dar origem a importantes processos de reflexão e desenvolvimento profissional dos professores.

Todavia, do que investiguei sobre a problemática, concordo plenamente com Miguel Zabalza: um diário misto facilita a tarefa do investigador e pode permitir o acesso ao mundo pessoal e profissional do autor. O investigador pode, assim, perceber como se sentia o autor a nível pessoal, como foi evoluindo o seu estado emocional ao longo da aula, quais os seus dilemas, os seus medos e anseios, tanto na planificação da aula como na aula

em si. A nível profissional o investigador pode obter informações sobre os recursos utilizados na sala de aula, como se desenvolveu a aula, quais os melhores e piores momentos da aula, perceber a dinâmica e o desenvolvimento da aula.

2.3 – Quando escrever um diário

Mas, quando escrever um diário? Será que existem momentos próprios para escrever um diário ou todos os momentos são bons? Como sei que é o momento oportuno para escrever um diário?

Segundo Miguel Zabalza qualquer oportunidade pode ser boa para escrever. Mas podemos especificar alguns momentos mais oportunos para escrever o diário. Zabalza (2004) defende que é muito importante escrever o diário quando sentimos que estamos a acumular muita pressão pessoal. Nesta situação, as razões que levam à escrita podem ser diversas, mas o resultado é semelhante: sentimos que estamos a chegar ao nosso limite e as nossas respostas e reações são desproporcionais ao contexto e que escrever pode ser uma saída para a tensão interna. Ao escrever relembramos racionalmente os conteúdos emocionais, o que nos permite ir controlando o nosso estado emocional. O diário não cura nem resolve, não tem efeitos curativos para os nossos problemas mas poderá ajudar a controlá-los. Uma outra situação, que Zabalza (2004) refere como sendo oportuno escrever o diário é quando estamos a participar num trabalho em que seja importante descrever os passos e a evolução das diferentes dimensões do trabalho.

Todavia, Zabalza (2004) também defende que será muito mais proveitoso escrever o diário quando ambicionarmos ou nos sentirmos preparados ou considerarmos conveniente registar dados sobre o nosso trabalho, ou momentos que estamos a viver, com o objetivo de os analisar ou simplesmente registar, com vista a refletir sobre as nossas ações.

O diário pode ser um instrumento de alto valor formativo pelas seguintes razões:

- Obriga a reconstruir o evento ou a sensação narrada; permite reconstruir algo que já passou;
- É um meio de “expressão pessoal”. O ato de ensinar encontra-se inter-relacionado com as variáveis psíquicas do indivíduo/ professor, se tivermos em conta a forte componente emocional envolvida, sendo fundamental alcançar o equilíbrio, condicionante da qualidade do relacionamento interpessoal estabelecido na dualidade professor-alunos. Os diários oferecem uma porta aberta à expressividade e ao autocontrole;
- Aclara um pouco o próprio estilo de trabalho. Quando acabamos de escrever as nossas impressões sobre o que aconteceu, podemos ter uma visão mais clara e

completa do sucedido e, como a narração se torna algo visível e permanente, podemos regressar a ela para a rever e analisar (Zabalza, 2004, p.140-141).

Escrever um diário é um processo, sobretudo, de reflexão, pelo que é necessário estarmos conscientes daquilo que vamos escrever. Devemos construir todo um pensamento/raciocínio lógico para que possamos entender o que escrevemos. Sendo assim, considero que não existem momentos definidos para escrever um diário, existem sim momentos em que sentimos a necessidade de escrever, ou até mesmo momentos em que nos sentimos mais descontraídos para o fazer. Nesta linha de pensamento Isabel Alarcão defende que: *“Só após a descrição do que penso e do que faço me será possível encontrar as razões para os meus conceitos e para a minha atuação, isto é, interpretar e abrir-me ao pensamento e à experiência dos outros para, (...) ver como altero – e se altero – a minha praxis educativa”* (Alarcão, 1996, p.182).

Neste contexto, devemos escrever quando nos sentirmos confortáveis para o fazer, para que assim possamos fazer uma análise interpretativa da nossa atuação e tentar perceber se devemos ou não fazer alterações no nosso processo de trabalho. Só quando conseguirmos fazer isto estamos, verdadeiramente, a refletir sobre o processo e o produto do nosso trabalho. *“Neste processo estou a descobrir-me e a conhecer-me a mim próprio como professor e a conhecer as condições em que exerço a minha profissão para poder assumir-me como profissional de ensino. Mas também neste processo estou a tomar consciência das semelhanças e das diferenças entre o meu processo reflexivo de formação e aquele que proponho aos meus alunos”* (Alarcão, 1996, p.182).

Nos contextos de formação, os diários dos formandos são importantes para descrever todo o processo, tanto as suas atuações como as suas vivências pessoais. Sendo o diário também importante para que o formando possa reorganizar o seu estilo pessoal de trabalho.

2.4 – Como fazer/escrever um diário?

A primeira questão que se coloca neste ponto é a seguinte: *existem características específicas para a redação dos diários que o convertem num recurso adequado para a recolha de dados e reflexão?*

Segundo Ana Catarina Almeida (2011, p. 21), escrever é um processo de pensamento que deixa vestígios, permitindo a análise do objeto e do caminho que o autor percorreu no espaço da imaterialidade ao se relacionar com o objeto. Como escrever implica refletir, conseguem-se assumir diferentes perspetivas de análise sobre um mesmo objeto, dando asas ao sentido crítico e à aprovação ou rejeição consciente, podendo desencadear processos de reescrita.

Escrever um diário ajuda-nos a ter uma perspetiva completa de tudo o que foi realizado e da sua sequência, mas também, a fazer a “leitura” mais profunda e pessoal dos acontecimentos. Escrever sobre o que estamos a fazer como profissionais é um procedimento para nos consciencializarmos dos nossos padrões de trabalho (Zabalza, 2004, p.10).

O diário de aula é um documento pessoal que nos permite perceber qual o caminho que estamos a seguir na nossa prática, neste caso concreto na prática letiva. Através do diário podemos tomar consciência das nossas ações e reações perante determinadas situações que ocorrem em contexto de sala de aula. Ao escrever o diário de aula podemos recordar todo o processo de planificação, mas também todo o desenvolvimento da aula; podemos ainda perceber quais os nossos sentimentos perante este processo da planificação e da aula, perceber quais os nossos dilemas, os nossos medos, os nossos anseios. Mas, escrever não é uma tarefa muito fácil.

Zabalza refere que escrever um diário implica uma dupla categoria de fenómenos – tornar-se consciente da própria atuação ao ter de identificar os seus componentes para os narrar; e possibilita a racionalização das práticas e a sua transformação em fenómenos modificáveis (Zabalza, 2004, p.27). O sujeito ao escrever o diário relembra todo o seu percurso, pelo que se torna consciente das suas ações e reações perante determinados fenómenos. Sendo assim, pode refletir sobre isto e propor soluções para novas situações que possam ocorrer. Todavia, isto não é uma tarefa muito fácil, pois existem muitas pessoas que não gostam de refletir sobre as suas ações, não gostam de admitir que também erram. Escrever um diário serve também para isto, para perceber onde estamos a errar e conseguirmos adequar estratégias para melhorar.

Contudo, a estrutura narrativa do diário é muito flexível, podendo ser escrito da maneira que mais agrade ao autor. Para Isabel Cruz (2004) a escrita do diário pode seguir o estilo pessoal do seu autor segundo os seus interesses e preocupações, até porque professores estagiários não conseguem falar da sua profissão sem falarem deles próprios. No entanto, Zabalza (2004) refere que é importante seguir-se uma certa estrutura para que se adeque à função que o diário pretende desenvolver. Perante isto, aponta cinco pontos essenciais na estrutura que se deve seguir ao escrever o diário:

A Solicitação	A instrução que se dá a quem vai realizar o diário. Caso seja por iniciativa própria é a orientação que queremos dar à narração. Todavia, qualquer orientação é válida desde que coerente. É mais conveniente fazer solicitações abertas, desde que seja o próprio autor a decidir o que contar e como contar. Assim, a construção do diário é mais autónoma e pessoal.
A Periodicidade	Escrever o diário costuma ser uma tarefa difícil em tempo e em esforço pessoal. Daí que escrever o diário todos os dias possa ser excessivo, umas duas vezes por semana seria suficiente, desde que se baseasse em três pontos fundamentais – regularidade (garantir a continuidade e a sistematicidade das anotações); representatividade (os factos narrados serem os mais fieis possíveis da realidade que se pretende contar); continuidade (a nível da estrutura do diário).
A Quantidade	“ <i>Quanto tenho que escrever por dia?</i> ” O melhor é escrevermos em função da nossa capacidade expressiva e da facilidade que temos em lidar com a escrita. O importante é garantir que haja informação suficiente para extrair dela o que o autor pretende refletir.
O Conteúdo	Depende da solicitação que tenha sido feita. Se a solicitação é aberta, qualquer conteúdo pode aparecer no diário. Se a solicitação é fechada os diários terão a informação que foi indicada.
A Duração	“ <i>Durante quanto tempo se deve escrever o diário?</i> ” A duração não deve ser menor que o período ou o processo que pretendemos abranger com o diário. Convém limitar a duração consoante as características da atividade a ser documentada. Todavia, o diário é um recurso que deve ser proposto a médio ou a longo prazo para que seja possível fazer uma análise diacrónica do que se regista no diário.

Quadro 1 - Condições essenciais na estrutura do diário (adaptado de Zabalza, 2004, p.144 a 146).

Escrever o diário é uma tarefa difícil porque implica continuidade no esforço narrativo e um esforço de reconstruir episódios da vida. Zabalza pretendeu utilizar os diários como recurso para aceder ao pensamento dos professores, pelo que importa destacar que distingue quatro dimensões que convertem o diário num recurso de grande potencialidade expressiva:

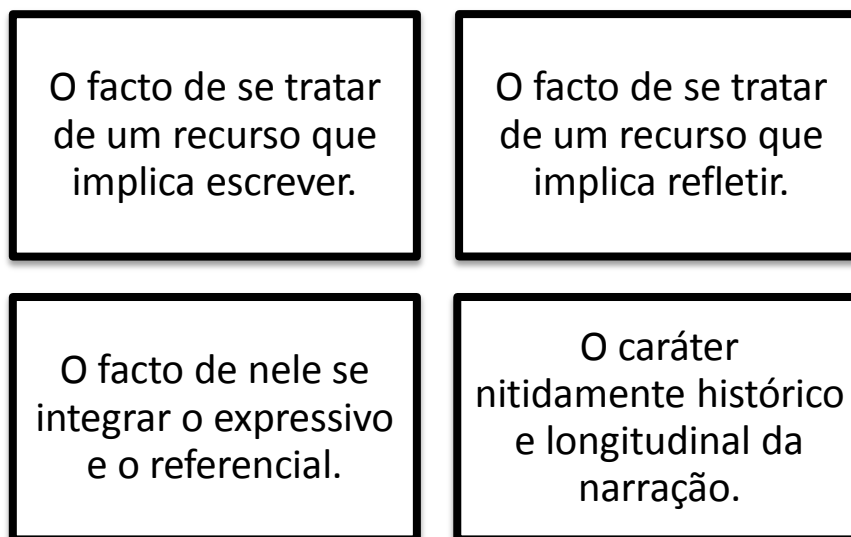


Figura 3 – Dimensões que tornam o diário num recurso expressivo (adaptado de Zabalza, 1994, p. 93).

Zabalza (1994) ao citar Yinger (1981)⁸ salienta quatro características importantes do escrever na perspetiva do diário:

1. O processo de escrever é multi representacional e integrativo - no desenvolvimento da narração escrita, o escritor manipula as diversas formas de acesso à realidade (age, pensa e manipula) (p.93). Quando escrevemos temos que construir o nosso pensamento, pelo que podemos a qualquer momento manipular a informação. Todavia, o mais correto é escrever os factos conforme aconteceram para que possamos ter noção da nossa própria realidade e para que os dados sejam fiáveis para o investigador.
2. No processo de escrever produz-se um feedback auto proporcionado – à medida que quem escreve vai lendo as palavras que acaba de escrever, essas mesmas palavras dizem-lhe se comunicou ou não o que queria (p.94). Escrever, é uma das

⁸ Citado por ZABALZA, Miguel A. (1994). *Diários de Aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores*.

melhores formas para tomarmos consciência da nossa forma de comunicar, uma vez que à medida que vamos escrevendo, vamos lendo o que escrevemos, o que nos ajuda a perceber se, realmente, conseguimos transmitir o que pretendíamos.

3. Escrever requer uma estruturação deliberada do significado – toda a aprendizagem requer que se estabeleçam relações entre a nova informação e a que já se conhece. Ao escrever, o autor não pode deixar de manipular, explicitar e sistematizar, os símbolos que utiliza. Não se pode escrever um diário de modo mecânico e inconsciente (p.94). Quando nos propomos escrever, neste caso em concreto um diário, devemos fazê-lo de forma consciente e esclarecer bem o que pretendemos transmitir.
4. A escrita é ativa e pessoal – a escrita pressupõe uma implicação pessoal. A nível do diário escrito é uma implicação cognitiva que resulta da construção do pensamento (deve-se estruturar, organizar, reler, refletir, modificar). É pessoal porque é o autor que seleciona os temas, define o sentido do texto e expressa a informação de forma a que faça sentido para ele (p.94). Escrever um diário é uma tarefa muito pessoal, é algo nosso e que ninguém faz por nós, daí que seja necessário construir todo um raciocínio à medida que vamos escrevendo, para que não se perca o fio condutor da narração.

Segundo Yinger e Clark (1985) escrever um diário exige uma postura reflexiva que não estava presente no pensamento do professor. A escrita do diário é adequada para pensar e guardar comportamentos ao longo do tempo, fornece um registo escrito de reflexões daquilo que os professores fazem.

Escrever sobre a própria prática leva o sujeito a aprender através da sua narração. Ao escrever a experiência recente, constrói-se e reconstrói-se o discurso prático da atividade profissional – a narração constitui-se em reflexão. (Zabalza, 1994, p.95) O facto do diário ser uma atividade escrita traz consigo a atividade de reflexão necessária à redação do mesmo. Particularizando a situação, o diário é o diálogo que o professor trava consigo acerca da sua atuação nas aulas.

No diário, a reflexão do professor assume dois sentidos – a reflexão sobre o objeto narrado e a reflexão sobre si próprio. Isto é, na reflexão acerca do objeto, o professor pode escrever sobre o processo de planificação, a condução da aula, as características dos alunos. Na reflexão sobre si próprio, o professor pode escrever sobre si próprio, sobre o seu lado mais pessoal, mais íntimo, sendo esta a componente mais expressiva dos diários.

2.5 – Como analisar os diários?

Quando nos propomos realizar a análise de diários, devemos estar cientes de que existem alguns cuidados a ter em linha de conta na análise/interpretação da informação que nos é fornecida pelos diários, visto que não podemos esquecer que os diários são considerados documentos pessoais. Sendo assim, é necessário perceber o que são documentos pessoais.

Na perspectiva de Bogdan e Biklen que se baseiam em Plummer (1983) e em Taylor e Bogdan (1984)⁹, os documentos pessoais são *qualquer narrativa feita na primeira pessoa que descreva as ações, experiências e crenças do indivíduo* (Bogdan e Biklen, 1994, p.177). Esta citação alerta de imediato para os cuidados que se devem tomar ao analisar este tipo de documentos. São informações muito pessoais/intimas que merecem ser analisadas com todo o cuidado.

Na ótica de Diamond (1991) citado por Isabel Cruz (2004), os diários são considerados como “documentos do eu” onde se expressa aquilo que pensamos que somos, o que queremos ser, o que fingimos ser, o que pensamos que os outros pensam de nós. Ou seja, os diários são desabafos/pensamentos do autor, pelo que este tem direito à sua privacidade.

Para Zabalza é fundamental analisar os diários de várias formas, tendo em conta que é possível distinguir três níveis de complexidade na análise dos diários.

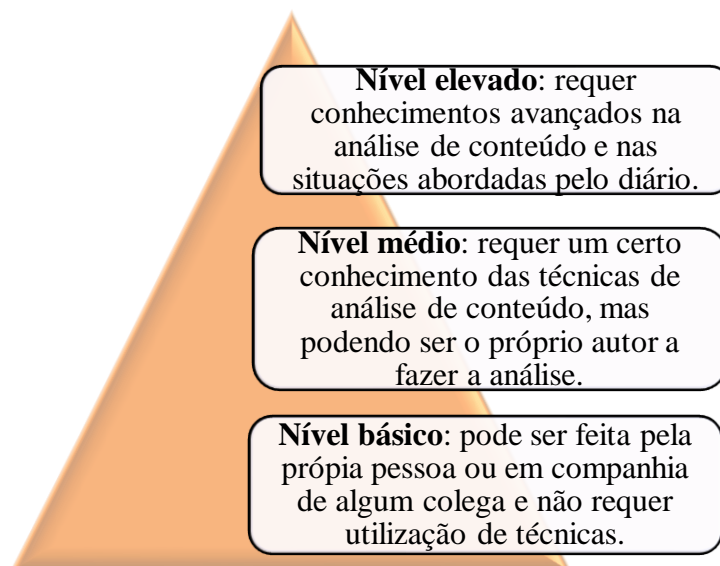


Figura 4 - Diferentes níveis de complexidade de análise dos diários (adaptado de Zabalza, 2004, p.147).

⁹ Citados por BOGDAN e BIKLEN (1994).

Assim, com a observação da figura 4, podemos verificar que os diários são muito manuseáveis, podendo ser analisados de diferentes formas e com diferentes técnicas, podendo mesmo ser analisados pelo seu próprio autor, se assim o pretender. Nesta perspetiva e, seguindo a linha de pensamento de Zabalza, para cada nível de análise dos diários podemos retirar diferentes tipos de informação.

Para o nível básico Zabalza (2004) identifica dois tipos de informação que podemos extrair:

- Construir a impressão geral sobre o que o diário conta – com a primeira leitura dos diários ficamos a conhecer o seu conteúdo/contexto/história. Segundo o autor nesta primeira aproximação aos diários, devemos fazer uma leitura completa e nunca ler apenas as primeiras páginas e fazer deduções do que está escrito nas páginas seguintes. Isto porque a primeira impressão pode-nos ajudar a ter uma noção sobre a realidade “contada” e de quem a conta.
- Analisar os padrões ou as repetições – esta análise será possível com uma segunda leitura dos diários. Nesta análise pretende-se verificar que tipo de ideia se repete, que podem ser relativas à realidade narrada ou à própria estrutura do diário. Aqui, Zabalza refere que se deve verificar se os eventos registados apresentam uma estrutura que se repete; e se a forma de escrever o diário apresenta uma estrutura constante.

No nível médio, o autor (2004) também apresenta dois tipos de informação que podemos retirar dos diários:

- Identificar os pontos temáticos que vão aparecendo e fazer uma leitura transversal deles – neste contexto já podemos identificar a maneira do autor apresentar a realidade, podendo ser analisados os temas abordados como a sua evolução ao longo do processo de escrita. Mas, aqui a análise torna-se mais fina e exige os cinco procedimentos habituais neste tipo de análise:

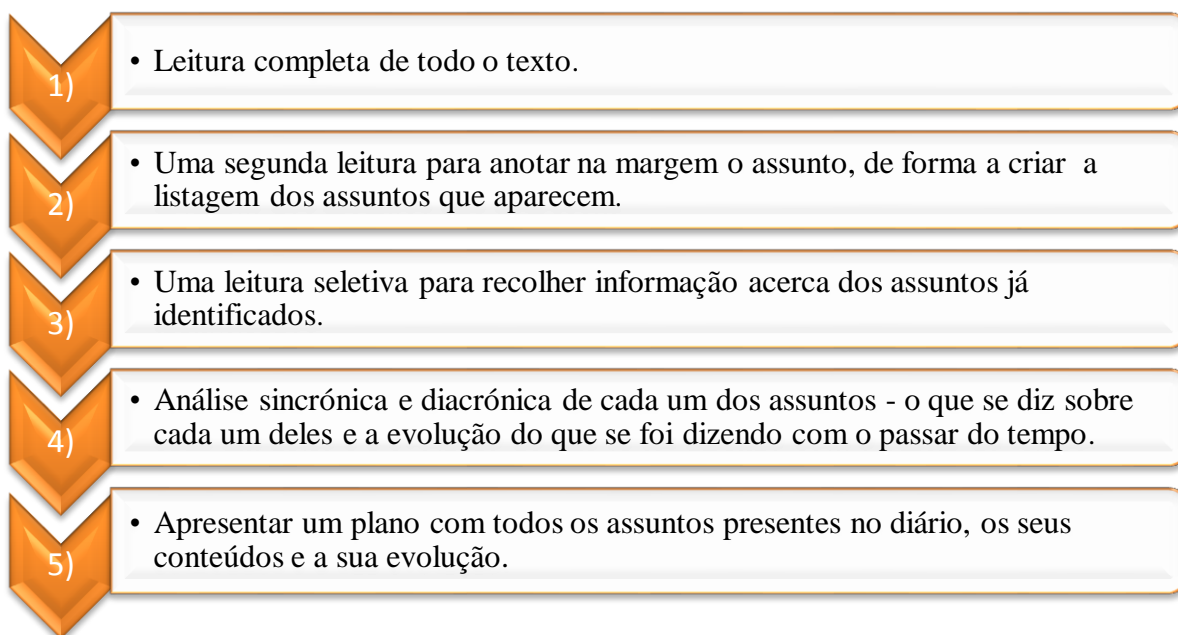


Figura 5 – Procedimentos a ter em linha de conta na análise de conteúdo (adaptado de Zabalza, 2004, p.148-149).

- Analisar qualitativamente os elementos explícitos e implícitos da informação do diário – nesta fase devemos fazer análises mais profundas do conteúdo dos diários. É com esta análise que podemos categorizar o conteúdo dos diários em três níveis diferentes: as descrições (de coisas ou factos); as avaliações positivas e negativas (normalmente são a expressão de opiniões e dos juízos de valor de quem escreve); e identificar as ideias implícitas (podem ser ideias teóricas ou práticas que aparecem ou são sugeridas nos diários).

Por fim, no último nível de análise – nível elevado -, o autor apresenta apenas um tipo de análise que se pode operar sobre os diários:

- Identificar os dilemas profissionais ou pessoais que aparecem no diário – a grande virtude dos diários consiste em poder desvendar os dilemas profissionais e pessoais de quem o escreve. Isto é útil tanto para o investigador que consegue tornar a sua pesquisa mais rica em conteúdo informativo, como para o sujeito que consegue tomar consciência e refletir sobre os seus dilemas, dilemas que, por vezes, ele próprio desconhecia.

Perante este contexto, podemos verificar que com a análise dos diários é possível chegar a informações muito valiosas do ponto de vista investigativo e reflexivo. Aquilo que nos possa parecer inútil pode permitir-nos obter informação para o desenvolvimento da reflexão sobre o processo e o produto da nossa intervenção profissional.

Termino este ponto, referenciando Zabalza (2004, p.150-151) que identifica três condições importantes para a análise dos diários: *evitar as análises superficiais e as análises gramaticais dos textos*, porque o importante não é a qualidade da produção mas sim a riqueza informativa. Este aspeto torna-se muito importante no contexto de ensino, nomeadamente quando são diários de alunos que vão ser analisados pelos seus professores. Devemos também ter a sensibilidade de *proporcionar textos que confirmem as apreciações feitas nos diários*, sendo este facto importante para que no final prevaleça a ideia de quem escreveu e não a leitura de quem analisou. Por último, devemos ter em consideração a *ética do trabalho com diários*, não podendo esquecer que os diários são documentos pessoais que pertencem a quem os escreveu, pelo que não devemos utilizar a sua informação em contexto diferente daquele para o qual foi elaborado. Neste aspeto é importante referir que se deve manter o anonimato, mesmo nos casos em que o seu uso foi autorizado, isto porque o diário não pode ser sujeito a nenhum tipo de avaliação, mesmo que involuntária, que tenha por objetivo retirar qualquer tipo de consequência – positiva ou negativa – para quem o escreveu, até porque, não podemos esquecer, que todos nós avaliamos e criamos juízos de valor, de forma intrínseca e involuntária.

2.6 – Cuidados metodológicos nos trabalhos com diários

Como já referi no ponto anterior, os diários são documentos pessoais sendo necessário ter alguns cuidados na sua análise. Assim, neste ponto irei apresentar os cuidados metodológicos que se devem ter em consideração na elaboração de diários.

Do ponto de vista metodológico, os diários de aula fazem parte de linhas de pesquisa baseadas em «documentos pessoais» ou «narrações autobiográficas». Esta corrente, de orientação basicamente qualitativa, adquiriu grande importância na pesquisa educativa dos últimos anos” (Zabalza, 2004, p. 14). Perante isto, é fácil perceber que trabalhar com diários é um grande risco metodológico devido à natureza dos dados. Quem escreve o diário vai expor um pouco de si mesmo, disponibilizando aos outros um pouco da sua ação diária.

No trabalho com diários é importante ter em atenção dois tipos de precauções – os cuidados técnicos e os cuidados de contextualização pragmática (Zabalza, 1994, p. 97). Os cuidados técnicos estão relacionados, sobretudo, com a validade dos diários. Segundo o autor esta validade centra-se no problema da representatividade das unidades textuais presentes no diário e na incidência da resistência no processo de elaboração do diário (Zabalza, 1994, p. 97). A questão da validade/representatividade afeta os diários da mesma maneira que afeta todas as investigações qualitativas.

Para o autor, a validade é uma condição essencial por dois motivos:

1. Oposição naturalidade versus artificialidade das operações e dos conteúdos implicados no processo de elaboração do diário e no seu próprio conteúdo (Zabalza, 1994, p.98). Existe uma questão que não se pode esquecer quando estamos a trabalhar com diários - *a que o diário responde e o que nele se conta* (Zabalza, 2004, p.47) -, pois o processo de reflexão que dá origem ao diário, pelo qual perpassa o seu autor, vai traduzir o comportamento habitual deste ou vai apenas dar uma resposta à necessidade de escrever o diário. Esta questão é pertinente para *aproximar a técnica do diário ou do âmbito das técnicas naturalistas* (Zabalza, 1994, p.98). Para o autor, esta situação poderia apresentar-se em termos de diferentes modalidades de investigação o que implicava a elaboração de diferentes tipos de diários:

- Se utilizarmos o diário para captar o pensamento habitual dos professores no desenvolvimento das suas aulas, não interessará muito que o instrumento não altere a realidade que com ele queremos estudar (Zabalza, 1994, p.98).

Ou seja, para estudarmos o pensamento que o professor, normalmente, tem no decorrer das suas aulas, não é muito relevante se o diário não altera o pensamento comum do professor.

- Se utilizarmos o diário como fonte de dados para investigar o andamento real das aulas dos professores que o realizam, interessar-nos-á assegurar a fidelidade dos dados que o diário oferece (Zabalza, 1994, p.98). Isto é, para estudarmos o verdadeiro andamento/decorrer das aulas dos professores que elaboram o diário, é importante assegurarmos que os dados que nos são fornecidos pelos diários são fiáveis/verdadeiros.
- Se utilizarmos o diário como instrumento de desenvolvimento profissional dos professores, nem uma coisa nem outra possuem excessiva relevância (Zabalza, 1994, p.98). Se o diário é utilizado como instrumento de desenvolvimento profissional dos professores, é pouco importante se altera ou não a realidade e se os dados são ou não fiáveis. Pois, como refere o autor, se a reflexão do professor for o ponto de partida para a elaboração do diário, significa que o diário logrou um dos seus objetivos mais importantes – *colocar o professor num contexto de racionalidade superior ao que antes possuía* (Zabalza, 1994, p.98). Pode também acontecer que o professor em vez de narrar, construa a realidade que aparece nos diários, isto resulta no detrimento da mensagem do diário, pois o diário é um processo de narrações sucessivas, ao longo das quais nos poderíamos ir apercebendo do próprio estilo do professor. Todavia, isto pode não acontecer caso exista, por parte do autor do diário, uma vontade explícita e sustentada de “enganar” – enganar-se a si mesmo e/ou enganar o destinatário, se o houver (Zabalza, 1994, p.98).

2. *Dimensão da resistência* – este segundo motivo não deixa de estar relacionado com o primeiro, trata-se de observar como é que as pessoas atuam quando não estão a ser observadas. Para tal, e no caso concreto dos diários, Zabalza argumenta que é necessário que os *professores os escrevam para trabalhar sobre eles como material de investigação ou de desenvolvimento profissional, mas com a exigência implícita de os escreverem como se ninguém os fosse ler* (Zabalza, 1994, p.99).

Para a questão da contextualização pragmática, Zabalza define três parâmetros a observar na realização da elaboração dos diários:

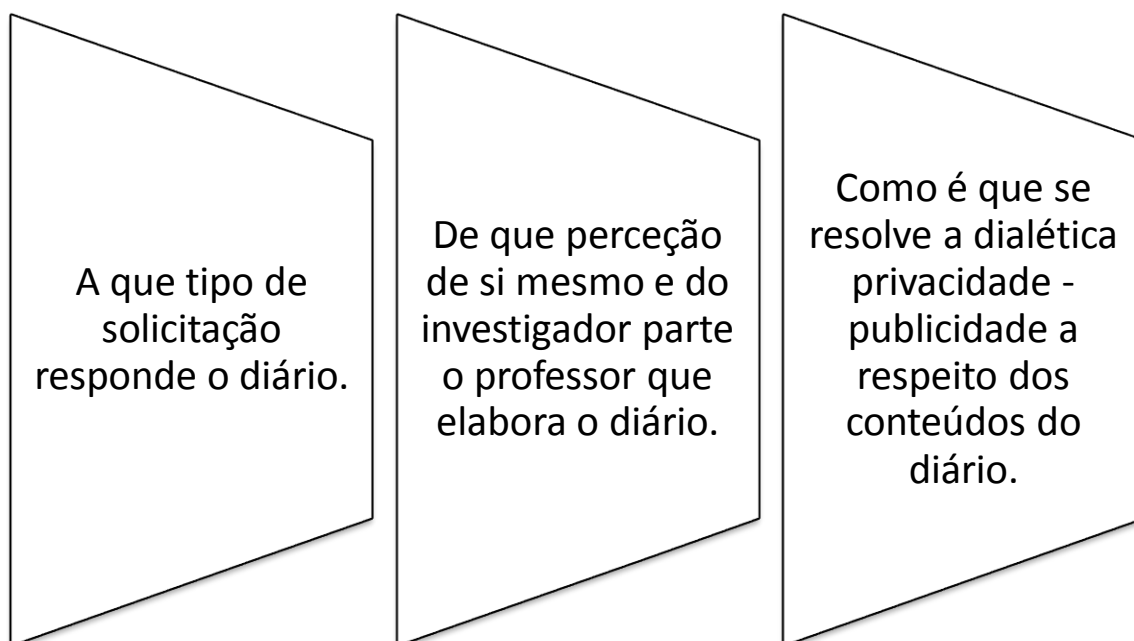


Figura 6 – Parâmetros para a realização dos diários (adaptado de Zabalza, 1994, p.99).

A questão da solicitação pode situar o diário em diferentes contextos. O diário pode surgir como uma atividade inscrita num processo de investigação; como algo realizado por iniciativa do professor; como uma atividade inserida num processo formativo; como um documento para analisar e avaliar os professores. O importante é conseguirmos perceber que os diários apresentados em cada um destes contextos contêm características diferentes uns dos outros. Todavia, isto não altera o contexto pragmático nem compromete a sua validade. Segundo Zabalza, o que pode alterar o contexto pragmático ou comprometer a validade do diário é se *o diário enquanto tal se converte num produto avaliável e o facto de poder decorrer, dessa avaliação, algum tipo de consequências para o redactor do diário* (Zabalza, 1994, p.99).

A definição da situação e da relação converte-se num espaço de intercâmbio, pois ao longo da narração o professor vai travando uma conversa consigo e com os potenciais destinatários do seu relato. A este propósito, salienta Zabalza, é necessário entender que “No diário existe sempre um jogo relacional em movimento, uma negociação de expectativas: primeiro entre o autor e a obra, depois entre o autor e o destino real ou

percebido do seu produto” (Zabalza; 1994, p. 100). Ou seja, no diário existe sempre uma relação, primeiramente, entre o autor e aquilo que está a escrever e mais tarde entre o autor e o resultado final do que escreveu. Isto faz todo o sentido na medida em que se escreve e, simultaneamente, se lê o que se escreve (relação do autor com a obra) e quando terminamos de escrever vamos analisar o produto final (relação do autor com o percebido do seu produto).

O parâmetro da privacidade – publicidade dos conteúdos do diário, é o aspeto mais destacado por quem analisa os diários do lado de fora. Zabalza (1994) refere que é a conceptualização do diário não como documento privado, mas sim como documento pessoal. Além disso, oferecem-se as garantias necessárias para que se saiba qual a informação que pode constituir o corpo público do diário. Salienta ainda que escrever um diário é sempre opcional, tendo em consideração que: *“Em primeiro lugar, o diário nunca entra em sistemas de avaliação. Em segundo lugar, a análise do diário é sempre uma análise negociada. Em terceiro lugar, o professor, que é ao mesmo tempo o autêntico investigador e o principal usufrutuário das análises, continua a ser o dono do seu escrito e este não é utilizável, salvo em contexto de investigação e sempre de forma anónima.”* (Zabalza, 1994, p.101).

Cabe ao sujeito que vai escrever o diário, decidir se quer ou não escrevê-lo e optar por qualquer uma das duas opções, não se constituindo como uma vantagem ou desvantagem, significando unicamente que prefere uma delas. Contudo, para poder decidir, o sujeito deve saber que o seu diário não vai ser avaliado, e que uma possível análise realizada por outrem será uma análise negociada, não sendo o seu conteúdo utilizado, a não ser em contexto de investigação. Em qualquer dos casos, a sua informação será sempre anónima, visto ser algo confidencial.

2.7 – Porquê e para quê diários de aula neste trabalho?

Considero pertinente explicar ao leitor o porquê e o para quê da minha opção em trabalhar com diários de aula. Julgo que ao longo dos pontos abordados, se tornou claro a definição de diários, diários de aula e a pertinência da sua utilização em contexto de ensino. Neste ponto, proponho-me a explicar as razões (fundamentadas) que me levaram a trabalhar com diários de aula.

Como já referi anteriormente, o principal objetivo do diário é fazer com que o seu autor reflita sobre a sua ação. Em meu entender, é muito importante que todos nós, quer trabalhemos ou não em contexto de ensino, reflitamos sobre a nossa ação, o nosso trabalho, o nosso desempenho, as nossas atitudes e até mesmo os nossos sentimentos. O diário permite-nos libertar de emoções negativas, passíveis de provocar angústia ou stress, ou, simplesmente, possibilita a análise do nosso trabalho – escrever o que não conseguimos dizer em voz alta. Contudo, tal como sublinhado em pontos anteriores (nomeadamente no ponto 2.4 – Como fazer/escrever um diário), escrever não é uma tarefa fácil, e escrever um diário torna-se mais difícil quando sabemos que alguém o vai ler.

Para a elaboração deste trabalho, realizei investigação sobre a minha prática através dos diários de aula dos alunos. Podemos, deste modo, concluir que um dos motivos que me levaram a trabalhar com diários de aula, foi precisamente para me envolver na investigação sobre a minha própria prática, no entanto, decidi que não iria investigar através da minha reflexão, mas sim da reflexão dos alunos com os quais trabalhei. Considero, pois, que o público alvo tem sempre uma palavra a dizer, até porque é para eles que trabalho e é a eles que o meu trabalho tem que chegar e surtir efeitos, pelo que será, certamente, pertinente e interessante ouvi-los.

Assim, é importante referir que os diários de aula dos alunos (diários com os quais trabalhei) podem não conter explicitamente tudo o que o aluno pretende, uma vez que este está consciente que o seu diário irá ser lido pelo seu professor. Apesar de o diário ser anónimo, o aluno estará sempre com receio de deixar uma marca que o possa identificar. Contudo, também considero que isto é um pouco relativo, pois há pessoas que têm facilidade de comunicação e dizem tudo aquilo que pensam enquanto outras têm dificuldade em expressar a sua verdadeira opinião.

Porquê e para quê diários de aula neste trabalho? Qualquer pessoa deve refletir, neste caso tanto professores como alunos, sobre o seu desempenho e o seu comportamento. O diário é também uma forma de analisar o nosso trabalho e propor soluções para

melhorarmos. Como refere Ana Alarcão (2001)¹⁰ *“todo o bom professor tem de ser também um investigador, desenvolvendo uma investigação em relação com a função de professor. A investigação sobre a prática é um processo fundamental de construção de conhecimento sobre a mesma prática e, uma atividade de grande valor para o desenvolvimento profissional dos professores que nela se envolvem.”* Perante isto, podemos concluir que qualquer professor que aprecie a sua profissão deve refletir/investigar sobre a sua prática, só assim pode perceber qual é o seu verdadeiro desempenho e se necessário propor soluções para os seus problemas.

Não podemos esquecer, e tal como argumenta João Pedro da Ponte (2001), que um professor tem uma missão, tal como qualquer outro profissional. A missão do professor é ensinar, ensinar algo a alguém. Para concretizar a sua missão, o professor deve atuar em diferentes categorias – “conduzindo o processo ensino aprendizagem avaliando os alunos, contribuindo para a construção do projeto educativo da escola e para o desenvolvimento da relação da escola com a comunidade” (Ponte, 2001, p.1). Como é natural, e perceptível, em diversos contextos, o professor irá deparar-se com diferentes problemáticas, deste modo, torna-se importante que se envolva em investigações que lhe permitam perceber e lidar com os problemas da sua prática.

João Pedro da Ponte apresenta quatro razões para que os professores façam pesquisa/investigação sobre a sua prática:

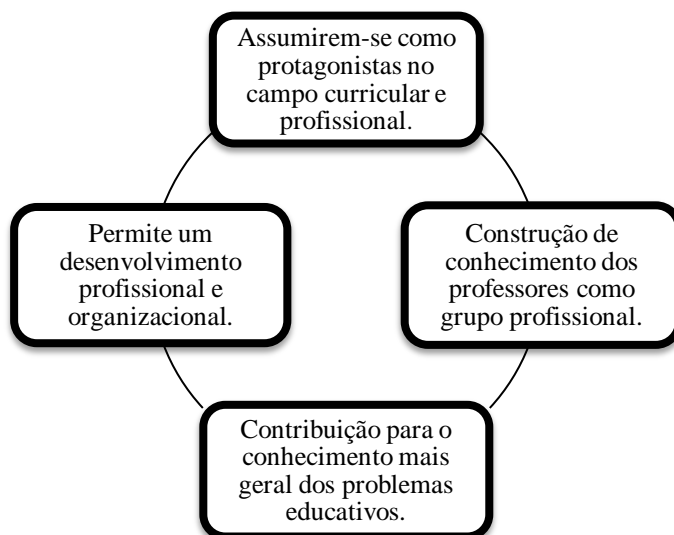


Figura 7 – Motivos para os professores investigarem a sua prática (adaptado de Ponte, 2001, p.4).

¹⁰ Citada por PONTE (2001), p.3

Como podemos observar na figura 7, todos os motivos/razões que levam a que o professor se envolva na investigação sobre a sua própria prática, encontram-se relacionadas/interligadas entre si. Todavia, estas quatro razões podem resumir-se a dois grandes objetivos para investigarmos a nossa prática – “visar alterar algum aspeto da prática; e procurar compreender a natureza dos problemas que afetam essa mesma prática com vista à sua resolução” (Ponte, 2001, p.4 e 5). Este foi também um dos motivos que me levou a trabalhar com diários, na medida em que pretendo encontrar aspetos onde possa melhorar o meu desempenho e descobrir de que modo o poderei fazer. Tendo em conta que esta foi a primeira vez que tive contacto com a prática, existem sempre dúvidas, incertezas. Assim, considereei oportuno investigar a minha ação tendo como base a opinião/reflexão dos alunos.

Zabalza refere que nos últimos anos se tem vindo a “*atribuir muita importância à reflexão, à avaliação ou à aprendizagem como competências profissionais substantivas e necessárias para o desenvolvimento profissional*” (Zabalza, 2004, p.27) e para conseguirmos desenvolver da melhor forma esta tarefa de reflexão sobre a nossa prática, é necessário termos um instrumento que nos permita recolher dados relativos à prática e que nos permita analisa-la e reajusta-la. Para isto, o autor argumenta que “Os diários de aula são importantes neste processo de revisão e análise da prática profissional. Porque são recursos de «pesquisa-ação» capazes de instaurar o círculo da melhoria da nossa atividade como professores. Isto é válido tanto para as competências globais de todo o professor como para as mais vinculadas à nossa própria especialidade” (Zabalza, 2004, p.27).

Julgo que, com este pensamento, é fácil perceber porque é que os diários de aula são importantes para os professores que pretendem investigar a sua prática. Com os diários de aula podemos refletir sobre todo o processo que envolve a aula, reconstruimos algo que já vivemos de modo a podermos analisar o que fizemos, conseguimos observar quais os problemas que tivemos, as dificuldades que sentimos de forma a encontrar saídas/soluções para ultrapassar as dificuldades e lidar com os problemas. Este é mais um objetivo que pretendo alcançar no trabalho com diários, pois no meu entender, também podemos chegar a estas conclusões com os diários de aula dos alunos, visto que à medida que os alunos vão elaborando a sua reflexão/opinião sobre a aula e o que foi tratado na aula, o professor evita que as suas aulas sejam apenas processos de recessão passiva da informação, e pode garantir que os alunos relembrem e reelaborem as questões tratadas na aula. Com isto, os alunos também podem refletir sobre o seu comportamento e o comportamento do professor.

Para reforçar estas ideias, que tanto podem ser válidas para professores como para alunos, refiro Zabalza (2004, p.28) que considera que ao escrever um diário o sujeito passa por cinco fases de formação:

- *O sujeito torna-se mais consciente da sua ação/atos* – isto porque implica que se esteja atento ao que acontece para depois se poder descrever, mas também permite avaliar/analisar as atividades realizadas.
- *Realiza-se uma aproximação analítica às práticas profissionais recolhidas no diário* - isto porque quanto maior for a análise e a aproximação aos factos, mais rica é a sua leitura e as consequências podem ser retiradas em maior número. Daí que os bons diários devem ser ricos no que concerne aos conteúdos e informação que abrange, de maneira a que nos proporcionem uma perspetiva o mais completa possível dos dados escritos.
- *Aprofunda-se na compressão do significado das ações* – isto porque não é apenas importante escrever/refletir sobre como são as coisas, é também necessário referir que sentido têm e como nos afetam (ao sujeito envolvido, ao grupo e até mesmo à instituição no seu conjunto).
- *Possibilitam-se as decisões e as iniciativas de melhoria introduzindo as mudanças que pareçam aconselháveis* – isto é possível através dos dados anotados e do novo conhecimento em relação a eles, porque os diários não costumam ser um simples refúgio de vivências que termina numa narração.
- *Inicia-se um novo ciclo de atuação profissional, uma vez que se vão consolidando as mudanças introduzidas* – é possível iniciar um novo estilo pessoal para realizar o trabalho profissional, à medida que vão ganhando forma as mudanças introduzidas.

Assim, o autor também refere que “para quase todos os professores, escrever o diário tornou-se um valioso instrumento para o seu planeamento e ensino. Ler e refletir sobre o que eles tinham feito tornou-se, para muitos, num poderoso meio de desenvolvimento profissional” (Zabalza, 2004, p.42). Ao escrevermos sobre a nossa prática, estamos a aprender com o produto final da nossa reflexão, construindo e reconstruindo a nossa atividade profissional. Nesta linha de pensamento, considero pertinente citar Isabel Alarcão quando sublinha “*Professor: conhece a tua profissão e conhece-te a ti mesmo como professor para te assumires como profissional do ensino*” (Alarcão, 1996, p. 180). Refletir permite-nos chegar a um melhor conhecimento e a uma melhor atuação.

Ao longo deste ponto, julgo ter clarificado a pertinência do porquê e o para quê dos diários de aula neste trabalho. De uma forma muito geral, os diários de aula ser-me-ão úteis pois através da sua informação, vou conseguir perceber como se desenvolveu a aula, como evoluiu e como nos afetou (a mim e aos alunos), o que me irá permitir realizar ajustes pertinentes ao longo da minha prática profissional. Assim sendo, termino com um pensamento de Zabalza (2004) que julgo resumir tudo o que foi dito até agora:

“Há professores magníficos ainda jovens e há outros, com muitos anos de experiência, que continuam a desenvolver uma atividade deficiente. Não é a prática que gera conhecimento.(...) A boa prática permite avançar para estágios cada vez mais elevados de desenvolvimento profissional, é a prática reflexiva. (...) É isto que um diário pode proporcionar (...), o diário é um processo pelo qual se vai acumulando informação sobre o dia a dia. Informação que será preciosa para podermos revisar todo o período narrado” (Zabalza, 2004, p.137).

Parte II – Referenciais Metodológicos

Capítulo III – Os instrumentos de recolha de dados

3.1 – Diários de aula

Como tenho vindo a referir ao longo deste trabalho, os diários de aula dos alunos neste estudo são utilizados como instrumento de investigação. Assim, a recolha de dados foi efetuada através de diários de aula elaborados pelos alunos, seguindo-se, desta forma, uma metodologia qualitativa.¹¹

A amostra de conveniência é constituída por 21 alunos, do 8º ano na disciplina de História e 26 alunos do 9º ano na disciplina de Geografia.

Solicitei aos alunos que elaborassem cinco diários de aulas correspondentes a cinco aulas por mim lecionadas. Pretendia-se que, em cada um dos diários, os alunos expusessem e explorassem as suas ideias, ao nível dos conteúdos temáticos e dos modos de trabalho pedagógico¹².

Apesar da metodologia de análise ser a mesma na disciplina de História e de Geografia, o mesmo não acontece com a técnica utilizada para a recolha de informação. Na disciplina de História aplicou-se um guião orientador para os alunos melhor elaborarem o diário de aula. Esta orientação é possível ser praticada pois, segundo Francisco Cordeiro Alves, *“a elaboração de um diário pode ser orientada no que se refere á sua estrutura formal, não impedindo que a espontaneidade e a pessoalidade estejam presentes (...) a nível investigativo educacional é frequente estabelecer uma orientação consoante a natureza e características do estudo que se pretende desenvolver”* (Alves, 2004, p.228).

¹¹ Ver capítulo 4 ponto 4.2 – análise de conteúdo: em que consiste e como se faz?

¹² Marcel Lesne é quem mais aborda as questões relacionadas com os Modos de Trabalho Pedagógico (MTP), todavia baseei-me em Maria da Graça Bidarra. Bidarra (2004) cita Lesne quando este afirma que existem três tipos de MTP – MTP1 em que há uma “relação com o conhecimento produzido pela sociedade sábia e que convém difundir”; MTP2 em que há uma “relação com o saber partilhado por toda a sociedade e cujos depositários importa pôr em relação”; e o MTP3 em que há uma “relação de produção pessoal do saber pela apropriação de construções teóricas obtida na sociedade sábia, para favorecer as ruturas e as construções no universo pessoal do conhecimento”. (Bidarra, 2004, p.420) Sendo assim, no MTP1 o poder e o saber estão do lado do formador; no MTP2 procura-se uma relação igualitária; e no MTP3 o formador/professor transfere para as pessoas em formação/alunos o poder de definir o referencial, em relação ao qual são colocadas e resolvidas questões. Estas diferentes formas de relação ao saber ligam-se a diferentes conceções de saber: MTP1 – idealista; MTP2 – empirista; MTP3 – construtivista. (Bidarra, 2004, p.420)

Zabalza também refere que o conteúdo do diário pode ficar completamente em aberto ou ser delimitado por um planeamento prévio, ou seja, quando se delimita que tipo de informação deve ser recolhida no diário (Zabalza, 2004, p.14).

A orientação que planeei para os alunos teve por base dois guiões distintos. Na primeira aula em que os alunos elaboraram o diário, foi-lhes entregue o primeiro guião que iria ao encontro do que pretendia recolher, não só em relação à aula e ao contexto de sala de aula, mas também ao ambiente escolar, nomeadamente, na relação com a escola e os colegas (ver anexo I, p.3). Segundo Zabalza, *“a demarcação espacial da informação recolhida costuma ser o contexto da aula, por isso se chama de diário de aula; mas nada impede que outros âmbitos possam ser refletidos no diário”* (Zabalza, 2004, p.14).

Este guião informava os alunos acerca do objetivo da atividade que lhes estava a ser solicitada e que esta não tinha qualquer finalidade avaliativa. Além disso, o guião continha dezasseis questões orientadoras relativas aos campos de trabalho já mencionados, de forma a ajudar os alunos a organizar as suas ideias para a elaboração do diário de aula, mas também para os orientar na atividade. É importante referir que no guião também tinha informação que os alunos poderiam focar os vários assuntos consoante a ordem que quisessem, não tinha obrigatoriamente que seguir a ordem das questões, assim como dava liberdade aos alunos de abordarem outros assuntos além dos que se encontravam nas questões, desde que os considerassem relevantes e necessários para o seu diário.

Para a elaboração deste guião, para além das minhas próprias questões, com vista a obter respostas ao que pretendia recolher, também me baseie em Robert Bogdan e Sari Biklen (1994) relativamente ao ambiente escolar, ao ambiente humano e ao ambiente de aprendizagem.

Na segunda aula entreguei aos alunos o segundo guião, que serviu de orientação para os diários seguintes. Esta orientação estava mais limitada, pretendendo obter unicamente dados relativos aos conteúdos temáticos e aos modos de trabalho pedagógicos (ver anexo II, p.4), consideradas indispensáveis para o objetivo central deste trabalho. Este segundo guião continha, igualmente ao primeiro, as informações indispensáveis e necessárias para colocar os alunos à vontade na elaboração do seu diário. Contudo, este já não continha as mesmas questões. Agora, limitei a informação a recolher dando apenas orientação aos alunos para o contexto de sala de aula, ou seja para os conteúdos temáticos e os modos de trabalho pedagógico.

Na disciplina de Geografia não houve qualquer tipo de orientação, tendo sido unicamente pedido aos alunos que elaborassem o diário de aula. Tal como esperado, os

alunos nunca tinham ouvido falar de diários de aula, pelo que foi necessário explicar-lhes o que eram diários de aula e qual a finalidade dos diários de aula que iriam elaborar.

É importante ressaltar que, em ambas as turmas, foi dito aos alunos que os diários de aula seriam anónimos e não teriam nenhum peso na sua avaliação, tendo como único objetivo auxiliar a professora estagiária a recolher informação, para elaborar o seu relatório final de estágio.

Capítulo IV – O procedimento de recolha e de análise de dados

4.1 – A recolha de dados

Chegado o momento de recolher a informação, uma das decisões que tive de tomar prendeu-se com a definição da amostra a considerar nesta parte do estudo de caso. Inicialmente pretendia fazer o estudo na mesma turma, tanto na disciplina de História como na disciplina de Geografia.

Contudo, simultaneamente pretendia obter dados junto de uma turma em final de ciclo, uma vez que esses alunos já se encontrariam num nível de desenvolvimento intelectual mais avançado que os alunos em início de ciclo, possuindo, ou devendo possuir, maior capacidade para corresponder ao que lhes seria solicitado. No entanto, a única turma que tinha em comum era de início de ciclo, 7º ano.

Assim, descartei a hipótese de fazer o estudo numa única turma tendo optado por uma turma em final de ciclo (9º ano) na disciplina de Geografia e uma turma intermédia (8º ano) na disciplina de História, tendo, deste modo, ficado definido o público alvo a quem iria solicitar a elaboração do diário de aula.

4.1.1 – *Aulas de História na turma do 8º ano*

A carga horária da disciplina de História no 8º ano, na EBA, é de cento e trinta e cinco minutos, ou seja, uma unidade letiva e meia por semana.

A primeira aula de História em que os alunos elaboraram o seu diário, foi a primeira de quatro aulas consecutivas (duas de 90 minutos e duas de 45 minutos), que lecionei à turma no segundo período. Nestas quatro aulas foram lecionados os conteúdos temáticos relacionados com a unidade didática “F1 – O Império Português e a Concorrência Internacional”.

A primeira aula realizada, no dia 10 de janeiro de 2012, foi uma aula de noventa minutos (ver anexo III, plano de aula, p.5). Esta aula foi planificada em torno de oito momentos didáticos (MD) relacionados com os conteúdos temáticos – Os Impérios Peninsulares e a União Ibérica. O primeiro MD teve por objetivo realizar o elo de ligação com a aula anterior e iniciar a unidade didática, analisando o mapa do manual “Os impérios coloniais peninsulares nos meados do século XVI”. O mapa foi utilizado com a

finalidade de estabelecer a relação dos conteúdos temáticos com as unidades didáticas anteriores, e identificar as causas da crise do Império Português do Oriente.

Todavia, este primeiro MD foi continuado por dois momentos didáticos subsequentes, que o complementaram, na medida em que no segundo foi analisado um gráfico com as saídas de barcos da “Carreira da Índia”, de Lisboa para o oriente entre 1500 e 1679, em que podemos verificar a decadência e relacionar com as causas da crise do Império Português, identificadas no MD anterior.

O terceiro MD consistiu na exploração de um gráfico referente à entrada de metais preciosos em Espanha entre 1500 e 1650. Assim, enquanto Portugal entrava em decadência, Espanha entrava no caminho do apogeu.

Os recursos utilizados nestes três MD estavam em suporte digital organizados num PowerPoint. Depois de concluídos estes MD foi elaborado um esquema síntese em diálogo com os alunos.

Os três MD que se seguiram estavam relacionados com os conteúdos temáticos da União Ibérica. No quarto MD os alunos visualizaram parte do filme “Da União Ibérica à Restauração”, retirado do *Youtube*¹³. Com este filme os alunos identificaram as causas que levaram à União Ibérica. A visualização do filme foi acompanhada por uma ficha de visionamento ativo.

Durante a correção da ficha de visionamento ativo, que terminou com a elaboração de um esquema síntese, os alunos identificaram os candidatos ao trono após a morte do Cardeal D. Henrique e compararam esta crise dinástica com a crise dinástica do século XIV. No sexto MD, ainda com a correção da ficha de escuta ativa, os alunos identificaram as promessas feitas por Filipe II nas Cortes de Tomar, quando aclamado rei de Portugal.

O sétimo MD teve como único fim informar que ao longo da aula seria elaborado o esquema síntese em diálogo com os alunos. Por último, no oitavo MD os alunos elaboraram um comentário à situação-problema da aula.

A segunda aula, 12 de janeiro de 2012, foi apenas de quarenta e cinco minutos, planificada em seis MD relativos aos conteúdos temáticos da crise do Império Espanhol e a Restauração da Independência de Portugal (ver anexo IV, plano de aula, p.9).

Ao iniciar a aula estabeleceu-se um diálogo com os alunos de forma a criar um elo de ligação entre a aula anterior e a presente aula. De seguida, os alunos observaram e analisaram o gráfico, da aula anterior, relativo à entrada de metais preciosos em Espanha

¹³ <http://www.youtube.com/watch?v=RteSYzxB4w>

entre 1500-1650, com a metodologia de perguntas orientadoras, tendo os alunos sido levados a descobrir as causas da crise do Império Espanhol.

No terceiro MD, os alunos leram e interpretaram o documento do manual “Descontentamento com o domínio Filipino”, de modo a identificarem as causas que levaram os portugueses a desejar a independência.

A Guerra da Restauração desencadeou vários motins, tendo sido o mais importante o Motim de Évora (1637) mais conhecido como a Revolta do Manuelinho. Assim, o quarto MD foi o estudo deste motim em diálogo com os alunos.

No MD que se seguiu os alunos analisaram a imagem “Aclamação de D. João IV como rei de Portugal” de maneira a explorarem o acontecimento de 1 de dezembro de 1640 – Restauração da Independência de Portugal. O último MD foi a elaboração do esquema síntese da aula através do diálogo professora alunos.

Todos os recursos utilizados na aula estavam em suporte digital, organizados em PowerPoint.

A terceira aula, realizada a 17 de janeiro de 2012, teve a duração de noventa minutos e foi supervisionada. Os conteúdos temáticos abordados disseram respeito à ascensão económica e colonial da Europa do Norte (ver anexo V, plano de aula, p.12). A aula foi planificada em nove MD, sendo o primeiro para fazer a síntese da aula anterior e o elo de ligação com a presente aula, utilizando o diálogo como recurso.

Seguiu-se a análise do documento do manual “A ascensão das Províncias Unidas”, para identificar as razões que permitiram a ascensão da Holanda. Este MD foi sustentado pelos dois MD seguintes. No terceiro, com a análise do mapa do manual que representava as rotas do comércio Holandês do Oriente, os alunos localizaram as rotas estratégicas da Holanda que colidiram com os interesses ingleses. E no quarto MD os alunos visualizaram uma imagem que representava a Companhia das Índias Orientais, e através do diálogo foi explorada a imagem identificando-se as companhias comerciais e a sua importância.

O quinto MD teve como finalidade tornar a aula mais dinâmica e mais centrada nos alunos. Os alunos realizaram uma atividade de pares respondendo a duas questões orientadoras da aula, sucedendo-se à sua correção. Com a correção das questões elaboramos a primeira parte do esquema síntese da aula.

No sexto momento foi projetada uma imagem do Corsário Francis Drake, servindo para identificar os primeiros passos que Inglaterra deu para se tornar na maior potência económica da época. Seguiu-se a interpretação do documento “O Ato de Navegação”, para se perceber em que consistiu tal ato e qual a sua importância para Inglaterra se afirmar

como a maior potência colonial e marítima. No oitavo MD, os alunos completaram um pequeno texto projetado referente à afirmação do Império Inglês.

Para terminar, em diálogo com os alunos foi abordada a Guerra dos sete anos, entre 1757-1763, da qual Inglaterra saiu vitoriosa, anexando mais territórios ao seu império. No final deste MD foi elaborado a segunda parte do esquema síntese da aula. Todos os recursos utilizados estavam em suporte digital organizados num PowerPoint.

A quarta e última aula que lecionei à turma neste período, no dia 19 de janeiro de 2012, foi de quarenta e cinco minutos e os conteúdos abordados estiveram relacionados com o capitalismo comercial (ver anexo VI, plano de aula, p.16). Esta aula foi planejada com quatro MD, tendo o primeiro como objetivo elaborar a síntese da aula anterior e servindo como elo de ligação com a aula presente, através do diálogo professora alunos.

No segundo MD, a professora com perguntas orientadoras levou os alunos a descobrir as razões para a criação das instituições financeiras. No terceiro, os alunos interpretaram o documento “O Banco de Amesterdão”, acompanhado de uma imagem que representava o interior da bolsa de Amesterdão. Assim, os alunos identificaram as instituições financeiras e a sua importância.

A aula terminou com a elaboração do esquema síntese da aula, através de um diálogo professora alunos. Todos os recursos utilizados estavam em suporte digital organizados num PowerPoint.

Ao longo destas quatro aulas, solicitei aos alunos que elaborassem o seu diário de aula. Todavia, devo salientar que os alunos não elaboraram o seu diário de aula na própria aula, mas sim em casa. Isto porque o programa da disciplina de História é extenso e a carga horária da disciplina é diminuta, pelo que a disponibilização de quinze a vinte minutos de uma aula de quarenta e cinco minutos, ou mesmo de noventa minutos, iria implicar que não se abordassem os conteúdos temáticos estabelecidos no programa da disciplina atrasando, assim, o cumprimento do programa curricular¹⁴.

¹⁴ Fundamentando esta minha abordagem, vejamos a reorganização curricular do ensino básico no decreto-lei nº6/2001 de 18 de janeiro. Nesta reorganização curricular foram disponibilizadas para a área das Ciências Humanas e Sociais 2,5 blocos semanais de noventa minutos, em média, para cada ano de escolaridade do terceiro ciclo, ou seja: no 7º ano noventa minutos para História e noventa minutos para Geografia; no 8º e 9º anos igualmente, podendo os professores de cada uma das escolas em reunião de departamento decidir qual das disciplinas vai beneficiar dos restantes quarenta e cinco minutos. Com o decreto-lei nº209/2002, foi novamente reorganizado o currículo, mas nada se alterou para as disciplinas de História e Geografia, em relação ao que ficou estipulado no decreto-lei nº6/2001. Mas, o que se tem sucedido é que o programa da

Ao mesmo tempo, como professora em iniciação à prática profissional e como principiante no campo da investigação, não me apercebi como esta situação poderia levar à perda de informação e até mesmo obter informação manipulada, pois os alunos poderiam conversar entre si ou até elaborarem o diário de aula em conjunto, pelo que alguns deixaram-se influenciar pelas opiniões dos colegas não escrevendo a sua verdadeira opinião. Assim como, ao identificarem os conteúdos temáticos abordados na aula, alguns alunos limitaram-se a copiar o sumário da aula. Sendo assim, nem todos os alunos me entregaram o seu diário de aula e, alguns alunos limitaram-se a escrever o sumário da aula para identificar os conteúdos temáticos.

No terceiro período, apenas lecionei uma aula à turma. Foi uma aula de noventa minutos, a 24 de abril de 2012, em que iniciamos a unidade didática “G1 – A Revolução Agrícola e o Arranque da Revolução Industrial”. Foi uma aula planificada com nove MD referentes aos conteúdos temáticos das revoluções agrícola e demográfica (ver anexo VII, plano de aula, p.18), tendo no primeiro MD a professora lançado o desafio aos alunos para durante a aula se imaginarem nobres ingleses com grandes propriedades e tentarem perceber as grandes transformações ocorridas nas suas propriedades e no seu seio familiar.

No segundo MD, os alunos leram e interpretaram o documento do manual “Antes e depois das *Enclousures*”, de modo a identificarem a função das *enclousures* e as transformações que provocaram na agricultura e nas paisagens.

Seguindo-se a leitura e a interpretação do documento do manual “A rotação de culturas”, de maneira a explorarem algumas das inovações técnicas ocorridas e aplicadas na agricultura. O quarto MD completou os momentos didáticos anteriores, em que através do diálogo professora alunos, foram identificadas e estudadas as restantes inovações técnicas.

No quinto MD, os alunos responderam à primeira questão orientadora da aula, em trabalho de pares. Com a sua correção iniciou-se a elaboração do esquema síntese da aula.

Iniciou-se um novo momento, em que os alunos analisaram o gráfico do manual “A revolução demográfica em Inglaterra”, onde identificaram os fatores que permitiram o crescimento demográfico. Esse MD foi completo com o MD seguinte, em que os alunos analisaram o mapa do manual “As grandes cidades da Europa de 1600 a 1800” e, relacionando o crescimento das cidades com as revoluções agrícola e demográfica, os

disciplina de História, ao contrário do programa da disciplina de Geografia, não tem sofrido alterações, sendo extenso para a carga horária que lhe é disponibilizada.

alunos chegaram facilmente às razões do êxodo rural. No final deste MD foi concluído o esquema síntese da aula.

O oitavo MD teve por finalidade referir que ao longo da aula seria construído um esquema síntese. O nono MD, ao contrário do sucedido nas quatro aulas anteriores, os alunos elaboraram o diário de aula. Assim, ao longo destas cinco aulas que lecionei na disciplina de História, os alunos, quer em casa quer na sala de aula elaboraram os diários de aula.

4.1.2 – Aulas de Geografia na turma do 9º ano

A carga horária da disciplina de Geografia no 9º ano, na EBA, é apenas de noventa minutos semanais, ou seja uma aula por semana.

A primeira aula de Geografia, em que os alunos elaboraram o seu diário, foi a primeira de três aulas consecutivas que lecionei no segundo período à turma. Nestas aulas foram lecionados os conteúdos temáticos referentes à Unidade Didática “Interdependência entre espaços com diferentes níveis de desenvolvimento”.

Apesar das aulas serem de noventa minutos, na primeira aula, datada de 13 de fevereiro de 2012, apenas lecionei quarenta e cinco minutos, uma vez que nos primeiros quarenta e cinco minutos a aula foi lecionada pela minha colega de estágio e os alunos estiveram a terminar as apresentações dos trabalhos de grupo sobre o tema Países desenvolvidos versus Países em desenvolvimento. Sendo assim, planifiquei uma aula para quarenta e cinco minutos, distribuídos por cinco MD (ver anexo VIII – plano de aula, p.22).

O primeiro MD foi apenas para lançar o desafio aos alunos “Conhecer o mundo onde não queremos viver, mas que existe”, como forma de lhes despertar a curiosidade para a unidade didática que se iria iniciar. No segundo MD, os alunos refletiram sobre a questão “O que significa ser pobre?” e, posteriormente partilharam as suas ideias com a turma e a professora.

Seguiu-se o MD em que os alunos visualizaram dois pequenos filmes, retirados do *Youtube*, sobre os contrastes de desenvolvimento. Nestes filmes, foi possível observar alguns dos obstáculos ao desenvolvimento.

No quarto MD, os alunos elaboraram o seu diário de aula. Convém referir que o diário de aula não diz respeito aos noventa minutos da aula, mas sim aos quarenta e cinco minutos da aula que eu lectionei.

A aula terminou com a elaboração do sumário pelos alunos, o que funcionou como síntese da aula. Ao longo desta aula, o diálogo foi o recurso principal, onde os alunos construíram a aula com as suas opiniões e comentários, tendo eu sido unicamente orientadora.

A segunda aula, de 27 de fevereiro de 2012, foi planificada em dez MD relacionados com os conteúdos temáticos os obstáculos ao desenvolvimento (ver anexo IX – plano de aula, p.25). Os três primeiros MD tiveram por objetivo verificar as presenças, registar quem realizou ou não o trabalho de casa e a correção do trabalho de casa, utilizando a técnica do *brainstorming*, em que os alunos identificavam os obstáculos ao desenvolvimento, tendo sido os mesmos, comutativamente, registados no quadro.

No quarto MD, os alunos visualizaram um pequeno filme, retirado do *Youtube*, que se constituiu como uma síntese dos conteúdos anteriormente identificados. Depois de visualizado e discutido o filme, surgiu o quinto MD, no qual foi questionado aos alunos a pertinência de completar em contexto de aula o esquema síntese, elaborado como trabalho de casa. A finalidade foi entender até que ponto os alunos conseguiram identificar todos os obstáculos ao desenvolvimento.

No sexto, sétimo e oitavo MD foram projetados alguns mapas relativos a algumas doenças, para que os alunos identificassem e localizassem os países mais afetados pela falta de assistência médica, um mapa sobre a Educação, de modo a que os alunos localizassem os países com elevados índices de analfabetismo e, foram projetadas algumas imagens sobre o trabalho infantil e a discriminação das mulheres em alguns países, para que os alunos pudessem analisar e refletir um pouco sobre estes problemas.

O nono MD teve por finalidade a elaboração dos diários de aula e o décimo MD a elaboração do sumário. Nesta aula utilizamos recursos em suporte digital organizados em PowerPoint, exceto o filme que não fazia parte deste.

A terceira aula e última neste período, 5 de março de 2012, foi planificada em dez MD sobre os conteúdos temáticos: as soluções para os obstáculos de desenvolvimento (ver anexo X, plano de aula, p.28). O primeiro e o segundo MD tiveram como objetivo a verificação das presenças dos alunos e a realização da síntese da aula anterior.

No terceiro MD, os alunos lembraram o filme da última aula, sobre os obstáculos ao desenvolvimento, no qual já haviam sido apresentadas algumas soluções. Assim, foi iniciado o estudo das soluções com vista a atenuar os contrastes de desenvolvimento.

Com o quarto MD, os alunos recordaram a atividade realizada na escola sobre os Objetivos do Milénio. Foram projetadas algumas imagens referentes aos objetivos do milénio, para dar a conhecer aos alunos qual a sua contribuição para melhorar a qualidade de vida da população. Prosseguiu-se um momento em que os alunos visualizaram uma pequena parte do filme “Amor Sem Fronteiras”, onde foi possível visualizar a angariação de fundos para os países em desenvolvimento; o campo de refugiados e a chegada de alimentos e medicamentos. Assim, os alunos puderam observar, refletir e discutir as suas ideias e identificar algumas ONG’S (Organizações não governamentais) e OG’S (organizações governamentais).

No sexto MD, os alunos analisaram um mapa sobre a ajuda pública ao desenvolvimento, localizando os países que recebem mais ajuda. Posteriormente, com a análise de um gráfico identificaram os países mais doadores de ajuda pública ao desenvolvimento.

No sétimo e oitavo MD, os alunos visualizaram um pequeno filme, retirado do *Youtube*, sobre o comércio justo. Seguindo-se a sua análise e interpretação, em que os alunos identificaram as razões pelas quais o comércio justo é vantajoso para os países em desenvolvimento.

Para terminar a aula, os alunos elaboraram o seu diário de aula e o sumário. Ao longo da aula, com exceção dos filmes, todos os recursos estavam em suporte digital e organizados num PowerPoint.

No terceiro período lecionei duas aulas sobre a unidade didática “Ambiente e Sociedade – O Estado do Planeta”. A primeira aula, 16 de abril de 2012, foi planificada com oito MD sobre os problemas do planeta (ver anexo XI, plano de aula, p.32).

O primeiro MD teve como objetivo a verificação das presenças dos alunos, enquanto que no segundo, os alunos foram desafiados a refletir sobre “Como andamos a tratar a nossa «casa»? Será que a estamos a preservar?”.

No terceiro MD, os alunos visualizaram o videoclip “Earth Song” do Michael Jackson, para sintetizar os MD anteriores e lançar os próximos.

Nos MD que se seguiram, os alunos realizaram uma atividade de pares, em que tiveram que selecionar algumas imagens, fornecidas pela professora, sobre os problemas do planeta. Posteriormente, os alunos apresentaram as imagens escolhidas identificando o

problema do planeta representado. Consoante os alunos apresentavam o seu trabalho a professora ia registando no quadro os problemas do planeta identificados pelos alunos.

O sexto MD seria para sistematizar todos os MD anteriores, através da visualização de uma parte do documentário da BBC “O Estado do Planeta – Porque há uma crise?”.

No entanto, nesta aula não houve a possibilidade de realizar o sexto MD, porque o quinto prolongou-se mais tempo do que estava planeado. Assim, na aula seguinte seria mostrado o filme aos alunos.

O sétimo MD foi para os alunos elaborarem o diário de aula e o oitavo para elaborarem o sumário.

A segunda aula, de 23 de abril de 2012, foi planificada com oito MD sobre o Estado do Planeta (ver anexo XII, plano de aula, p.35). O primeiro e o segundo MD tiveram como objetivo verificar a presença dos alunos e realizar a síntese da aula anterior.

No terceiro MD, foi explicado aos alunos o significado de pegada ecológica e solicitado que identificassem algumas medidas com vista à sua diminuição. No quarto MD, os alunos calcularam a sua pegada ecológica, através do resultado das respostas do questionário projetado, realizando um comentário à sua pegada e apontando algumas soluções com vista à sua redução.

No quinto MD, os alunos elaboraram uma pequena reflexão/comentário sobre “O Estado do Planeta”, no qual deveriam ter em consideração os assuntos abordados na aula.

Prosseguiu-se a visualização o documentário da BBC, que não havia sido apresentado na aula anterior, servindo-se do mesmo para sistematizar e realizar o enquadramento dos problemas sociais e ambientais que constituem um todo.

Por último os alunos elaboraram o diário de aula e no oitavo o sumário.

À semelhança das aulas de História, nas aulas de geografia os alunos realizaram os diários de aula. Porém neste caso, estes foram todos realizados em espaço de sala de aula.

4.1.3 – Os meus diários de aula

Devo salientar que em ambas as disciplinas não foram só os alunos que elaboraram os referidos diários de aula, também eu os redigi no final de cada uma das aulas, com vista a realizar uma reflexão acerca das aulas lecionadas, por forma a identificar eventuais erros e ajustar estratégias para os ultrapassar.

Em todas as aulas tentei desenvolver um processo ensino aprendizagem de modo a motivar os alunos e que eles adquirissem os conceitos abordados. Tentei criar um diálogo

com os alunos em que estes interagissem comigo e mesmo entre eles, de modo a serem eles a terem um papel muito mais ativo e eu apenas uma simples orientadora do saber.

No entanto, será que o processo ensino aprendizagem foi o mais adequado para as turmas em análise? Será que permiti aos alunos que adquirissem novos conhecimentos? Será que os recursos utilizados foram os mais adequados e bem explorados?

Agora, em retrospectiva, verifico que em algumas das aulas, em ambas as disciplinas, utilizei demasiados recursos que, provavelmente, não foram devidamente explorados. Isto porque, nas aulas de História o PowerPoint continha um excesso de mapas, documentos escritos e iconográficos, assim como utilizei demasiados documentos escritos e iconográficos do manual que por vezes não foram bem explorados, pelo que se tivesse utilizado menos documentos, estes poderiam ter sido melhor explorados e quem sabe as aulas teriam sido mais produtivas para os alunos. O mesmo aconteceu na disciplina de Geografia, com o excesso de filmes, imagens e mapas utilizados em cada uma das aulas. Esta situação, provavelmente, aconteceu sucessivamente, porque como já referi no Capítulo 1, não consegui ser uma profissional reflexiva, pois não consegui estar constantemente a refletir sobre a minha prática. Agora, que refleti sobre as aulas já lecionadas, concluo que um único recurso, desde que seja bem explorado, pode ser suficiente para uma aula.

No entanto, apesar de ter elaborado os meus diários de aula no final de cada uma das aulas lecionadas, estes por vezes não são verdadeiras reflexões acerca do processo ensino aprendizagem, mas sim meras descrições das aulas. Ou seja, tenho diários em que me limitei a descrever passo a passo do que foi acontecendo na aula, não levantando qualquer problema nem propondo soluções para eventuais lacunas. Assim como, tenho diários em que, simplesmente descrevo o meu estado de ansiedade e nervosismo antes e durante a aula, tentando colocar hipóteses para perceber tal ansiedade e stresse. Poucos são os diários em que faço uma reflexão acerca do processo ensino aprendizagem e coloque soluções para melhorar a minha prática.

A maioria das soluções que necessitava foram encontradas nos diários de aula dos alunos, como veremos no capítulo V – Tratamento da informação recolhida.

4.2 – Análise de conteúdo: em que consiste e como se faz?

A técnica de análise utilizada para analisar os diários de aula dos alunos foi a análise de conteúdo, que faz parte da análise qualitativa. Segundo Jorge Vala (1999), a análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de informação, podendo ser utilizada em pesquisas que reportam a qualquer dos níveis de investigação empírica. Para o autor “a análise de conteúdo tem a enorme vantagem de permitir trabalhar sobre a correspondência, entrevista aberta, mensagens dos mass media, etc, fontes de informação preciosas e que de outra forma não poderiam ser utilizadas de maneira consistente (...)” (Vala, 1999, p.107).

Optei por esta análise para conseguir mostrar de forma rigorosa os resultados de toda a informação obtida através dos diários, pois segundo Quivy e Campenhoudt “a análise de conteúdo permite, quando incide sobre um material rico e penetrante, satisfazer as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva, que nem sempre são facilmente conciliáveis” (Quivy; Campenhoudt, 1992, p.227).

Depois de recolhidos todos os diários dos alunos, procedi à sua codificação. A codificação é importante, pois segundo Bardin (2004) *tratar o material é codificá-lo*. O autor cita O.R. Holsti¹⁵ quando refere que “a codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo” (Bardin, 2004, p.97). Neste caso específico a codificação tem como função a organização dos diários e permitir identificar cada uma das citações retiradas dos diários ao seu respetivo diário.

Para codificar os diários segui os seguintes passos: 1ª aula, diário 1, 2, 3 e assim sucessivamente – exemplo: 1D1, 1D2, 1D3; ou 2ª aula, diário 1 – exemplo 2D1; e assim sucessivamente. Devo salientar que o primeiro diário pode não corresponder ao aluno número um, assim como o primeiro diário da primeira aula pode não corresponder ao mesmo aluno do primeiro diário da segunda aula e assim sucessivamente, uma vez que os diários são anónimos.

De seguida, procedi à leitura «flutuante» que como menciona Bardin é a fase de “estabelecer contacto com os documentos a analisar, conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações. Pouco a pouco a leitura vai-se tornar mais precisa, em função das hipóteses emergentes (...)” (Bardin, 2004, p.90). A leitura flutuante permitiu-me verificar que a informação era imensa, pelo que era necessário recorrer ao sistema de

¹⁵ Citado por BARDIN, Laurence (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70

categorização. As categorias são importantes neste processo, porque permitem simplificar o material em análise. “A categorização tem como primeiro objetivo fornecer uma representação simplificada dos dados brutos” (Bardin, 2004, p. 112).

Segundo Bardin (2004) o critério de categorização pode ser semântico (todos os temas que tenham o mesmo sentido, por exemplo as que significam ansiedade, ficam agrupados na categoria ansiedade), sintático (verbos, adjetivos), lexical (classificação das palavras segundo o seu sentido) e expressivo (categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem).

Com a leitura flutuante foi sendo possível criar logo à partida, tanto para a disciplina de História como para a disciplina de Geografia, categorias: o que foi tratado na aula e os recursos utilizados. Após uma leitura mais detalhada, foi possível criar as categorias relacionadas com a opinião dos alunos acerca da aula e da professora. Todavia, para a disciplina de História foi necessário criar mais duas categorias: relação com a escola e relação com os colegas. Estas duas categorias não existem na disciplina de Geografia pelo facto de não ter existido nenhuma orientação nesse sentido, tal como ocorreu na disciplina de História.

Quanto à definição da unidade de análise, optei pela unidade de registo que é constituída de acordo com o que Vala defende por “a palavra, a frase, uma personagem, a intervenção de um locutor numa discussão, uma interacção ou ainda um item” (Vala, 1999, p.114).

O passo seguinte prendeu-se com a transcrição de toda a informação a computador. Ao transcrever a referida informação organizei-a por categorias e com o respetivo código do diário. Contudo, neste processo de transcrição, deparei-me com demasiada informação que necessitava de ser bem/ melhor organizada, com vista a não perder nenhum dado importante. Para tal procedi à criação de subcategorias. Deste modo, a informação ficou mais organizada e com uma melhor leitura e interpretação.

É importante referir que a informação retirada dos diários foi transcrita tal e qual foi redigida pelos alunos, e os erros ortográficos não foram alvo de correção.

Também as categorias e subcategorias foram alvo de codificação, tendo a cada uma delas sido atribuída uma letra.

Categorias/Subcategorias	
História	Geografia
Relação com a escola (A) <ul style="list-style-type: none"> A1 – Escola com boas condições A2 – Escola pequena 	<p>-----</p>
Relação com os colegas (B) <ul style="list-style-type: none"> B1 – Relação nas aulas B2 – Relação nos intervalos 	<p>-----</p>
O que foi tratado na aula (C) <ul style="list-style-type: none"> C1 – Disputa dos mares C2 – Impérios peninsulares C3 – União Ibérica C4 – Afirmação do capitalismo comercial C5 – Restauração da Independência C6 – ascensão da Europa do Norte C7 – Companhias Comerciais C8 – Revolução agrícola C9 – Revolução demográfica C10 – Arranque da revolução industrial C11 – Renascimento C12 – Aquisição do conhecimento/Houve algum conteúdo que não perceberam 	O que foi tratado na aula (A) <ul style="list-style-type: none"> A1 – Contrastes de desenvolvimento A2 – Soluções aos obstáculos de desenvolvimento A3 – Objetivos do milénio A4 – Ambiente e sociedade A5 – Problemas e Estado do Planeta A6 – Pegada ecológica A7 – Aquisição d conhecimento/Houve algum conteúdo que não perceberam
Recursos / Opinião dos alunos (D) <ul style="list-style-type: none"> D1 – PowerPoint D2 – Esquemas Sínteses D3 – Filmes D4 – Manual D5 – Exercícios/Atividades D6 – Diálogo 	Recursos / Opinião dos alunos (B) <ul style="list-style-type: none"> B1 – PowerPoint B2 – Filmes B3 – Exercícios/Atividades B4 – Apresentação trabalho de casa B5 – Esquemas sínteses

<ul style="list-style-type: none"> • D7 – Úteis no processo ensino aprendizagem 	<ul style="list-style-type: none"> • B6 – Diálogo • B7 – Trabalho de grupo • B8 – Úteis no processo ensino aprendizagem
<p>Opinião dos alunos sobre a aula (E)</p> <ul style="list-style-type: none"> • E1 – Gostaram da aula • E2 – Aulas semelhantes • E3 – Não gostaram da aula 	<p>Opinião dos alunos sobre a aula (C)</p> <ul style="list-style-type: none"> • C1 – Gostaram da aula • C2 – Não gostaram da aula • C3 – Aulas semelhantes • C4 – Despertar de uma consciência cívica • C5 - Comportamento
<p>Opinião dos alunos sobre a professora (F)</p> <ul style="list-style-type: none"> • F1 – Organização das aulas • F2 – Esclarece dúvidas • F3 – Linguagem acessível • F4 – Atitude/Postura da professora • F5 – Conselhos dados à professora 	<p>Opinião dos alunos sobre a professora (D)</p> <ul style="list-style-type: none"> • D1 – Atitude/postura da professora • D2 – Conselhos dados à professora

Tabela 1 – Categorias e subcategorias criadas para a disciplina de História e para a disciplina de Geografia

Estas categorias dizem respeito a dois campos de estudo principais – conteúdos temáticos e modos de trabalho pedagógico, como já salientei no capítulo III. Como podemos verificar na tabela 1, as categorias criadas são as mesmas para ambas as disciplinas. Para cada uma destas categorias existem, como já referi, subcategorias codificadas da seguinte forma – exemplo categoria A, as subcategorias são A1, A2, A3; categoria B, as subcategorias são B1, B2, B3 e assim sucessivamente (ver anexo XIII – grelhas de análise de conteúdo de História, p.37 e anexo XIV- grelhas de análise de conteúdo da disciplina de Geografia, p. 75).

Devo referir que na unidade de registo, no início de cada uma das citações dos diários de aula coloquei uma codificação. Isto porque, antes da elaboração destas grelhas de análise de conteúdo, foram elaboradas outras tabelas, nas quais no final de cada uma das citações dos diários de aula coloquei uma enumeração, com a finalidade de elaborar estas

tabelas finais (ver anexo XIII, p.37 e anexo XIV, p.75). Assim, estas tabelas contêm a categoria, a subcategoria, a unidade de registo, o código do diário e o nº de ocorrências.

A codificação significa a unidade de registo, a categoria e a subcategoria a que corresponde, por exemplo A1-1, significa que é a primeira unidade de registo da categoria A e corresponde à primeira subcategoria. Deste modo será mais fácil verificar e identificar o código do diário de aula, caso pretendamos confirmar a informação transcrita.

Considero que este sistema de codificação que elaborei é de fácil leitura e ao mesmo tempo necessário para uma melhor interpretação dos resultados obtidos. Pois assim, é mais fácil verificar o número de ocorrências para cada uma das subcategorias e também observar de imediato quais as unidades de registo que dizem respeito a cada uma das subcategorias

Capítulo V – Tratamento da informação recolhida

No presente capítulo apresenta-se a análise e interpretação dos resultados obtidos, para tentar perceber até que ponto os diários de aula dos alunos me ajudarão a melhorar a minha prática.

Como já referi é necessário conciliar a problemática geral do trabalho com outras mais específicas¹⁶. Assim, na análise que elaborei dos resultados foi esta conciliação que fiz, de maneira a conseguir chegar a algumas conclusões.

A análise e interpretação dos resultados foram elaboradas no global das aulas, tanto da disciplina de História como na disciplina de Geografia. Contudo, especificarei algumas aulas/situações que considere pertinente e necessário para uma melhor compreensão dos resultados obtidos.

Como já referi no capítulo III¹⁷, a minha amostra é constituída por 21 alunos do 8º ano na disciplina de História e por 26 alunos do 9º ano na disciplina de Geografia. Todavia, o número de diários recebidos por aula não equivale ao número de alunos, sobretudo na disciplina de História, como podemos verificar na tabela 2. Convém referir que a turma do 8º ano é constituída por 21 alunos, no entanto, só viria a receber o máximo de 20 diários de aula, uma vez que um dos alunos beneficiava de acompanhamento por parte do ensino especial e não apresentava capacidades para fazer parte desta amostra.

História		Geografia	
Aulas	Diários	Aulas	Diários
10 janeiro 2012	15	13 fevereiro 2012	24
12 janeiro 2012	20	27 fevereiro 2012	26
17 janeiro 2012	18	5 março 2012	26
19 janeiro 2012	16	16 abril 2012	26
24 abril 2012	19	23 abril 2012	26
Total	88	Total	128

Tabela 2 – Diários de aula recebidos em cada uma das aulas

¹⁶ Ver Introdução

¹⁷ Ver ponto 3.1 – Diários de aula

Com a tabela 2 podemos verificar que na disciplina de História, apenas na segunda aula consegui obter a totalidade dos diários, enquanto que na disciplina de Geografia, apenas na primeira aula não obtive a totalidade porque os alunos faltaram. Sendo assim, obtive um total de 88 diários de aula na disciplina de História e 128 diários de aula na disciplina de Geografia, para realizar a minha investigação. Esta discrepância prendeu-se com o facto de na disciplina de História os alunos terem realizado maioritariamente os diários de aula em casa, e nem sempre os terem entregue.

Enquanto que na disciplina de Geografia os alunos realizaram o diário de aula na própria aula e todos entregaram, à exceção da primeira aula em que estavam em falta dois alunos.

Para responder às minhas questões, tenho dois campos de estudo: conteúdos temáticos e os modos de trabalho pedagógico. Em ambos foram criadas categorias e subcategorias, de maneira a obter respostas. Com estes dois campos de trabalho foi-me possível perceber se o processo de ensino-aprendizagem terá ou não sido o mais adequado.

Em alguns diários a informação é diminuta ou pouco relevante. Isto poderá ter ocorrido, porque a introdução ao MD em que os alunos iriam elaborar o diário de aula poderá não ter sido realizado da melhor maneira, apesar de em ambas as disciplinas ter explicado aos alunos a importância da sua contribuição, e solicitado que ao elaborarem os referidos diários, escrevessem e refletissem pormenorizadamente.

Uma outra justificação poderá estar relacionada com a fraca capacidade de expressão escrita dos alunos, uma vez que ao longo do ano letivo verifiquei que os alunos tiveram dificuldades em se expressar tanto oralmente como por escrito, sendo exemplo disso, o défice ao nível da organização escrita dos diários, que dificultou a sua leitura, e os erros ortográficos.

5.1 – Análise dos dados na disciplina de História

Como já referi no capítulo anterior¹⁸, na disciplina de História existem duas categorias que não existem na disciplina de Geografia: Relação com a escola e Relação com os colegas.

Na relação com a escola, a maioria dos alunos referem que a escola tem boas condições e bons professores. Os restantes dizem que a escola é pequena e que poderia ter

¹⁸ Ver capítulo 4, ponto 4.2 – Análise de conteúdo: em que consiste e como se faz?

mais salas de aula, para que os alunos não tivessem que ficar na escola até tão tarde (ver anexo XIII – Tabela 1: Análise de conteúdo dos diários de aula elaborados pelos alunos na disciplina de História ao nível da relação com o meio, p.37).

Quanto à relação com os colegas, todos os alunos referem ter uma boa relação com os colegas, tanto nas aulas como durante os intervalos. Nas aulas apoiam-se mutuamente e nos intervalos aproveitam para conversar e se divertir (ver anexo XIII – Tabela 2: Análise de conteúdo dos diários de aula elaborados pelos alunos na disciplina de História ao nível da relação com os colegas, p.39).

No campo dos conteúdos temáticos, através da análise de conteúdo dos diários de aula dos alunos (ver anexo XIII – Tabela 3: Análise de conteúdo dos diários de aula elaborados pelos alunos na disciplina de História ao nível dos conteúdos temáticos, p.41), pude constatar que, de forma direta ou indireta, à exceção de um, todos os alunos identificaram os conteúdos temáticos abordados nas aulas.

Os conteúdos mais mencionados pelos alunos foram os Impérios Peninsulares, seguindo-se a Afirmação do Capitalismo Comercial e a Ascensão da Europa do Norte. O motivo deste número mais elevado de ocorrências estará relacionado com o facto de, ao longo de quatro aulas consecutivas terem sido abordados os conteúdos temáticos relacionados com a Unidade Didática “O Império Português e a Concorrência Internacional”, pelo que os conteúdos mais mencionados foram abordados, direta ou indirectamente, nas quatro aulas.

No que respeita à subcategoria C12 – “Aquisição de conhecimento / Houve algum conteúdo que não perceberam”, num total de oitenta e oito diários, apenas onze se inserem nesta subcategoria. Os onze casos referem que perceberam os conteúdos abordados, não tendo existido qualquer conteúdo que não tenham compreendido.

No campo dos modos de trabalho pedagógico, através da análise de conteúdo dos diários de aula (ver anexo XIII – Tabela 4: Análise de conteúdo dos diários de aula elaborados pelos alunos na disciplina de História ao nível dos modos de trabalho pedagógico, p.50), os recursos mais mencionados pelos alunos foram o PowerPoint e os Esquemas Sínteses, como podemos verificar no gráfico1.

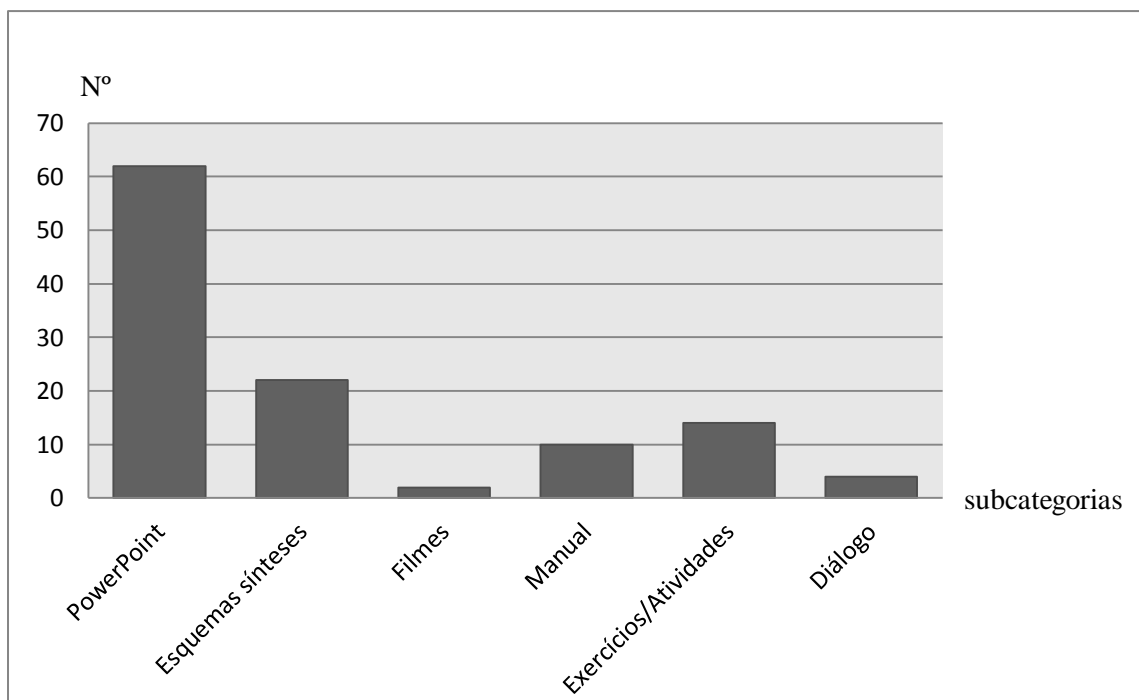


Gráfico 1 – Recursos/Opinião dos alunos – categoria D

No meu entender, estes foram os recursos mais mencionados porque ao longo de quatro aulas consecutivas foi utilizado o PowerPoint como recurso e em todas as aulas foram elaborados esquemas sínteses das aulas, para os alunos registarem no caderno diário. Neste sentido, penso que poderemos considerar o esquema síntese mais como uma estratégia utilizada na aula, do que propriamente um recurso.

O filme, apenas foi mencionado por dois alunos. Confesso que fiquei surpreendida, pois na aula os alunos mostraram interesse, referiram ter gostado, estiveram empenhados em percebê-lo para conseguirem responder à ficha de escuta ativa, e nas aulas seguintes chegaram mesmo a mencionar que gostaram mais da aula em que foi mostrado o filme.

Em relação ao Manual, os alunos não mencionaram, diretamente, o manual como recurso utilizado, referem que foram analisados documentos do manual. Todavia, como já estava à espera, na última aula em que o único recurso utilizado foi o manual, a maioria dos alunos não considerou o manual como recurso. Aqui, é necessário ter em atenção o que é que os alunos consideram como recurso didático? E será que eles sabem o que são recursos didáticos? Ou consideram apenas como recurso algo que a professora leva para a aula através do qual explora/explica os conteúdos temáticos? Pois bem, isto leva-me a questionar por que razão, os alunos não consideram o manual como recurso? Na minha

óptica penso que é por ser algo de uso pessoal diário, não sendo nada de novo que a professora leva para a aula.

Perante isto, o PowerPoint também não é nenhuma novidade e os alunos consideram-no um recurso? Realmente é verdade, mas o PowerPoint é preparado pela professora, os alunos não sabem o que vão visualizar nos diapositivos. Logo, cada diapositivo que passa é uma novidade para eles e, se o PowerPoint estiver bem elaborado e atrativo chega mesmo a despertar a curiosidade dos alunos. Mas, também pode acontecer que os alunos estejam já habituados a aulas dadas através de PowerPoint que sabem que é um recurso importante para a sua aprendizagem.

Perante esta situação, posso concluir que o PowerPoint foi o recurso mais significativo para os alunos, pois permitiu uma melhor compreensão dos conteúdos temáticos e passo a citar alguns excertos dos diários:

"Sim acho que sim porque a medida que a professora mostrava powerpoints explicava cada diapositivo e assim percebíamos melhor até, por mim, à medida que iam lendo alguns documentos ou isso no fim a professora explicava cada um deles e perguntava se alguém tem dúvidas." (D7-2 - 1D4)

"O power-point esclareceu tudo sobre as dúvidas (não tinha quase nenhuma), a professora também entregou umas fichas sobre a matéria, assim será mais fácil de estudar." (D7-17 - 2D7)

No entanto, esta conclusão poderá levantar algumas dúvidas porque quando os alunos expressão a sua opinião sobre a aula há alunos que dizem que gostaram mais da aula em que foi mostrado o filme, e passo a citar:

"Gostei desta aula, mas prefiro a do dia 5 de Janeiro, pois vimos um filme, juntamente com uma ficha, gostei, mas não pode ser sempre da mesma maneira. (...)" (2D15)

"Eu gostei mais da aula do dia 5 de Janeiro, porque o filme é uma forma de aprendermos a ouvir melhor." (3D16)

Todavia, é apenas uma minoria, mas leva-me a pensar que talvez o PowerPoint, elaborado pela professora e adequado aos conteúdos temáticos de cada uma das aulas, foi o

mais significativo porque o filme foi utilizado apenas numa única aula e, nessa aula também foi utilizado um PowerPoint. Talvez, se tivesse utilizado apenas o filme na aula e em mais aulas, este seria mais significativo do que propriamente o PowerPoint que os alunos estão já habituados a ter presente nas suas aulas.

No entanto, posso concluir que os recursos utilizados nas aulas foram úteis para o processo ensino aprendizagem, pois os alunos referem que através dos PowerPoint's, dos filmes e das atividades de pares conseguem compreender e assimilar mais facilmente os conteúdos temáticos. Passo a citar:

"Sim foi suficiente pois quando eu estudo para história lembro-me da materia." (D7-5 - 1D8)

"Considero que o material que a professora levou e nos mostrou na aula foi suficiente para perceber a matéria." (D7-10 - 1D14)

Quanto às aulas, os alunos dizem que gostaram das aulas, como podemos observar no gráfico 2.

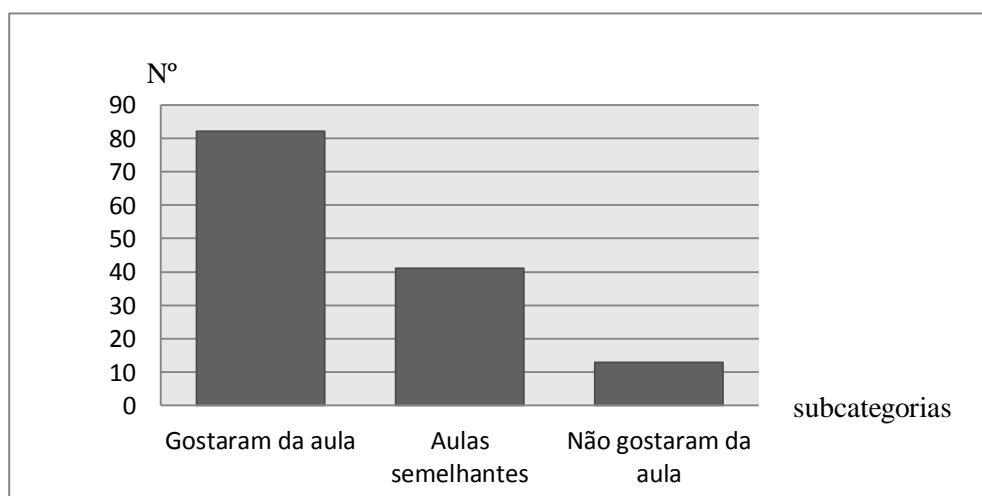


Gráfico 2 – Opinião dos alunos sobre a aula – categoria E

É importante referir que existem oitenta e oito diários, todavia ao olharmos para o gráfico percebemos de imediato que o seu somatório é superior a oitenta e oito. Isto acontece porque em alguns diários foi possível retirar informação para a subcategoria *Gostaram da aula* e para a subcategoria *Aulas semelhantes*, pois os alunos referem que gostaram da aula mas ao mesmo tempo que a aula foi semelhante à(s) aula(s) anteriores, daí o somatório do gráfico ser superior a oitenta e oito diários de aula.

Os alunos dizem que gostaram das aulas por terem sido bem explicadas pela professora, pelos recursos utilizados que ajudaram na compreensão dos conteúdos temáticos, porque os alunos gostam de História e gostam de saber “coisas do passado”, por serem aulas diferentes. Cito algumas afirmações dos alunos:

"Gosto de História, porque acho a matéria interessante, gosto principalmente dos acontecimentos que aconteceram no tempo dos reis. (...) Uma das melhores partes da aula, foi a última parte, em vimos um filme e fizemos uma ficha sobre ele. (...) Nesta aula, participei mais do que costume. Acho que me sinto mais à vontade com a professora estagiária, do que com a nossa professora, pois não estou a ser tão "vigiado"." (E1-1 - 1D1)

"Eu acho as aulas muito boas que a professora Ana Isabel deu (...). Eu gosto da disciplina de História porque ajuda-nos a saber o passado de como eram as coisas antes de nós e até os nossos avós nascerem. (...) Gostei da aula inteira não houve assim coisas que gostasse menos. Participei na aula, respondi a algumas perguntas, e perguntei as minhas dúvidas. (...) Gostei porque achei-a bastante interessante e compreendi tudo." (E1-4 - 1D4)

"Gostei da aula dada pela estagiária, porque ensina bem e apresenta powerpoint's, com muitas imagens, que ajudam a completar as explicações da professora. Em geral gostei de tudo." (E1-16 - 2D1)

Em relação às aulas semelhantes, os alunos referem que as aulas que lecionei foram sempre com PowerPoint e nada mudava, a não ser os conteúdos abordados e a aula em que visualizaram o filme.

"A aula foi dada como todas as outras de forma organiza, vimos um power-point com o conteúdo da matéria, analisa-mos um documento e a professora entregou-nos um resumo da materia (para estudarmos melhor). (...)". (E2-28 corresponde ao diário 2D13)

"Acho que as aulas são todas muito identicas, só muda a matéria por isso não da para comparar. (...)" (E2-61 - 4D9)

As razões apontadas pelos alunos para não terem gostado das aulas foram o facto de não gostarem da disciplina de História, logo os conteúdos não lhes interessaram, ou então,

porque houve uma falha de tempo e tiveram que ficar o início do intervalo a passar o esquema síntese da aula para o caderno diário.

"Não gosto, porque é foleira. (...)A parte escrita. Não. (...) Não, porque não gosto de história." (E3-11 - 1D11)

"Nesta aula, deve ter havido alguma falha na gestão do tempo, pois tivemos que ficar algum tempo depois de tocar para acabar um esquema/resumo da matéria dada. (...)". (E3-17 - 2D2)

No que respeita à relação dos alunos com a professora, a maioria dos alunos refere que gostaram da professora estagiária. Os que referem atitudes menos positivas salientam algum nervosismo por parte da professora e dizem ainda que esta deveria ser um pouco mais divertida nas aulas, pois os alunos preferem professoras simpáticas e divertidas que brincam com a matéria. Ainda assim, gostaram da professora pela forma como abordou os conteúdos temáticos, por ter as aulas organizadas, utilizar uma linguagem acessível e esclarecer as dúvidas dos alunos.

Em oitenta e oito diários, vinte e dois sugeriram alguns conselhos para a professora melhorar as suas aulas. Os alunos referem que a professora deve manter as aulas organizadas, deve continuar a levar este tipo de material/recursos para as aulas, mas também deve utilizar mais filmes nas aulas e explicar um pouco melhor. Sugerem ainda que deveria falar um pouco mais alto para captar mais a atenção dos alunos, fazer mais trabalhos de grupo, mas acima de tudo que deve continuar com o bom trabalho.

"(...)Acho que a professora devia continuar a levar este tipo de material para as aulas porque nos ajuda a perceber melhor a matéria dada também acho que a professora devia estar mais descontraída porque acho que a dar as aulas está um pouco tensa e falar um pouco mais alto." (F4-3 - 1D3)

"A professora deve continuar com o bom trabalho." (F4-55 - 4D3)

Sendo assim, posso concluir que perante os modos de trabalho pedagógico utilizados a maioria dos alunos referem que os recursos foram adequados e suficientes para compreenderem os conteúdos e passo a citar *"Considero que com os powerpoints, filmes, documentários consigo compreender melhor a matéria."* (D7-4 - 1D4), que as aulas foram

interessantes e compreendidas por eles, como refere um dos alunos “(...) *Foi igual, todas as aulas dadas pela professora são compreendidas pelos alunos.*” (E2-2 - 1D2), assim como a relação professora alunos e vice-versa foi agradável e amigável.

5.2 – Análise dos dados na disciplina de Geografia

No campo dos conteúdos temáticos, através da análise de conteúdo dos diários de aula (ver anexo XIV – Tabela 5: Análise de conteúdo dos diários de aula na disciplina de Geografia ao nível dos conteúdos temáticos, p.75), podemos verificar que, de uma maneira geral, todos os alunos identificaram os conteúdos temáticos abordados nas aulas.

Os conteúdos temáticos mais mencionados foram os “Contrastes de Desenvolvimento”, o que pode ser justificado pelo facto de ao longo de três aulas consecutivas terem sido abordados os conteúdos relacionados com a unidade didáctica “Interdependência entre espaços com diferentes níveis de desenvolvimento”.

No que se refere à subcategoria A7 “Aquisição de conhecimento / Houve algum conteúdo que não perceberam”, num total de cento e vinte e oito diários, apenas catorze se inserem nesta subcategoria. Os catorze referem que perceberam os conteúdos abordados, não tendo existido qualquer conteúdo que não tenham compreendido.

No campo dos modos de trabalho pedagógico, através da análise de conteúdo (ver anexo XIV – Tabela 6: Análise de conteúdo dos diários de aula elaborados pelos alunos na disciplina de Geografia ao nível dos modos de trabalho pedagógico, p.82), o recurso mais mencionado pelos alunos foi o filme, como podemos observar no gráfico3.

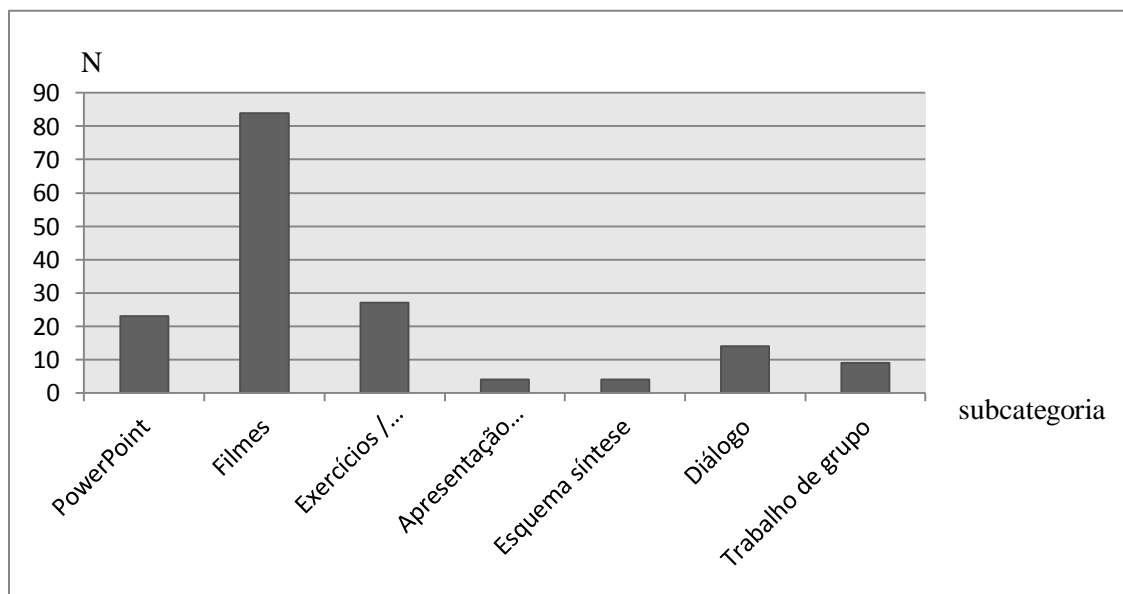


Gráfico 3 – Recursos/Opinião dos alunos – categoria B

Assim, posso concluir que o filme foi o recurso mais significativo para os alunos. A razão para este número mais elevado de ocorrências, pode ser justificado pelo facto de ter sido o recurso mais utilizado nas aulas, pois em todas as aulas foi utilizado um filme.

Posso ainda concluir, através das ilações dos alunos, que os recursos utilizados nas aulas foram úteis no processo ensino aprendizagem. Os alunos referem que através dos PowerPoint's, dos filmes, das atividades realizadas nas aulas conseguiram perceber e assimilar mais facilmente os conteúdos temáticos. E passo a citar:

"Os filmes que são mostrados são uma forma de aprendizagem muito interessante e muito mais fácil de interiorizar e captar a matéria." (B8-3 - 1D3)

"A professora Isabel usa metodos bons para nos ensinar, através de gráficos, filmes e também nos permite participar várias vezes o que ajuda muito para tornar a aula melhor ou até para esclarecer nossas dúvidas." (B8-43 - 2D25)

"Ao recorrer aos vídeos penso que é uma boa maneira para nos chamar a "atenção", é uma boa forma de interiorizar a matéria." (B8-94 - 5D10)

Quanto às aulas, os alunos dizem que gostaram das aulas, como podemos verificar no gráfico 4.

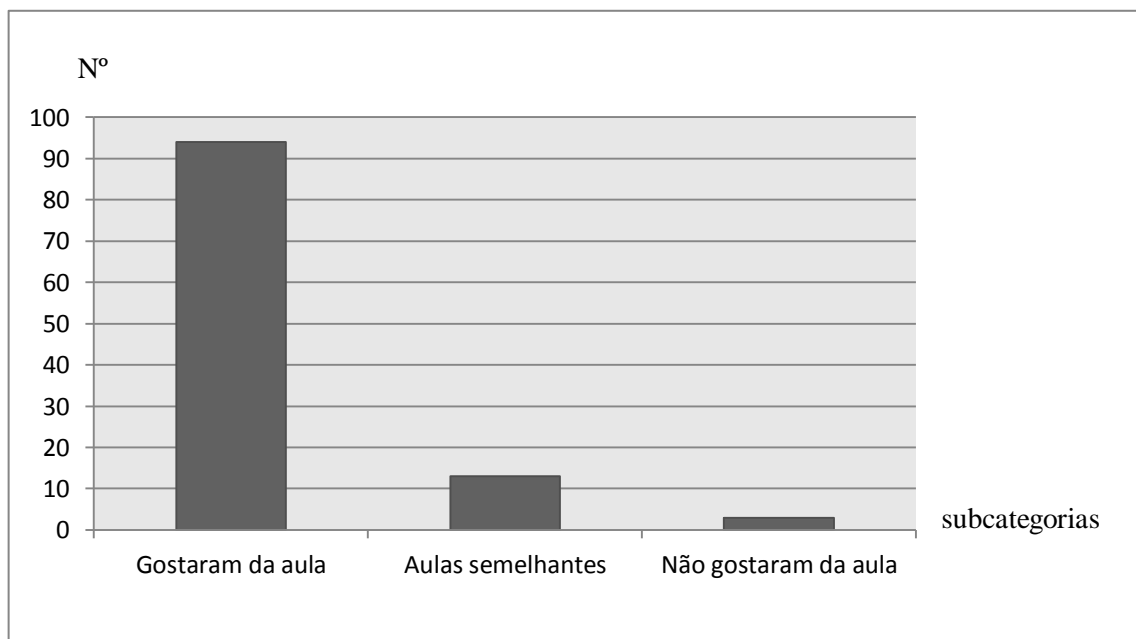


Gráfico 4 - Opinião dos alunos sobre a aula – categoria C

Os alunos referem que gostaram das aulas por terem sido interessantes, dinâmicas e produtivas. Passo a citar:

"Achei esta aula muito interessante e achei a abordagem ao tema, obstáculos de desenvolvimento, muito cativante, descontraída e agradável, (...)." (C1-3 - 1D3)

"Gostei muito da aula. (...) E acho que foi produtiva." (C1-24 - 2D5)

"Gostei da aula. Foi diferente das outras, bastante mais dinâmica." (C1-101 - 5D19)

Em relação às aulas semelhantes, os alunos referem que não há grandes diferenças nas aulas que lecionei, pois foram todas elas interessantes, dinâmicas, com apresentações em PowerPoint e vídeos.

"(...) as aulas para mim foram todas iguais, apresentações de power point e videos sobre a matéria dada." (C3-62 - 3D22)

As razões apontadas pelos alunos por não terem gostado das aulas relacionam-se com o facto de terem gostado mais da aula anterior.

"Gostei mais da última aula, acho que foi mais "interessante", esta aula foi mais "chata"." (C2-57 - 3D16)

Ainda assim, penso ter alertado os alunos para a desigualdade que existe entre países desenvolvidos e em países em desenvolvimento, assim como para os problemas que existem no nosso Planeta. Ora vejamos alguns comentários dos alunos:

"Com a visualização dos vídeos, penso que a turma ficou sensibilizada com os problemas que existem pelo mundo fora." (C4-15 - 1D20)

"(...) eu penso que ganhámos alguma noção para sermos mais responsáveis no que toca a preservação do planeta. (...) A meu ver fiquei preocupado e surpreendido pelos níveis excessivos da pégada ecológica. (...)" (C4-106 - 5D24)

Esta investigação permite-me perceber que a maioria dos alunos reconhece como boas e más as suas atitudes, pois sabem reconhecer que numa das aulas as suas atitudes foram más. Passo a citar:

"(...) a turma começara a "exaltar-se" fazendo barulho ou a falar com os colegas do lado, sem respeitando a prof., mesmo com o aviso ninguém se calou (...)" (C5-87 - 5D4)

No que respeita à relação dos alunos com a professora estagiária, a maioria dos alunos refere que gostaram da estagiária. As razões apontadas pelos eles para gostarem da professora foram a forma como abordou os conteúdos temáticos, pelos métodos utilizados, pela sua descontração, à vontade, simpatia e postura.

" (...) descontração e à vontade da professora. Gosto do método como a professora dá as aulas, sendo cativante e para além disso o ambiente de relacionamento é muito agradável e descontraído." (D1-1 - 1D3)

"Nesta aula achei a professora um pouco mais à vontade na interação com os alunos. (...) continuo a ser impressionado com o trabalho elaborado pela professora que apresenta melhorias de aula para aula." (D1-26 - 2D10)

Todavia, há alunos que sugeriram alguns conselhos à professora com vista a melhorar as suas aulas, tais como continuar com o seu método, mas deve mandar trabalhos para casa, explorar o manual e desenvolver mais a sua presença na sala de aula.

"A professora deve continuar o bom trabalho!" (D2-17 - 1D20)

" (...)acho que a professora deveria dar alguns exercícios para casa, com a finalidade de, na próxima aula estarmos a par daquilo que estamos a dar." (D2-25 - 2D8)

"Contudo, acho que a professora deverá desenvolver mais a sua presença na sala, ou seja, em manter a turma em ordem." (D2-46 - 4D19)

Também à semelhança do que aconteceu na disciplina de História, posso concluir que perante os modos de trabalho pedagógico que foram desenvolvidos, a maioria dos alunos refere que os recursos foram pertinentes e suficientes para compreenderem os conteúdos, as aulas foram interessantes, dinâmicas e produtivas e a relação professora alunos e vice versa foi pacífica e amigável.

5.3 – Interpretação dos resultados

Neste subcapítulo proponho-me a fazer uma interpretação dos resultados obtidos em ambas as disciplinas. Desde logo, antes de qualquer outra interpretação, é pertinente referir que, o objetivo principal desta investigação foi conseguido.

Como já referi no capítulo anterior, na disciplina de História houve uma orientação dada aos alunos, ao contrário do que aconteceu na disciplina de Geografia. Todavia, o que sucedeu foi que os alunos, na disciplina de História, limitaram-se a responder às questões orientadoras, por vezes com respostas elaboradas outras vezes apenas com “sim”, “não”, “gosto” ou “não gosto”. Por exemplo, às questões orientadoras “Consideras que a professora tem as suas aulas organizadas?” e “Quando alguém não percebe a matéria a professora explica de outra forma?”, alguns alunos responderam apenas com “sim” ou “não”, não expressando a sua opinião nem justificando a sua resposta. O mesmo se passou na questão “Gostas-te da aula? Porque?”, alguns alunos disseram apenas “gostei” ou “não gostei”, não argumentando a resposta.

Enquanto que na disciplina de Geografia os diários de aula dos alunos podem ser mais pequenos em termos de texto informativo, mas igualmente ricos em informação. Pois os alunos elaboraram um pequeno texto expressando a sua opinião acerca da aula e da professora.

No campo dos conteúdos temáticos, em ambas as disciplinas, os alunos identificaram corretamente os conteúdos abordados na aula. Este campo de trabalho é importante para me ajudar a perceber se os recursos e as estratégias utilizadas foram ou não adequados. Isto porque os alunos podem dizer que apreciaram os recursos e que compreenderam os conteúdos abordados, apenas por dizerem. Todavia, só consigo identificar se os alunos adquiriram ou não conhecimentos através das suas ilações, do que escreveram no diário.

Desta forma, o que, realmente me vai permitir perceber se através das vozes dos alunos o professor pode melhorar a sua prática é o campo dos modos de trabalho pedagógico. Neste campo os alunos referem se os recursos utilizados lhes permitiram uma melhor compreensão dos conteúdos, se a aula foi dinâmica e alguns deles apontam soluções para a professora melhorar as suas aulas. Os alunos deram a sua opinião em relação aos recursos utilizados na aula e identificaram, segundo a sua preferência, os que lhes permitem mais facilmente aprender, assim como referiram se gostaram ou não das aulas por mim lecionadas.

Assim, o professor pode aperfeiçoar/melhorar a sua prática pedagógica através dos diários de aula dos alunos, pois estes identificam as razões pelas quais gostaram ou não das aulas, se os recursos que o professor utilizou foram ou não suficiente e adequado para a compreensão dos conteúdos, referem se apreciaram a postura, atitude e decisões tomadas pela professora. Por exemplo, os alunos nos seus diários referiram que eu, enquanto professora, deveria impor mais a minha presença na sala de aula, que deveria dar mais exemplos práticos relacionados com os conteúdos em estudo, fazer mais atividades de pares.

Através da análise de conteúdo dos diários de aula elaborados pelos alunos, foi possível perceber uma série de questões que para mim eram verdadeiros problemas e não sabia como os resolver.

Inicialmente, não conseguia compreender como é que planificava aulas, do meu ponto de vista, tão dinâmicas e interessantes, mas que na prática resultavam em aulas expositivas e até um pouco cansativas. Era difícil, para mim, compreender as razões porque isto acontecia, porque razão não conseguia comunicar com os alunos? Foi então que comecei a ter em consideração as sugestões dos alunos expressas nos diários de aula, tentando melhorar/aperfeiçoar a minha prática pedagógica, o que depois de ter começado a pôr em prática algumas das sugestões dos alunos, estes referiram que gostaram bem mais da atitude e da postura da professora porque se impôs e marcou a sua presença na sala de aula.

Ao longo da análise dos diários de aula dos alunos fui-me apercebendo que estes, de algum modo, apreciaram os temas trabalhados nas aulas e os recursos utilizados e gostaram das aulas e da professora. Ao mesmo tempo, apercebi-me que consegui despertar alguma consciência cívica nos alunos, nomeadamente no que respeita à desigualdade existente entre Países desenvolvidos e em desenvolvimento e para os problemas do Planeta.

Devo ainda referir que os alunos me sugeriram alguns conselhos para melhorar as minhas aulas. Alguns referem que devo continuar com o meu método mas sugerem que explore mais o manual escolar, mande trabalhos para casa e marque mais a minha presença na sala de aula de modo a manter a turma em ordem.

Com a sucessão dos diários de aula, consigo perceber como a minha prática pedagógica foi evoluindo, mas não sou só eu que me apercebo desta situação, também os alunos referem que acharam a professora mais à vontade e que o seu trabalho apresentou melhorias de aula para aula.

Assim, posso concluir que os diários de aula dos alunos me deram mais segurança, o que me ajudou a melhorar o meu desempenho na sala de aula. Isto porque, ao sentir-me

mais segura tornei-me mais entusiástica, marquei a minha presença na sala de aula impondo-me perante a turma, recriminando quando necessário e elogiando quando devia elogiar. Posso, deste modo, afirmar que o professor pode melhorar a sua prática através das vozes dos alunos, neste caso recorrendo aos diários de aula.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho procurei responder a uma questão que, para mim, era fundamental, ou seja, perceber como é que através dos diários de aula dos alunos posso melhorar a minha prática. Isto porque, estava em iniciação à prática profissional e procurei compreender de que forma proporcionava aprendizagens que fossem significativas aos alunos; se o processo ensino aprendizagem estava a ser ou não adequado, pretendia descobrir que tipo de professora era e que tipo de professora quero ser.

Assim sendo, considerei que os alunos também têm algo a dizer em relação a estas questões. Enquanto docente e educadora trabalho para os alunos e pretendo que obtenham o seu sucesso, pelo que, decidi dar voz aos alunos para em conformidade com as suas “reflexões” e as minhas reflexões conseguisse evoluir.

Nesta linha de pensamento, comecei por explicar a importância da reflexão na educação e definir o professor reflexivo. Nos últimos anos a educação passou por várias mudanças curriculares, em que se valoriza a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento e o professor como orientador dentro da sala de aula. Assim, a reflexão tornou-se fundamental na educação, tanto para a escola como para os professores. É necessário que a própria escola se torne reflexiva, pois deste modo sabe o que quer e qual o caminho a seguir. Ao professor, a reflexão permite-lhe que se conheça melhor, descubra que tipo de professor é e ajuda-o a perceber que tipo de professor quer ser.

Todavia, nem todos os professores se conseguem assumir como profissionais reflexivos. Pois um professor reflexivo é aquele que reflete constantemente sobre a sua prática, procurando sempre pensar e agir em conformidade com o perfil dos seus alunos, é um professor que reflete por satisfação. É um professor que pensa e repensa os seus sucessos, os seus fracassos e aproveita essa reflexão para alterar o seu método de ensino.

Uma vez que este era um estudo reflexivo em que são valorizadas as opiniões dos alunos em relação às aulas e à professora, resolvi utilizar como base para este estudo diários de aula elaborados pelos alunos. Um diário de aula é um conjunto de narrações que refletem as impressões de quem o escreve, ou seja pensamentos e sentimentos. Aos professores possibilita a reflexão sobre a sua prática letiva, ajudando-o a detetar lacunas e ajustar estratégias para as ultrapassar. Aos alunos permite a retrospectiva da aula, do trabalho do professor e ajuda na avaliação do seu processo ensino aprendizagem.

É importante referir que existem diferentes diários, podemos encontrar diários como organizadores da estrutura das aulas, diários da descrição das tarefas, diários com as características dos alunos e dos professores e diários mistos (com o lado pessoal e profissional do autor). Os diários de aula devem ser escritos quando nos sentimos confortáveis para o fazer, para que assim consigamos fazer uma análise interpretativa da nossa atuação. Os diários de aula são documentos pessoais, pelo que servem apenas para fins investigativos e nunca avaliativos, assim como é necessário ter alguns cuidados metodológicos quando procedemos à sua análise.

Como o meu trabalho assentou muito nas opiniões e perspetivas dos alunos, utilizei uma metodologia qualitativa, nomeadamente a análise de conteúdo dos diários de aula elaborados pelos alunos, que me permitiu criar categorias através das quais fiquei a conhecer e perceber melhor as minhas aulas.

Os diários foram aplicados ao 8º ano na disciplina de História e ao 9º ano na disciplina de Geografia. Na disciplina de História foi disponibilizado um guião aos alunos, na disciplina de Geografia os alunos não tiveram acesso a nenhum guião. Nos seus diários os alunos podiam referir o que foi tratado na aula, os recursos utilizados e a sua opinião sobre os mesmos, a sua opinião sobre a aula e a professora.

Quando pedi aos alunos que elaborassem o diário de aula, a admiração foi geral. Os alunos nunca tinham ouvido falar desse documento, o que para eles foi uma novidade, por um lado, e aborrecido por outro, por terem que elaborar o seu diário de aula.

Agora, após colocada em prática a minha opção de investigação, chego à conclusão, que é excessivo pedir aos alunos que elaborem diários de aula consecutivos, podendo ser solicitados a sua elaboração uma a duas vezes por período.

Ao fazer a análise de conteúdo criei dois campos de estudo, o campo dos conteúdos temáticos onde inclui a categoria *O que foi tratado na aula*, e o campo dos modos de trabalho pedagógico onde inclui as categorias *Recursos/opinião dos alunos*, *Opinião dos alunos sobre a aula* e a *Opinião dos alunos sobre a professora*. No entanto, na disciplina de História existem duas categorias que não se encaixam em nenhum destes campos de estudo, são elas a *Relação com a escola* e a *Relação com os colegas*. Estas categorias foram criadas devido à existência do guião, mas, agora que termino este estudo, posso concluir que a informação destas categorias não foi de todo relevante para a investigação.

Quanto à categoria *O que foi tratado na aula*, inserida no campo dos conteúdos temáticos, os alunos identificam corretamente os conteúdos temáticos trabalhados nas aulas. Aqui, parece-me pertinente individualizar a subcategoria *Aquisição de*

conhecimentos, pois poderá levantar algumas dúvidas. Isto porque, apenas posso afirmar que os alunos adquiriram conhecimentos através do que escreveram nos seus diários, mas o facto de identificarem os conteúdos temáticos abordados nas aulas, já me permite concluir que pelo menos os alunos adquiriram vocabulário histórico e vocabulário geográfico.

Na categoria *Recursos/opinião dos alunos*, inserida no campo dos modos de trabalho pedagógico, posso concluir que os recursos mais focados pelos alunos foram o PowerPoint na disciplina de História e o filme na disciplina de Geografia. De facto nas aulas da disciplina de História o recurso mais utilizado foi o suporte informático PowerPoint e nas aulas da disciplina de Geografia os filmes. Contudo, através das vozes dos alunos, concluo que os recursos utilizados foram apreciados pelos eles e permitiram, no ponto de vista deles, uma melhor aprendizagem dos conteúdos temáticos.

Para a categoria *Opinião dos alunos sobre a aula*, os dados mostram que, regra geral, os alunos gostaram das aulas. Para os que não gostaram das aulas, as razões apontadas foram o facto de não gostarem da disciplina ou terem gostado mais da aula anterior. Mas, os alunos também referem que as aulas foram semelhantes, pois os recursos utilizados não variavam muito de aula para aula, assim como o método utilizado pela professora para lecionar a aula.

Relativamente à categoria *Opinião sobre a professora*, a maioria dos alunos referem que a professora teve uma boa postura nas aulas e notou-se uma evolução neste aspeto. Todavia, alguns alunos sugerem que a professora deveria ser mais divertida e controlar melhor o grupo turma.

Ora bem, os alunos referem que gostaram das aulas, mas ao mesmo tempo dizem que foram semelhantes devido ao método e aos recursos utilizados. Mas se alterasse o método e os recursos será que os alunos continuavam a gostar das aulas? Continuavam a apreciar os recursos? Será que iriam continuar a gostar e a apreciar a postura e as atitudes da professora?

Todavia, perante isto, posso concluir que um professor pode melhorar a sua prática através dos diários de aula dos alunos, pois eles identificam os nossos sucessos e os nossos fracassos. Assim, com a reflexão dos alunos e a nossa própria reflexão podemos melhorar e evoluir em conformidade, adequando o processo ensino aprendizagem ao perfil dos alunos. Eu sou um exemplo de como isto é possível, pois ao longo deste ano fui refletindo sobre as aulas lecionadas e fui-me apercebendo de algumas lacunas, assim como me apercebi que na prática as minhas aulas não eram como eu as planeava nem estava a ser a professora que queria ser.

Neste processo inicial de reflexão tinha noção que as aulas que lecionava eram expositivas e por vezes monótonas, pois acabava por entrar num monólogo. Contudo, era difícil, para mim, entender as razões para que tal acontecesse. Sempre tive um fascínio por esta profissão e, agora que estava a concretizar algo que queria, não consegui atingir os meus objetivos e expectativas. Torva-se complicado lidar com esta situação, pois não sabia como resolve-la. Confesso que estava desiludida com a minha prestação e não estava a gostar das aulas que lecionava. Só quando comecei a ler os diários de aula dos alunos, é que tive noção que o problema era mesmo meu e conheci problemas que eu não estava a conseguir encontrar sozinha, pois segundo os alunos não marcava a minha presença na sala de aula, não me impunha perante a turma e não era uma professora entusiástica.

Assim, à medida que ia lendo os diários de aula dos alunos fui tentando ajustar a minha prática. Comecei por me impor na sala de aula, a controlar melhor a turma, o que de certa forma marcava a minha presença na sala de aula. Ao mesmo tempo, fui-me sentindo mais à vontade e tornei-me uma professora mais entusiástica na sala de aula, chamava os alunos a participar, levava-os a refletir e a questionar alguns assuntos trabalhados na aula, o que de algum modo tornava as aulas mais dinâmicas, não caía no monólogo e os alunos estavam envolvidos e tinham uma participação ativa na aula.

Tenho consciência que ao longo deste ano houve uma evolução na minha prática a todos os níveis. Perante isto, posso dizer que ouvir as vozes dos alunos, através dos diários de aula, foi uma mais valia para mim, pois consegui evoluir e melhorar a minha prática pedagógica. Tomei como linha norteadora vir a preparar aulas com atividades, tarefas e recursos diversificados, para tornar as aulas menos semelhantes e mais apelativas.

A verdade é que quando iniciei a minha prática profissional as incertezas e os medos eram imensos, pelo que senti necessidade de perceber se conseguiria ou não comunicar, de alguma forma, com os alunos. Neste momento, ao terminar o meu Relatório, concluo que os diários de aula dos alunos foram o melhor método para alcançar essas respostas, pois compreendi que, de certa forma, havia um carinho por parte dos alunos, que estes gostaram das aulas que lecionei e que, de algum modo, entenderam os conteúdos lecionados.

Agora que termino, concluo que este ano de Mestrado foi extremamente produtivo. Foi um ano que me permitiu amadurecer como pessoa e começar a crescer como profissional. Aos poucos, fui tomando consciência dos meus erros e fui ajustando estratégias para os corrigir. Enfim, estes meus alunos ajudaram-me a ser mais segura e tornar-me a professora que quero ser.

Bibliografia

- ❖ ALARCÃO, Isabel (1996). Ser professor reflexivo. Em Isabel Alarcão (Org.), *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão* (pp.171-189). Porto: Porto Editora.
- ❖ ALARCÃO, Isabel (2001). *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto: Artmed Editora.
- ❖ ALMEIDA, Vânia Roberta Campos (2010). *Uma professora reflexiva em iniciação à prática profissional. O contributo de diários de aula elaborados pelos alunos. Tese de mestrado não publicada*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- ❖ ALMEIDA, Ana Catarina Moreira Pinto da Fonseca (2011). *A Tese de um diário de escrita de si*. Tese de mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da U.P., Porto.
- ❖ BARDIN, Laurence (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- ❖ BEEL, Judith (1997). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- ❖ BOGDAN, Robert, BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- ❖ COLL, César e col (2001). *O construtivismo na sala de aula: novas perspectivas para a ação pedagógica*. Porto: Asa Editores II, S.A.
- ❖ CRUZ, Isabel (2004). O Diário na formação de professores de História, *Para uma Educação Histórica de Qualidade*, p.101-113
- ❖ GIROUX, Henry A. (1997). Professores como intelectuais transformadores. Em Henry Giroux, *Os professores como intelectuais rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem* (157-164). Porto Alegre: Artmed Editora.

- ❖ HOLLY, Mary Louise (1995). Investigando a vida profissional dos professores: Diários biográficos. Em António Nóvoa (org.), *Vida de professores* (pp. 79-109). Porto: Porto Editora

- ❖ ITURRA, Raúl (1999). Trabalho de campo e observação participante em antropologia. Em Augusto Santos Silva; José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp.101-128). Biblioteca das Ciências do Homem: Edições Afrontamento.

- ❖ LIMA, Olga (2008). Diseño de la Investigación. Em LIMA, Olga, *La educación Ambiental en el Terra Ciclo de la Enseñanza básica em Portugal – Estudio de Concepciones en la Formación Inicial del profesorado* (pp.147-190). Sevilha: Universidade de Sevilha, Facultad de Ciencias de la Educación, Depto. De Didáctica de las Ciencias Experimentales Y Sociales.

- ❖ MARTINS, Maria Felisbela de Sousa (2011). *O currículo nacional de Geografia do ensino básico. Da concepção e do prescrito à configuração do vivido*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da U.P., Porto.

- ❖ PERRENOUD, Philippe (2002). *A prática reflexiva no ofício de Professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artmed Editora.

- ❖ QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

- ❖ SANTOS, Maria Eduarda Vaz Moniz (1998). *Mudança conceptual na sala de aula: um desafio pedagógico*. Livros Horizonte

- ❖ VALA, Jorge (1999). A Análise de Conteúdo. Em SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp.101-128). Biblioteca das Ciências do Homem: Edições Afrontamento.

- ❖ YINGER, Robert J.; CLARK, Christopher M. (1985). *Using Personal Documents to Study Teacher Thinking*. The Institute for Research on Teaching
- ❖ ZABALZA, Miguel A. (2004). *Diários de Aula. Um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Porto Alegre: Artmed Editora
- ❖ ZABALZA, Miguel A. (1994). *Diários de Aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores*. Porto: Porto Editora.
- ❖ ZEICHNER, Kenneth M. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: FPCEUL, Educa.

Sitografia

- ❖ ALVES, Francisco Cordeiro (2004). *Diário – Um contributo para o Desenvolvimento Profissional dos Professores e Estudo dos seus Dilemas*. Retirado em 10.11.2011, na Word Wide Web (<http://www.ipv.pt/millennium/Millennium29/30.pdf>)
- ❖ BIDARRA, Maria da Graça (2004). Modo(s) de Trabalho Pedagógico: o grau de transmissividade das práticas de formação. *Psychologica*, 417-437. Retirado em 02.08.2012, na Word Wide Web (http://www.google.com/gaius.fpce.uc.pt/niips/gbidarra/Bidarra2004_TPedag.pdf)
- ❖ CRUZ, Isabel Maria Azevedo Ferreira (2007). O Diário no processo de formação de professores reflexivos. *Elo 15*, 15, 195-203. Retirado em 06.07.2012, na Word Wide Web (www.cffh.pt/userfiles/files/ELO%2015.pdf)
- ❖ DIAS-DA-SILVA, Maria Helena G. Frem (1994). Sabedoria Docente: repensando a prática pedagógica. *Cadernos de Pesquisa*, 89, 39-47. Retirado em 06.07.2012, na Word Wide Web (http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0100-15741994000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)

- ❖ PONTE, João Pedro (2001). *Investigar a Prática*. Retirado em 04.01.2012, na Word Wide Web ([http://www.google.pt/search?rlz=1C1GGGE_pt-PTPT464PT464&sourceid=chrome&ie=UTF8&q=Olga+Pombo%2C%22Para+um+Modelo+Reflexivo+de+Forma%C3%A7%C3%A3o+de+Professores%22%2C+Revista+de+Educa%C3%A7%C3%A3o%2C+vol.+III%2C+n%C2%BA+2+\(1993\)%2C+pp.+37-45](http://www.google.pt/search?rlz=1C1GGGE_pt-PTPT464PT464&sourceid=chrome&ie=UTF8&q=Olga+Pombo%2C%22Para+um+Modelo+Reflexivo+de+Forma%C3%A7%C3%A3o+de+Professores%22%2C+Revista+de+Educa%C3%A7%C3%A3o%2C+vol.+III%2C+n%C2%BA+2+(1993)%2C+pp.+37-45))

- ❖ SILVA, Maria Helena Santos & DUARTE, Maria da Conceição (2000). *O Diário de Aula na Formação de Professores Reflexivos: Resultados de uma Experiência com Professores Estagiários de Biologia/Geologia*. Retirado em 10.11.2011, na Word Wide Web (<http://www.fae.ufmg.br/abrapec/revistas/V1-2/v1n2a7.pdf>)

Anexos

Índice de Anexos

Anexo I – 1º Guião entregue aos alunos	93
Anexo II – 2º Guião entregue aos alunos	94
Anexo III – Plano de aula de História 10/01/2012	95
Anexo IV – Plano de aula de História 12/01/2012	99
Anexo V – Plano de aula de História 17/01/2012	102
Anexo VI – Plano de aula de História 19/01/2012	106
Anexo VII – Plano de aula de História 24/04/2012	108
Anexo VIII – Plano de aula de Geografia 13/02/2012	112
Anexo IX – Plano de aula de Geografia 27/02/2012	115
Anexo X – Plano de aula de Geografia 05/03/2012	118
Anexo XI – Plano de aula de Geografia 16/04/2012	122
Anexo XII – Plano de aula de Geografia 23/04/2012	125
Anexo XIII – Grelhas de análise de conteúdo de História	127
Anexo IV – Grelhas de análise de conteúdo de Geografia	165

Anexo I – 1º Guião entregue aos alunos

1ª Guião de orientação

Caro/a Aluno/a,

Peço a tua colaboração na atividade abaixo apresentada.

Esta actividade não tem qualquer objetivo de avaliação e servirá apenas para o meu trabalho de estágio como professora.

Obrigada pelo teu tempo e colaboração,

Ana Isabel Rodrigues.

Diário de Aula

Com a finalidade de ajudares à melhoria das aulas da disciplina de História/Geografia por mim lecionadas, peço-te para que, numa folha a teu gosto, escrevas a tua apreciação da aula de hoje como se de um texto de diário pessoal se tratasse.

Apesar desse texto ser da tua inteira responsabilidade, peço que nele tentes, à tua maneira e pela ordem que quiseses, responder às seguintes questões:

1. Como descreves a escola que frequentas?
2. Como te relacionas com os teus colegas nas aulas?
3. Como comunicas com os teus colegas nos intervalos?
4. Qual a tua relação com a disciplina (gostas ou não gostas)? Porquê?
5. Qual a matéria que foi dada na aula que lecionei?
6. O que mais apreciaste na aula?
7. O que menos apreciaste na aula?
8. Participaste na aula? Se sim, de que forma?
9. Consideras que a professora tem as suas aulas organizadas?
10. Quando alguém não percebe a matéria a professora explica de outras forma?
11. Consideras que os materiais utilizados na aula (powerpoint, documentos, filme, etc) foram suficientes para perceberes a matéria?
12. Houve algum tema da aula que não tenhas compreendido? Se sim, qual?
13. A professora utiliza uma linguagem adequada que te permite perceber a aula?
14. Gostas-te da aula? Porquê?
15. Se comparasses esta aula com outras aulas (à tua escolha) dadas pela professora estagiária, o que dirias?
16. O que achas que a professora estagiária deve manter ou mudar nas suas futuras aulas?

Não te esqueças de falar de outros assuntos que consideras importantes e que não foram aqui perguntados.

Anexo II – 2º Guião entregue aos alunos

2º Guião de orientação

Caro/a Aluno/a,

Peço a tua colaboração na atividade abaixo apresentada.

Esta actividade não tem qualquer objetivo de avaliação e servirá apenas para o meu trabalho de estágio como professora.

Obrigada pelo teu tempo e colaboração,

Ana Isabel Rodrigues.

Diário de Aula

Com a finalidade de ajudares à melhoria das aulas da disciplina de História/Geografia por mim lecionadas, peço-te para que, numa folha a teu gosto, escrevas a tua apreciação da aula de hoje como se de um texto de diário pessoal se tratasse.

Apesar desse texto ser da tua inteira responsabilidade, peço que nele tentes, à tua maneira e pela ordem que quiseses, responder às seguintes questões:

- Descrição da aula
 - O que foi dado na aula
 - Como foi dado
 - Compara com outras aulas dadas pela professora estagiária
- Opinião pessoal sobre a aula
 - Gostas-te da aula, porquê?
 - O que apreciaste mais ou menos na aula
- Opinião pessoal acerca da estagiária na aula

Não te esqueças de falar de outros assuntos que consideras importantes e que não foram aqui perguntados.

Anexo III – Plano de aula de História 10/01/2012



Escola Básica de Arrifana
2011/2011



Ano/Turma: 8ºB		Aulas n.º 44 e 45		Duração: 90 minutos		Data: 10/01/2012		Professora estagiária: Ana Isabel Rodrigues	
Sumário		O império português e a concorrência internacional: a disputa dos mares e a afirmação do capitalismo comercial. Os impérios peninsulares e a união ibérica.							
Motivação		Para a crise do Império Português e o apogeu do Império Espanhol será utilizado como motivação o power point com gráficos. Para a União Ibérica será utilizado como motivação o filme intitulado “Da União Ibérica à Restauração” de Núria Inácio							
Situação-Problema		“No seu Império o sol nunca se punha” ¹⁹ : Filipe II							
Questões Orientadoras		1.Quais as causas da crise do império português do Oriente? 2.A que ficou a dever-se o apogeu do império espanhol? 3.Quem eram os candidatos ao trono de Portugal após a morte do cardeal D. Henrique? 4. Quais as diferenças entre a crise dinástica do século XVI e a crise dinástica do século XIV? 5.O que é que Filipe II prometeu aos portugueses aquando nomeado rei de Portugal?							<div>Palavras-Chave: mare liberum; união ibérica; cortes de Tomar</div>

¹⁹ CIRNE, Joana; HENRIQUES, Marília (2011) – *Cadernos de História* 8. Porto: Porto editora, parte 1, pág:101

Competências	Conteúdos	Indicadores de Aprendizagem	Experiências de Aprendizagem		Avaliação
			Momentos Pedagógicos	Recursos Didáticos	
<p>1.Ler e interpretar documentos escritos e icnográficos, mapas e gráficos</p> <p>2.Reconhecer as causas da crise do império português e do apogeu do império espanhol</p>	<p>O Império Português e a concorrência internacional.</p> <p>-Em meados do século XVI, o Império Português do Oriente entrou em crise. Foram vários os fatores que contribuíram para a decadência do Império Português: dispersão e o tamanho do território; ataques de piratas e corsários; naufrágios; a reanimação da Rota do Levante; França, Inglaterra e Holanda contestam a política do mare clausum e a defendem a política do mare liberum; na metrópole começaram também os sinais de crise com a decadência da agricultura e da indústria. Os campos começaram a ser abandonados pelos homens que vão nas carreiras da Índia e, não podemos deixar de mencionar a corrupção administrativa que ajudava a arruinar o Erário Régio.</p> <p>-Enquanto que Portugal entrava em decadência, o Império Espanhol tornava-se na maior potência colonial europeia, nomeadamente a partir da segunda metade do século XVI. Para este apogeu, muito contribuíram as remessas de ouro e prata que chegavam da América ao porto de Sevilha. O comércio marítimo era controlado pelas armadas ao serviço do rei. A partir de 1580, Espanha passa a dispor ainda dos territórios de Portugal.</p>	<p>Identificar as causas da crise do Império Português do Oriente.</p> <p>Refere as causas do apogeu do Império Espanhol.</p>	<p>1)Através do diálogo professora – alunos será feito o elo de ligação com as aulas anteriores e iniciar-se-á a nova Unidade Didática “Portugal o contexto europeu dos séculos XVII e XVIII”, tendo como base a análise do mapa: “Os impérios coloniais peninsulares nos meados do século XVI” da pág.101 do manual.</p> <p>2)Com a análise do gráfico “Saídas de barcos da carreira da Índia, de Lisboa para o Oriente – 1500/1679” serão analisadas as causas que levaram à crise do Império Português do Oriente. (1, 2)</p> <p>3)Com a exploração do gráfico “A entrada de metais preciosos em Espanha– 1500/1650” de Pierre Vilar; os alunos compreendem as causas que levaram ao apogeu do Império Espanhol, enquanto o Império Português do Oriente entrava em crise. (1, 2)</p>	<p>Diálogo</p> <p>Power –point (Os impérios peninsulares e a união ibérica: gráficos, questões)</p> <p>Gráfico</p>	<p>Observação direta da participação e da qualidade das intervenções</p> <p>Avaliação atitudinal</p>

<p>3. Identificar as causas que fizeram com que Portugal perdesse a sua Independência</p> <p>4. Reconhecer as promessas que Filipe II fez aos portugueses nas Cortes de Tomar</p>	<p>-Nos finais do século XVI, Portugal encontrava-se com uma grave crise económica e financeira. É neste contexto que D. Sebastião sobe ao trono e assume o poder mas, com o sonho de combater os Muçulmanos deixou-se influenciar pela nobreza. Em 1578, D. Sebastião tenta conquistar Alcácer Quibir, onde acabou por morrer e deixou Portugal com uma grave crise política. O Reino fica assim entregue ao Cardeal D. Henrique durante dois anos. Mas, à sua morte o problema continua por resolver, pois não havia descendentes diretos ao trono. Sugiram três possíveis candidatos: Dª Catarina de Bragança que não teve grandes apoios; D. António Prior do Crato que era apoiado pelo povo; D. Filipe II rei de Espanha que foi apoiado por largas camadas da nobreza, do clero e da burguesia. Filipe II rei de Espanha invadiu Portugal em 1580 sendo aclamado rei nas Cortes de Tomar, onde se comprometeu a manter a autonomia do país e a respeitar os seus usos e costumes, não alterando a língua, a moeda ou a administração.</p>	<p>Explica as condições que levaram à União Ibérica.</p> <p>Comparar a crise dinástica do século XVI com a crise dinástica do século XIV.</p> <p>Analisar as promessas feitas por Filipe II nas Cortes de Tomar em 1581.</p>	<p>4) Com a visualização de uma pequena parte do filme “Da União Ibérica à Restauração”, retirado do Youtube, os alunos exploram as razões que levaram à União Ibérica. A visualização será acompanhada por uma ficha de escuta ativa, de forma a analisar os conteúdos necessários. (1, 3)</p> <p>5) Na correção da ficha de escuta ativa os alunos identificam os três candidatos ao trono após a morte do Cardeal D. Henrique e comparam esta crise dinástica com a crise dinástica do século XIV.</p> <p>6) Continuando com a ficha de escuta ativa os alunos identificam as promessas feitas por Filipe II nas Cortes de Tomar, quando é aclamado rei de Portugal. (4)</p> <p>7) Ao longo da aula será elaborado o esquema.</p> <p>8) Individualmente, os alunos fazem um comentário à situação problema da aula, que será entregue à professora e que servirá para verificar a aquisição de conhecimentos. Esta atividade, tem como objetivo fazer a avaliação temática. (2,3,4)</p>	<p>Filme</p> <p>Retroprojektor</p> <p>Computador</p> <p>Ficha de escuta ativa</p> <p>Quadro : Esquema – síntese</p>	<p>nos trabalhos de pares</p> <p>Resolução da situação problema</p>
---	---	---	---	---	---

Bibliografia:

DÓRIA, A. Álvaro (1961). *De Novo a União Ibérica*. Delegação Bracarense da Sociedade Histórica da Independência de Portugal

Webgrafia:


União Ibérica. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-12-21].

Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$uniao-iberica](http://www.infopedia.pt/$uniao-iberica)>.

<http://www.prof2000.pt/users/jdsa03/olho/janeiro/Iberica.htm>

<http://www.google.pt/imgres?q=uni%C3%A3o+ib%C3%A9rica&hl>

Anexo IV – Plano de aula de História 12/01/2012

Ano/Turma: 8ºB	Aula n.º 46	Duração: 45 minutos	Data: 12/01/2012	Professora estagiária: Ana Isabel Rodrigues
Sumário	A crise do império espanhol e a restauração da independência de Portugal.			
Motivação	 D. João IV como rei de Portugal			
Situação-Problema	1 de Dezembro – feriado Nacional. Porquê?			
Questões Orientadoras	1.Quais as causas da crise do império espanhol? 2.Quais as razões do descontentamento dos portugueses face ao domínio filipino? 3.Quem foi aclamado rei de Portugal em 1640? 4.Como ficou conhecida a guerra que se iniciou em 1 de Dezembro de 1640?			
				Palavras-Chave: motim de Évora/ Revolta do Manuelinho; Restauração da Independência

Competências	Conteúdos	Indicadores de Aprendizagem	Experiências de Aprendizagem		Avaliação
			Momentos Pedagógicos	Recursos Didáticos	
1. Identica as causas da crise do império espanhol	A Restauração da Independência de Portugal Em 1598 morre Filipe II de Espanha (I de Portugal) e, alguns anos depois o império espanhol começa a entrar em crise devido à redução das remessas de metais preciosos da América; ao envolvimento da Espanha em guerras; à concorrência dos Holandeses e Ingleses pelo controlo do comércio marítimo. À morte de Filipe II, os seus sucessores não	Indicar as causas da crise do império espanhol.	1) Em diálogo com os alunos será feita a síntese da aula anterior sobre a União Ibérica, servindo para o elo de ligação com a aula de hoje. 2) Com a análise do gráfico “A entrada de metais preciosos em Espanha– 1500/1650” de Pierre Vilar, a professora vai fazendo algumas perguntas orientadoras de forma a levar os alunos a descobrir as	Diálogo	Observação direta da participação e da qualidade das intervenções

<p>2.Relaciona as razões do descontentamento dos portugueses com a Restauração da Independência</p> <p>3.Ler e interpretar documentos escritos e iconográficos, mapas e gráficos</p>	<p>cumpriram as promessas feitas aos portugueses nas Cortes de Tomar. Os Portugueses ao sentir que os compromissos não estavam a ser respeitados, consideravam-se dominados por um rei estrangeiro e, como tal, aspiravam recuperar a independência. Isto porque, os Estados europeus em guerra com Espanha, passaram a ser inimigos de Portugal; as possessões orientais portuguesas iam caindo nas mãos dos holandeses; que se fixaram no litoral nordeste do Brasil; mas, o mais grave, foi o aumento dos impostos que conduziu a revoltas populares. A mais importante foi o motim de Évora (1637) mais conhecido por Revolta do Manuelinho, que foi violentamente reprimida pelas autoridades espanholas.</p> <p>Alguns nobres portugueses aproveitando a situação complicada em que Espanha se encontrava, revoltaram-se em Lisboa a 1 de Dezembro de 1640, aclamando D. João, Duque de Bragança, com o título de D. João IV. Iniciava-se o caminho para a restauração da independência de Portugal. Espanha invadiu Portugal para recuperar deste golpe mas falhou, porque o novo rei português reorganizou o exército e recebeu o apoio de França e Inglaterra. Fica assim conhecido o 1º de Dezembro como o dia da Restauração da Independência de Portugal. No entanto, foram travadas várias batalhas das quais os portugueses saíram vitoriosos e a guerra da Restauração só terminou em 1668 quando foi assinada a paz com Espanha.</p>	<p>Identificar as razões que levaram à Restauração da Independência.</p> <p>Explicar a importância da Revolta do Manuelinho.</p> <p>Analisar os acontecimentos de 1 de Dezembro de 1640.</p>	<p>razões que levaram à crise do império espanhol. (1)</p> <p>3)Os alunos lêem e interpretam o documento do manual “Descontentamento com o domínio Filipino” da página 115, de forma a analisarem as causas que levaram os portugueses a desejarem cada vez mais a sua independência. (2,3)</p> <p>4)Em diálogo professora alunos será estudada a Revolta do Manuelinho, o antecedente mais importante da Guerra da Restauração.</p> <p>5)Com a análise da imagem “Aclamação de D. João IV como rei de Portugal” será explorado acontecimentos de 1 de Dezembro de 1640 que culminaram com a Restauração da Independência de Portugal. (2,3)</p> <p>6)Em diálogo professora alunos será elaborado o esquema síntese da aula que os alunos registam no caderno diário.</p>	<p>Manual</p> <p>Power-point (Restauração: documentos, imagens; gráficos, tabelas)</p> <p>Imagem</p> <p>Quadro: Esquema-síntese</p> <p>Caderno</p>	<p>Observação na interpretação de fontes</p>
--	--	---	---	--	--

Bibliografia:

SANTO, Gabriel do Espírito (2006). *Batalhas da História de Portugal: Restauração*. Quidnovi

SANTO, Gabriel do Espírito (2008). *Restauração 1640-1668*. Quidnovi

Webgrafia:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/Restauracao/RI.htm>



<http://www.forum.pt/descansar/eventos/5710>

Restauração da independência de Portugal (1640). In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-12-19].

Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$restauracao-da-independencia-de-portugal](http://www.infopedia.pt/$restauracao-da-independencia-de-portugal)>.

<http://ebicuba.drealentejo.pt/ebicuba/dezembro1/dezembr1.htm>

Anexo V – Plano de aula de História 17/01/2012

Ano/Turma: 8ºB	Aulas n.º 47 e 48	Duração: 90 minutos	Data: 17/01/2012	Professora estagiária: Ana Isabel Rodrigues
Sumário	A disputa dos mares e a afirmação do capitalismo comercial: a ascensão económica e colonial da Europa do Norte – os impérios holandês e inglês.			
Motivação		Amesterdão ²⁰		Londres ²¹
Situação-Problema	Nos séculos XVII e XVIII Amesterdão e Londres substituem Lisboa e Sevilha como principais centros económicos.			
Questões Orientadoras	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais foram as razões da ascensão económica da Holanda? 2. Quais as companhias comerciais holandesas? 3. O que permitiram as companhias comerciais à Holanda? 4. Que razões explicam a afirmação do império inglês? 5. Em que consistia o Ato de Navegação (1651)? <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; float: right;"> Palavras-Chave: Companhias Comerciais; corsários; Armada Invencível; Ato de Navegação; </div>			

Competências	Conteúdos	Indicadores de Aprendizagem	Experiências de Aprendizagem		Avaliação
			Momentos Pedagógicos	Recursos Didáticos	
	A ascensão económica e colonial da Europa do Norte O direito à exclusividade da navegação afirmado pelos países ibéricos no Tratado de Tordesilhas, começou a ser contestado no		1) Através do diálogo professora alunos será feita a síntese da aula anterior que servirá como elo de ligação para a aula		Observação

²⁰ In, http://en.wikipedia.org/wiki/Dutch_East_India_Company

²¹ In, <http://historiadahistoria.wordpress.com/2010/11/22/a-importancia-de-londres/>

<p>1. Ler e interpretar documentos escritos e icnográficos, mapas e gráficos</p> <p>2. Localizar as rotas do comércio holandês</p> <p>3. Identificar as companhias comerciais holandesas</p> <p>4. Identificar as razões que permitiram a ascensão do império inglês</p>	<p>início do século XVI pelos países do Norte da Europa. Holanda, Inglaterra e França defendiam a teoria do mare liberum, isto é o direito de todos os povos poderem navegar livremente nos mares.</p> <p>As Províncias Unidas tornaram-se na 1ª potência económica da Europa, nos finais do século XVI. Os seus habitantes desenvolveram a agro-pecuária e a indústria têxtil e naval. Os seus navios eram frequentemente fretados por outros países para o transporte de mercadorias. No final do século XVI, os Holandeses começaram a concorrer abertamente com os países ibéricos no comércio marítimo, através da pirataria e de conquista de territórios em locais estratégicos tanto a Ocidente como a Oriente.</p> <p>A tolerância religiosa e a capacidade de organização da burguesia holandesa atraíram capitais estrangeiros, que possibilitaram a criação de companhias comerciais como a Companhia das Índias Orientais e a Companhia das Índias Ocidentais. Estas companhias, permitiram à Holanda ter o controlo do comércio intercontinental, que até aí era monopólio de Espanha. As companhias comerciais encontravam-se ligadas ao Banco e à Bolsa de Amesterdão que, através da venda de ações, realizavam grandes negócios. Assim, Amesterdão torna-se o maior centro de negócios da Europa, fazendo com que Lisboa e Sevilha entrassem em decadência.</p> <p>Inglaterra, à semelhança da Holanda, entrou em disputa pelo controlo dos mares e do comércio colonial. Começou por se apoiar</p>	<p>Indicar as razões que permitiram a ascensão da Holanda</p> <p>Localizar as rotas estratégicas da Holanda</p> <p>Identificar as companhias comerciais da Holanda</p> <p>Explicar as razões que</p>	<p>de hoje.</p> <p>2) Com a análise do documento da página 104 do manual - “A ascensão das Províncias Unidas” de William Temple, os alunos exploram como é que a Holanda se tornou na primeira potência económica da Europa, nos finais do século XVI. (1,)</p> <p>3) Com a análise do mapa do manual “Rotas do Comércio Holandês do Oriente” da página 105, os alunos observam se as rotas holandesas colidiam com os interesses portugueses. (1,2)</p> <p>4) Com a visualização e interpretação da imagem da “Companhia das Índias Orientais”, os alunos compreendem a importância das companhias comerciais. (1, 3)</p> <p>5) Em trabalho de pares, os alunos respondem a duas questões orientadoras e faz-se a sua correção.</p> <p>6) Com a imagem do Corsário Sir Francis</p>	<p>Power – point (A ascensão da Europa do Norte: documentos, mapas, esquemas)</p> <p>Mapa</p> <p>Documento</p> <p>Diálogo</p>	<p>direta da participação e da qualidade das intervenções</p> <p>Avaliação atitudinal nos trabalhos de pares</p>
--	---	--	--	---	--

<p>5.Reconhecer a importância dos Atos de Navegação</p>	<p>numa política de pirataria e corso, patrocinada pela rainha Isabel I, fundaram companhias de comércio e conquistaram alguns territórios portugueses, aos espanhóis e aos franceses. Os navios corsários ingleses atacaram os interesses portugueses e espanhóis em diversas partes do Mundo. Filipe II, com a Armada Invencível tentou conter os ataques, mas foi derrotado. Oliver Cromwell através dos Ato de Navegação, permitiram a Inglaterra tornar-se na maior potência colonial e passa a ter a hegemonia do comércio marítimo. Isto porque o ato de navegação impedia o transporte de produtos coloniais por barcos estrangeiros e abria caminho para a supremacia marítima inglesa. A partir do século XVIII, o Império Inglês contem territórios na América do Norte, nas Antilhas, no golfo da Guiné e na Índia. Mas, a rivalidade entre França e Inglaterra arrasta a Europa para uma guerra entre 1757 e 1763, que ficou conhecida com a Guerra dos Sete Anos, da qual a Inglaterra saiu vitoriosa, anexando ainda mais territórios ao seu império.</p>	<p>possibilitaram a Inglaterra tornar-se a maior potência económica</p> <p>Justificar a importância o Ato de Navegação</p>	<p>Drake serão estudados os primeiros passos que Inglaterra deu para se tornar na maior potência económica da época. (1,4)</p> <p>7) Os alunos lêem e interpretam o documento do manual “O acto de navegação” da página 108, para que entendam em que consistiu e a sua importância para Inglaterra se afirmar como a maior potência colonial e marítima. (1,5)</p> <p>8) Em diálogo, os alunos completam um texto projetado, relativo à afirmação do império inglês.</p> <p>9)Em diálogo será abordada a Guerra dos Sete Anos que termina com o Tratado de Paris em 1763, e que põe fim ao conflito do qual Inglaterra sai vitoriosa.</p> <p>Ao longo da aula será elaborado o esquema síntese que os alunos registam no caderno diário.</p>	<p>Imagem</p> <p>Documento</p> <p>Diálogo</p> <p>Quadro</p> <p>Caderno</p>	<p>Resolução da situação problema</p>
---	---	---	---	--	---------------------------------------

Bibliografia

JOURDIN, Michel Mollat du (1995). **A Europa e o mar**. Lisboa: Editorial Presença, págs:135-138

Webgrafia:

Companhia das Índias Orientais. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-12-27].Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$companhia-das-indias-orientais](http://www.infopedia.pt/$companhia-das-indias-orientais)>.

Companhia das Índias Ocidentais. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-12-27].Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$companhia-das-indias-ocidentais](http://www.infopedia.pt/$companhia-das-indias-ocidentais)>.

<http://palma1.no.sapo.pt/ainvaholand.htm>

<http://www.diario-universal.com/2007/03/aconteceu/a-companhia-holandesa-das-indias-orientais/>


Tratado de Paris (1763). In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-12-27]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$tratado-de-paris-\(1763\)](http://www.infopedia.pt/$tratado-de-paris-(1763))>.

Anexo VI – Plano de aula de História 19/01/2012



Escola Básica de Arrifana
2011/2012



Ano/Turma: 8ºB Aulas n.º 49 Duração: 45 minutos Data: 19/01/2012 Professora estagiária: Ana Isabel Rodrigues	
Sumário	A ascensão económica e colonial da Europa do Norte: o capitalismo comercial.
Motivação	 O interior da Bolsa de Amesterdão
Situação-Problema	Companhias comerciais – o motor de arranque para a criação de instituições financeiras?
Questões Orientadoras	<div> 1. Que razões levaram à criação das instituições financeiras? 2. Quais foram as instituições financeiras criadas nos séculos XVII e XVIII? 3. Qual a importância destas instituições? 4. O que se entende por capitalismo comercial? </div> <div> Palavras-Chave: acumulação de capitais; capitalismo comercial; banco; bolsa, ação </div>

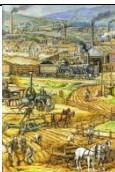
Competências	Conteúdos	Indicadores de Aprendizagem	Experiências de Aprendizagem		Avaliação
			Momentos Pedagógicos	Recursos Didáticos	
1. Tratamento de informação/ utilização de fontes (Ler e interpretar)	A ascensão económica e colonial da Europa do Norte <ul style="list-style-type: none"> O capitalismo comercial Os novos impérios coloniais dos		1) Através do diálogo professora alunos será feita a síntese da aula anterior, servindo como elo de	Power-point (imagens, documentos)	

documentos escritos e icnográficos)	século XVII e XVIII desenvolveram a sua economia através de companhias de comércio, o que possibilitou uma acumulação de capitais , originários dos lucrativos tráficos coloniais. Uma grande quantidade e variedade de produtos passaram a circular por antigas e novas rotas, ligando continentes, mares e povos. Assim, os comerciantes envolvidos em todo o comércio ultramarino obtinham lucros que reinvestiam em novos negócios, o que lhes permitia acumular capitais. Surgi a necessidade de gestão deste capitalismo comercial , apoiado nas companhias de comércio, o que levou à criação de instituições financeiras, como os bancos e as bolsas de valores .	<p>Indicar as razões que levaram à criação das instituições financeiras</p> <p>Identificar as instituições financeiras</p> <p>Explicar a importância das instituições financeiras</p>	<p>ligação para a aula de hoje.</p> <p>2)Através do diálogo, a professora com perguntas orientadoras leva os alunos a descobrir a necessidade de se criarem instituições financeiras. (2)</p> <p>3)Leitura e interpretação do documento “O Banco de Amesterdão” de William Temple, e da análise “O interior da bolsa de Amesterdão”, ambos os recursos da página 106 do manual, com o objetivo dos alunos identificarem a importância destas instituições. (1,2,3)</p> <p>4)Em diálogo professora alunos será elaborado o esquema síntese da aula que os alunos registam no caderno diário.</p>	<p>Diálogo</p> <p>Documento</p> <p>Imagem</p> <p>Quadro</p> <p>Caderno</p>	Observação direta da participação e da qualidade das intervenções
-------------------------------------	---	--	---	--	---

Webgrafia

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Amsterd%C3%A3o>

Anexo VII – Plano de aula de História 24/04/2012

Ano/Turma: 8ºB		Aulas n.º 82 e 83		Duração: 90 minutos		Data: 24/04/2012		Professora estagiária: Ana Isabel Rodrigues	
Sumário		A Revolução Agrícola e o arranque da Revolução Industrial: - as inovações agrícolas e o crescimento demográfico.							
Motivação		<div> agrícola  A agricultura no Antigo Regime</div>							
Situação-Problema		Nos séculos XVII e XVIII, na Inglaterra, ocorreram importantes transformações na agricultura, a que os Historiadores designam por Revolução Agrícola.							
Questões Orientadoras		1.Quais foram as principais inovações técnicas que ocorreram na agricultura nos séculos XVII e XVIII? 2.Que fatores contribuíram para a revolução demográfica? 3. Como se explica o êxodo rural?						Palavras-Chave: Revolução Agrícola; baldios; enclosures; afolhamento quadrienal; revolução demográfica, êxodo rural.	

Metas de aprendizagem	Conteúdos	Indicadores de Aprendizagem	Experiências de Aprendizagem		Avaliação
			Momentos Pedagógicos	Recursos Didáticos	
<p>1)Ler e interpretar documentos escritos e iconográficos, mapas e gráficos.</p> <p>2)Identificar as inovações técnicas aplicadas à agricultura e à pecuária.</p>	<p>Inovações agrícolas e novo regime demográfico</p> <p>A Inglaterra e a Holanda dos séculos XVII e XVIII, recusaram o absolutismo e empreenderam políticas mais liberais que permitiram um grande desenvolvimento económico, técnico e demográfico. As inovações agrícolas, experimentadas nesses países, deram origem à Revolução Agrícola, que por sua vez desencadeou uma Revolução Demográfica.</p> <p>Assim, durante os séculos XVII e XVIII, a nobreza rural inglesa desencadeou nas suas propriedades uma série de transformações, que provocaram uma revolução agrícola na Europa. Estes senhores tinham o apoio do Parlamento inglês para anexarem às suas quintas os terrenos baldios; compraram aos pequenos proprietários as parcelas de campo e, fecharam as herdades formando os enclosures, isto é, o emparcelamento da propriedade com melhores condições para as culturas e criação de gado.</p> <p>Estes senhores da terra, também introduziram inovações técnicas na agricultura e na pecuária, tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Drenagem de pântanos; • Afolhamento/rotação quadrienal de culturas (dispensa o pousio e permite 	<p>Indica a função dos enclosures.</p> <p>Identifica as principais inovações técnicas.</p>	<p>1)Em diálogo professora-alunos inicia-se o estudo à unidade didática “A Revolução Agrícola e o Arranque da Revolução Industrial”. A professora desafia os alunos a imaginarem-se na pele de nobres ingleses com grandes propriedades. Ao longo da aula, os alunos vão descobrir as transformações nas suas colheitas e no seio familiar, devido às inovações técnicas e ao crescimento demográfico.</p> <p>2)Com a leitura do documento 3 “<i>Antes e Depois das Enclosures</i>”, da página 7 do manual, os alunos começam a compreender as transformações que ocorreram na agricultura e nas paisagens. (1,2)</p> <p>3)Análise do documento 5 “<i>A rotação de culturas</i>”, da página 8 do manual, os alunos exploram algumas das inovações técnicas aplicadas na agricultura. (1,2,3)</p>	<p>Diálogo</p> <p>Documento escrito</p> <p>Documento escrito</p>	<p>Observação direta (empenho, atenção, participação, interesse, comunicação, respeito, cooperação).</p> <p>Observação na</p>

<p>3)Reconhecer a importância da rotação quadrienal para o aumento da produtividade.</p> <p>4)Identificar os fatores favoráveis ao crescimento demográfico.</p> <p>5)Reconhecer a importância que o êxodo rural teve no crescimento das cidades.</p>	<p>conciliar nas mesmas terras o cultivo de cereais e a criação de gado);</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fertilização dos campos através do estrume dos animais e recorrendo ao uso de argila e calcário para juntar aos terrenos arenosos; • Seleção das melhores sementes e de animais reprodutores; • Introdução de novas culturas – beterraba, batata, milho e arroz; • Recurso a algumas máquinas que possibilitaram a redução da mão de obra nos campos. <p>Estas novas técnicas permitiram o aumento da produtividade e desencadeou, como já referi anteriormente, uma Revolução Demográfica. Mas, vários foram os fatores que permitiram o crescimento demográfico. Ora vejamos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diminuição da taxa de mortalidade devido à abundância e variedade de alimentos que permitiu uma maior resistência às doenças e à melhoria das condições de higiene e progressos na medicina. Estes fatores possibilitaram um Saldo fisiológico positivo, que permitiu o rejuvenescimento da população. <p>Com o aumento da produtividade, vão acumular-se os excedentes agrícolas o que em conjunto com os progressos nos transportes, vai permitir desenvolver o comércio local e regional.</p> <p>Com o aumento da população rural e a diminuição da necessidade de mão de obra nos campos, as</p>	<p>Explica o conceito da Revolução Agrícola.</p> <p>Justifica o crescimento demográfico.</p> <p>Analisa o crescimento das cidades.</p>	<p>4)Através do diálogo, serão exploradas as restantes inovações técnicas que ocorreram na agricultura. (1,2,3)</p> <p>4)Em trabalho de pares, os alunos respondem à primeira questão orientadora. (2,3)</p> <p>5)Através da análise do gráfico “<i>A revolução demográfica em Inglaterra</i>”, da página 9 do manual, os alunos identificam os fatores que permitiram o crescimento demográfico. (1,4)</p> <p>6)Com a análise do mapa “<i>As grandes cidades da Europa de 1600 a 1800</i>”, da página 11 do manual, os alunos relacionam o crescimento das grandes cidades com as revoluções agrícola e demográfica e identificam as razões do êxodo rural. (1,5)</p>	<p>Gráfico</p> <p>Mapa</p>	<p>interpretação das fontes.</p> <p>Comentário à situação problema.</p>
--	---	---	--	----------------------------	---

6)Relacionar a revolução agrícola com a revolução demográfica.	<p>As pessoas procuram soluções para as suas miseráveis condições de vida. Assim, a população rural migra para as cidades e dá-se um êxodo rural, que permitiu o crescimento das cidades e disponibilizou mão de obra para as indústrias que começavam a surgir.</p>		<p>8) Ao longo da aula será construído o esquema síntese da aula com os alunos.</p> <p>9) Os alunos elaboram um Diário de Aula que, será entregue à professora estagiária, com a finalidade de recolher informação para o seu Relatório Final.</p>	Diálogo	
--	---	--	--	---------	--

Bibliografia:

KEMP, Tom (1985). *A Revolução Industrial na Europa do século XIX*. Porto: Edições 70

Webgrafia:

<URL: [http://www.infopedia.pt/\\$revolucao-agricola](http://www.infopedia.pt/$revolucao-agricola)> (consultado em 30/03/2012 – 21h26)

<http://pegadashistoricas.blogspot.pt/2011/03/hegemonia-inglesa.html>

<http://aprenderhistoria8.blogspot.com/2008/04/economia-do-antigo-regime.html>

Anexo VIII – Plano de aula de Geografia 13/02/2012



Escola Básica de Arrifana
2011/2012



Plano de Aula

Escola Básica de Arrifana

Unidade Didática: Interdependência entre espaços com diferentes níveis de desenvolvimento

Ano: 9º

Turma: A

Aula:42

Data: 13/02/2012

Sumário: Interdependência entre espaços com diferentes níveis de desenvolvimento: - os obstáculos ao desenvolvimento.

Objectivos			
Saber	Saber Fazer	Saber Ser	Competências
- Identificar os diferentes obstáculos ao desenvolvimento	- Análise dos filmes - Análise da questão aula	-Estar atento -Ser sensível -Ter espírito crítico -Ter respeito - Ser cooperativo - Ser solidário	g, m, n

Conteúdos		
Temáticos	Procedimentais	Atitudinais
Obstáculos ao desenvolvimento - Pobreza; - Elevado crescimento populacional; - Malnutrição, subnutrição e fome; - Falta de água potável; - Falta de investimento na saúde e na educação; - Falta de condições de habitabilidade; Insegurança/Criminalidade; - Instabilidade política; - Elevada dívida externa; - Corrupção; - Desigualdade dos termos de troca; - Catástrofes naturais	- Expressão verbal e escrita - Utilização de vocabulário geográfico	- Atenção - Sensibilidade - Espírito crítico - Respeito - Cooperação - Solidariedade

Momentos didáticos	Recursos
<p>1º - A professora lança o desafio aos alunos “Conhecer o mundo onde não queremos viver, mas que existe.”, como forma de despertar a curiosidade e a atenção dos alunos para a aula. (2m)</p> <p>2º - A professora escreve no quadro a questão “O que significa ser pobre?”, e, posteriormente os alunos refletem e pronunciam-se sobre o assunto, partilhando as ideias. (20m)</p> <p>3º - Para completar a discussão do momento anterior, os alunos visualizam pequenos filmes, nos quais é possível identificar alguns dos obstáculos ao desenvolvimento e perceber o que significa ser pobre. (10m)</p> <p>4º - Os alunos elaboram um Diário de Aula, que será entregue à professora. (10m)</p> <p>5º - Os alunos elaboram o sumário que funciona como síntese da aula. A professora marca os trabalhos de casa – Os alunos terão que elaborar um esquema síntese dos obstáculos ao desenvolvimento. (3m)</p>	<p>Quadro</p> <p>Computador</p> <p>Retroprojektor</p> <p>Folha</p> <p>Caderno Diário</p>

Justificação: Este plano de aula é apenas para 45 minutos, porque nos primeiros 45 minutos da aula os alunos irão acabar de apresentar os trabalhos de grupo que desenvolveram sobre os Países desenvolvidos VS Países em desenvolvimento.

Tendo em conta o construtivismo na sala de aula e, como pretendo centrar a aula nos alunos e que estes tenham aprendizagens significativas recolhi todo um conjunto de material didático de forma a permitir-lhes uma descoberta do conhecimento. Considero que esta é uma aula em que se abordam temas um pouco complicados para as pessoas mais sensíveis, por isso temos que tentar perceber e respeitar as emoções dos outros para que a aula decorra com normalidade.

Posteriormente, será lançado o desafio aos alunos “Conhecer o mundo onde não queremos viver, mas que existe.”, escolhi este desafio pois considero que a maior parte dos nossos jovens não se preocupa com as condições em que vive grande parte da nossa população e, também tenho a certeza que eles não gostariam nada de viver num mundo assim. Os nossos jovens estão habituados ao “luxo” e queixam-se de tudo e mais alguma coisa, mas não se lembram que algures no mundo existem muitos jovens da idade deles, que têm problemas muito graves e que morrem de fome todos os dias e ninguém se lembra deles para os ajudar.

Depois do desafio lançado farei a pergunta aos alunos “O que significa ser pobre?”. Esta é uma questão para refletir um pouco e, de seguida, dialogar sobre o que é, na verdade, para eles a pobreza. Mas porquê esta questão e não outra? Porque, na minha opinião, para a maioria das pessoas ser pobre é não ter dinheiro, mas na realidade não é apenas isso. Ser pobre engloba uma série de obstáculos colocados a uma pessoa, como por exemplo não ter acesso a água potável ou saneamento básico, não ter acesso aos cuidados mínimos de saúde, coisas que para nós são básicas, garantidas e subvalorizadas, mas que para muita população estão ainda longe de acontecer. Pretendo, com esta questão, sensibilizar os alunos para estes problemas, para que comecem a ser mais solidários e amigos uns dos outros.

Posteriormente, os alunos irão visualizar dois pequenos filmes, retirados do youtube, sobre os contrastes de desenvolvimento. Nestes filmes, é possível observar alguns dos obstáculos ao desenvolvimento de um país, como a pobreza, a fome, a falta de habitação, a falta de assistência médica, a falta de escolas/privação da educação básica, entre outros. Estes filmes têm como finalidade ajudar os alunos a compreender o que realmente significa ser pobre e identificar os obstáculos ao desenvolvimento de um país. Considero que algumas imagens destes filmes são um pouco chocantes, mas entendo que são necessárias para que os alunos tomem, realmente, consciência daquilo que se passa nos países em desenvolvimento, da realidade do nosso Mundo. Penso que são necessárias para que eles reflitam e pensem antes de deitar comida fora, antes de reclamarem por terem de andar na escola, entre outras coisas. Enfim, uma série de “problemas” que os nossos jovens têm, mas que, infelizmente, há verdadeiros problemas e que têm de ser resolvidos. É necessário sensibilizar os jovens para as campanhas de recolha de alimentos e não só e, neste aspeto julgo a Escola da Arrifana fantástica, pois mobiliza uma série de atividades relacionadas com a solidariedade.

Anexo IX – Plano de aula de Geografia 27/02/2012



Escola Básica de Arrifana
2011/2012



Plano de Aula

Escola Básica de Arrifana

Unidade Didática: Interdependência entre espaços com diferentes níveis de desenvolvimento

Ano: 9º

Turma: A

Aula: 43 e 44

Data: 27/02/2012

Sumário: Conclusão do assunto abordado na última aula: - os obstáculos ao desenvolvimento.

Objectivos			
Saber	Saber Fazer	Saber Ser	Competências
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os diferentes obstáculos ao desenvolvimento - Identificar os países mais afetados pelos obstáculos ao desenvolvimento 	<ul style="list-style-type: none"> -Análise de filmes, imagens e mapas -Localizar os países mais afetados pelos obstáculos ao desenvolvimento 	<ul style="list-style-type: none"> -Estar atento -Ser sensível -Ter espírito crítico -Ter respeito - Ser cooperativo - Ser solidário 	g, k, m,

Conteúdos		
Temáticos	Procedimentais	Atitudinais
Obstáculos ao desenvolvimento <ul style="list-style-type: none"> - Pobreza; - Elevado crescimento populacional; -Malnutrição, subnutrição e fome; -Falta de água potável; - Falta de investimento na saúde e na educação; -Falta de condições de habitabilidade; Insegurança/Criminalidade; - Instabilidade política; - Elevada dívida externa; - Corrupção; - Desigualdade dos termos de troca; -Catástrofes naturais 	<ul style="list-style-type: none"> -Expressão verbal e escrita - Utilização de vocabulário geográfico 	<ul style="list-style-type: none"> -Atenção -Sensibilidade -Espírito crítico -Respeito -Cooperação -Solidariedade

Momentos didáticos	Recursos
1º - A professora começa por verificar a presença dos alunos e se for necessário marcação de faltas. (2m)	
2º - A professora verifica se os alunos realizaram o trabalho de casa e faz o registo de quem fez e de quem não fez. (3m)	
3º -Correção do trabalho de casa, que será feito com um Brainstorming, em que a professora vai registando no quadro os obstáculos ao desenvolvimento identificados pelos alunos e no final estes passam para o caderno diário. (15m)	Quadro
4º - Para reforçar bem a ideia dos obstáculos ao desenvolvimento os alunos visualizam um pequeno filme onde se destacam todos os obstáculos e possíveis soluções ao desenvolvimento dos países. (12m)	Computador Retroprojektor
5º - A professora pergunta aos alunos se falta algum obstáculo ao desenvolvimento no esquema, que anteriormente registaram no caderno diário. Se for o caso registar-se-á, completando o esquema. (3m)	Diálogo
6º - A professora projeta alguns mapas relativos a doenças diarreicas, à gripe, à sida entre outras para que os alunos possam analisar e localizar quais os países mais afetados por estas doenças e, assim refletirem um pouco como é que as gastroenterites e doenças associadas, doenças tão comuns e facilmente tratáveis nos países desenvolvidos, ainda podem matar tanta gente em determinados países do mundo. (10m)	Computador Retroprojektor
7º - Será projetado um mapa sobre a Educação para todos, para que os alunos localizem alguns países, reflitam e percebam que andar na escola é um privilégio de poucos, mal aproveitado e subvalorizado, enquanto que outros, infelizmente querem e não têm acesso à educação. (10m)	Computador Retroprojektor
8º - Serão projetadas algumas imagens referentes ao trabalho infantil e à situação da mulher na sociedade em diferentes países para que os alunos possam tomar consciência e refletir um pouco sobre estes assuntos e problemas da sociedade. (10m)	Computador Retroprojektor Folha
9º - Os alunos elaboram um Diário de Aula, que será entregue à professora. (20m)	
10º - Os alunos elaboram o sumário que registam no caderno diário, servindo como síntese da aula. (5m)	Caderno Diário

Justificação: Tendo em conta o construtivismo na sala de aula e, como pretendo que os alunos tenham aprendizagens significativas e que a aula esteja centrada neles (brainstorming), recolhi todo um conjunto de material didático de maneira a permitir-lhes uma descoberta do conhecimento. Os alunos, consoante analisam os recursos didáticos irão chegar a conclusões e assim construirão o seu próprio conhecimento. Pretendo nesta aula, assim como em todas as

outras, ser uma orientadora do saber ajudando os alunos na sua descoberta.

Vou começar por verificar a presença dos alunos e se for necessário marcar as faltas, este momento inicial da aula, julgo ser importante porque é uma forma dos alunos se começarem a acalmar e a estabilizar para darmos início à aula. Posteriormente, vou verificar se os alunos realizaram o trabalho de casa que lhe tinha sido pedido na última aula. Na minha opinião é importante verificar e fazer o registo de quem fez e de quem não fez o trabalho de casa, controlando o empenho e a responsabilidade dos alunos. Pois se é pedido aos alunos para realizarem algo em casa, deve ser nossa obrigação verificar se eles cumpriram ou não, para que assim não haja injustiça para com aqueles que fazem. Para que a correção do trabalho de casa não seja algo monótono, vou aproveitar para fazer um brainstorming, assim conforme os alunos vão dizendo os obstáculos ao desenvolvimento que identificaram eu vou registando no quadro, no final de todos os alunos registam no caderno diário os obstáculos ao desenvolvimento identificados pela turma. Assim, é também uma maneira de fazer a síntese da aula anterior e perceber se conseguiram assimilar todas as informações da aula. Como forma de sintetizar todos os obstáculos ao desenvolvimento os alunos vão visualizar um pequeno filme, retirado do youtube, onde é possível observar todos os obstáculos ao desenvolvimento e também algumas soluções para combater estes obstáculos. Nesta aula ainda não vamos entrar nas soluções, mas julgo ser importante os alunos já visualizarem que existem soluções para estes obstáculos e, na próxima aula, começar por relembrar o filme aos alunos e assim entrarmos nas soluções aos obstáculos de desenvolvimento. Depois de visualizado o filme e discutido, será perguntado aos alunos se, no esquema que registaram anteriormente no caderno diário, falta algum obstáculo ao desenvolvimento; se for o caso, iremos terminar o esquema síntese dos obstáculos ao desenvolvimento.

Para terminar o assunto dos obstáculos ao desenvolvimento optei por projetar mapas sobre algumas doenças que para nós, países desenvolvidos com um simples antibiótico se curam rapidamente, mas que nos países em desenvolvimento ainda matam muita gente. Julgo ser importante, os alunos refletirem um pouco sobre isto e verificarem que apesar de todos nós termos direito aos cuidados mínimos de saúde isso na realidade não se verifica. Selecionei também um mapa sobre a Educação para todos. Este mapa serve um pouco para fazer perceber aos alunos que ir à escola é um privilégio de poucos, mal aproveitado e subvalorizado enquanto que outros países isso é um grande obstáculo ao desenvolvimento e que milhões de crianças não têm sequer acesso ao ensino primário. Para mim é importante os alunos pensarem um pouco nestes assuntos para deixarem o egoísmo um pouco de parte e se comecem a preocupar com coisas realmente importantes. São alunos que estão prestes a tomar uma decisão para o seu futuro e se querem ser “bons” jovens adultos/cidadãos altruístas têm que conhecer um pouco a realidade do nosso Mundo e preocuparem-se com coisas uteis e não com futilidades. O mesmo discurso vem de encontro à minha outra opção que é a projeção de imagens sobre o trabalho infantil e a situação da mulher em diferentes países.

Os alunos vão elaborar um diário de aula que me será entregue e utilizado para o meu relatório final de estágio.

No final da aula os alunos elaboram o sumário o que serve também como síntese da aula.

Anexo X– Plano de aula de Geografia 05/03/2012



Escola Básica de Arrifana
2011/2012



Plano de Aula

Escola Básica de Arrifana

Unidade Didática: Interdependência entre espaços com diferentes níveis de desenvolvimento

Ano: 9º

Turma: A

Aula: 45 e 46

Data: 05/03/2012

Sumário: Soluções para atenuar os contrastes de desenvolvimento.

Objectivos			
Saber	Saber Fazer	Saber Ser	Competências
<ul style="list-style-type: none">- Identificar as soluções aos contrastes de desenvolvimento- Reconhecer as ONG's e OG's que contribuem para atenuar os contrastes- Perceber a importância do comércio justo para a diminuição dos contrastes de desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none">- Análise de filmes, imagens e mapas- Localizar os países/ regiões que mais precisam da ajuda das ONG's e OG's de desenvolvimento- Identificar e elaborar possíveis soluções para a diminuição dos contrastes de desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none">- Estar atento- Ser sensível- Ter espírito crítico- Ter respeito- Ser cooperativo- Ser solidário	g, m, n

Conteúdos		
Temáticos	Procedimentais	Atitudinais
Soluções para os contrastes de desenvolvimento -Objetivos do Milénio -Ajuda pública ao desenvolvimento – ONG's/ OG's -Comércio justo	-Expressão verbal e escrita - Utilização de vocabulário geográfico -Localizar no mapa as regiões de maior intervenção das ONG's e OG's -Elaborar possíveis soluções para diminuir os contrastes de desenvolvimento	-Atenção -Sensibilidade -Espírito crítico -Respeito -Cooperação -Solidariedade

Momentos didáticos	Recursos
<p>1º - A professora começa por verificar a presença dos alunos e se for necessário marcação de faltas. (2m)</p> <p>2º - A professora pede aos alunos que façam a síntese da aula anterior e, se for necessário esclarece dúvidas. (5m)</p> <p>3º -A professora pede aos alunos que relembrem o filme que visualizaram na última aula, onde eram apontadas soluções aos obstáculos de desenvolvimento, e inicia-se o estudo às soluções para atenuar os contrastes de desenvolvimento. (5m)</p> <p>4º -A professora relembra aos alunos a atividade realizada na escola, no período passado, sobre os Objetivos do Milénio. Através da visualização de imagens, serão analisados estes objetivos, de maneira a que os alunos entendam qual a sua contribuição para melhorar a qualidade de vida da população. (10m)</p> <p>5º -Os alunos visualizam partes do filme “Amor sem fronteiras”, onde é possível visualizar angariação de fundos para os países em desenvolvimento; o campo de refugiados e a chegada de alimentos e medicamentos. (25m)</p> <p>6º -Para o estudo da ajuda pública ao desenvolvimento, os alunos analisam o mapa da pág. 64 do manual, que será projetado, onde identificam os países que mais ajuda recebem. Posteriormente, através do mesmo mapa e do gráfico da pág.65, os alunos identificam os países mais doadores. (10m)</p> <p>7º -Os alunos visualizam um pequeno filme sobre o Comércio</p>	<p>Computador</p> <p>Data-show</p> <p>Manual</p>

<p>Justo. (5m)</p> <p>8º -Os alunos analisam o filme e será explorado o comércio justo e, sobretudo, a sua importância para os países em desenvolvimento. (10m)</p> <p>9º - Os alunos elaboram o Diário de Aula. (15m)</p> <p>10º -Os alunos elaboram o sumário, o que serve como síntese da aula. (3m)</p>	
---	--

Justificação: Ao elaborar este plano de aula, tive sempre presente o construtivismo na sala de aula, recolhi todo um conjunto de material didático para que os alunos construam o seu próprio conhecimento e a aula fique centrada neles. Tentei criar momentos didáticos dinâmicos, em que apelo à participação constante dos alunos, para a análise dos recursos, mas também tendo espaço para que eles possam opinar sobre o tema em estudo e, se for necessário coloquem as suas dúvidas.

Vou começar por pedir aos alunos que me façam a síntese da última aula, para que assim possa seguir para os momentos didáticos seguintes. Pois na última aula, os alunos visualizaram um pequeno vídeo onde se encontravam os obstáculos ao desenvolvimento, mas também algumas soluções para atenuar esses contrastes. Assim, os alunos vão fazer a síntese da última aula, vão relembrar o filme onde me será possível explorar um pouco algumas das soluções aos contrastes de desenvolvimento. Posteriormente, os alunos vão relembrar a atividade realizada na escola sobre os Objetivos do Milénio, onde lhes será pedido a sua opinião acerca desta atividade, mas também explorem um pouco a importância desta atividade. De seguida, irei projetar os símbolos destes Objetivos para que os alunos comentem cada um deles e em diálogo percebam qual a sua importância destes para melhorar a qualidade de vida da população.

Mas, os alunos têm que perceber que não são apenas estas as soluções para os contrastes de desenvolvimento, existem outras. Sendo assim, os alunos irão visualizar partes do filme “Amor sem fronteiras” onde é possível observar uma organização a angariar fundos para os países em desenvolvimento, mas ao mesmo tempo a indiferença das pessoas para com estes problemas. É também possível visualizar um campo de refugiados em África, a falta de condições a todos os níveis em que estas pessoas vivem e, a chegada de camiões com alimentos e medicamentos. Assim, com este filme, os alunos irão discutir e refletir e irei abordar junto deles as ONG’s e as OG’s.

Uma das outras soluções para os contrastes de desenvolvimento é a ajuda pública ao desenvolvimento, em que os países desenvolvidos ajudam os países em desenvolvimento a combater a sua dívida externa. Mas, não só. Para tal, os alunos visualizam um pequeno vídeo sobre o Comércio Justo, para que percebam que há soluções para as desigualdades

de troca. No meu entender, este vídeo está simples e de fácil compreensão para os alunos. Assim, os alunos ficam a perceber a importância deste tipo de comércio para os países em desenvolvimento.

Os alunos elaboram um diário de aula, que me será entregue para ser utilizado no meu relatório final.

Os alunos elaboram o sumário, que serve como síntese da aula.

Anexo XI – Plano de aula de Geografia 16/04/2012



Escola Básica de Arrifana
2011/2012



Plano de Aula

Escola Básica de Arrifana

Unidade Didática: Ambiente e Sociedade – O Estado do Planeta

Ano: 9º

Turma: A

Aula: 52 e 53

Data: 16/04/2012

Sumário: Introdução ao tema Ambiente e Sociedade: - O Estado do Planeta.
Os principais problemas do Planeta: Trabalho de pares.

Objectivos			
Saber	Saber Fazer	Saber Ser	Competências
- Identificar os problemas do Planeta	<ul style="list-style-type: none">- Análise dos filmes- Interpretação das imagens- Reflexão sobre os problemas ambientais	<ul style="list-style-type: none">- Estar atento- Ser interessado- Ser empenhado- Ter sensibilidade- Ser cooperativo- Saber comunicar- Ter civismo- Ter espírito crítico	i; j; k; r; s

Conteúdos		
Temáticos	Procedimentais	Atitudinais
O Estado do Planeta <ul style="list-style-type: none">- Elevado crescimento populacional e recursos do planeta-Pobreza-Fome- Falta de acesso à educação- Escassez e contaminação de água-Excessivo crescimento urbano- Problemas ambientais- Destruição de ecossistema- Perda da biodiversidade- Pegada Ecológica	<ul style="list-style-type: none">-Expressão verbal e escrita- Utilização de vocabulário geográfico- Leitura e interpretação de textos e imagens	<ul style="list-style-type: none">- Atenção- Interesse- Empenho- Sensibilidade- Cooperação- Comunicabilidade- Civismo- Espírito Crítico

Momentos didáticos	Recursos
1º - A professora começa por verificar a presença dos alunos e se for necessário marcação de faltas. (2m)	
2º - Em diálogo professora – alunos será feita a introdução ao tema e respetivo enquadramento com as últimas aulas do período passado, lançando o desafio aos alunos “Como andamos a tratar a nossa “casa”? Será que a estamos a preservar?”. (10m)	
3º - Os alunos visualizam o videoclip “Earth Song” de Michael Jackson, para sintetizar um pouco o momento didático anterior e, assim refletem um pouco sobre o Estado do Planeta e relacionam a unidade didática anterior com a unidade didática em estudo. (10m)	Computador Vídeo projetor
4º - Os alunos, em trabalho de pares, irão selecionar algumas imagens, fornecidas pela professora, que terão que interpretar e relacionar com os problemas do planeta. (10m)	
5º - Os alunos apresentam á turma as imagens que selecionaram, explicando as suas relações e a relação que a imagem têm com os problemas do planeta. Ao mesmo tempo, será elaborado o esquema síntese, no quadro, dos problemas que estão a destruir o planeta. (25m)	Imagens
6º - Para sistematizar os momentos anteriores, os alunos visualizam um documentário da BBC “O Estado do Planeta – Porque há uma Crise?”. (15m)	Computador Vídeo projetor
7º - Os alunos elaboram o Diário de Aula, que será entregue à professora para utilizar no seu relatório final de estágio. (15m)	
8º - Os alunos elaboram o sumário que serve como síntese da aula. (3m)	

Justificação: Tendo em conta o construtivismo na sala de aula e, como pretendo que os alunos tenham aprendizagens significativas e que a aula esteja centrada neles, recolhi todo um conjunto de material didático, a ser explorado como uma descoberta do conhecimento. Os alunos, consoante analisam os recursos didáticos irão chegar a conclusões e assim construirão o seu próprio conhecimento. Pretendo nesta aula, assim como em todas as outras, ser uma orientadora do saber ajudando os alunos na sua descoberta.

Vou iniciar a aula começando por verificar a presença dos alunos, pois considero que este é um momento importante da aula, porque dá tempo aos alunos para se acalmarem e começarem a concentrar-se para o trabalho a desenvolver. De seguida será lançado, aos alunos, o desafio de “Como andamos a tratar a nossa “casa”? Será que a estamos a preservar?”; ao mesmo tempo será feita a introdução à unidade didática e a ligação e o enquadramento com as últimas aulas do período passado. No desafio que lanço aos alunos, utilizo a palavra casa num sentido figurativo; nós vivemos numa casa e temos que a conservar para que não se vá degradando. O Planeta é a

casa comum a todos nós, que necessita ser cuidada, respeitada e preservada. Assim, pretendo levar os alunos a refletirem sobre a forma como andamos a tratar o nosso Planeta e se, objetivamente o estamos a preservar.

Vou utilizar o videoclipe “Earth Song” de Michael Jackson para sintetizar os momentos didáticos anteriores e lançar os próximos, despertar “os sentidos” dos alunos. Considero que este recurso é oportuno para sintetizar os recursos principais. Os alunos apreciam este tipo de recursos e é uma forma pertinente de os atrair ao essencial, de os motivar, de despertar sentimentos importantes para a cidadania interventiva! Os alunos gostam de coisas diferentes que os ajudem a compreender os conteúdos temáticos e, na minha opinião esta é uma música que transmite uma bela mensagem, que nos faz pensar e refletir nas nossas atitudes; é também uma música que permite enquadrar os obstáculos ao desenvolvimento com a unidade didática em estudo “O Estado do Planeta”.

Posteriormente, os alunos em trabalho de pares, vão selecionar duas imagens, fornecidas pela professora. Estas imagens estão relacionadas com os problemas que afetam e estão a destruir o planeta. O que será pedido aos alunos é que, em trabalho de pares, selecionem duas imagens e apresentem ao grupo turma as imagens que selecionaram, referindo qual o problema implícito nas imagens, e qual a mensagem que as imagens transmitem, (embora isto seja muito relativo, pois cada um interpreta a mensagem à sua maneira, e a mensagem que eu tiro pode não ser a mesma que o aluno tira, é importante estimular a perceção, a imaginação e o sentido crítico de cada um). Enquanto os alunos apresentam as suas conclusões e identificam os problemas que estão a destruir o nosso Planeta, a professora vai registando no quadro esses problemas, para que, no final, os alunos registem no caderno diário.

Para sistematizar e consolidar todos os momentos didáticos anteriores, os alunos visualizam um documentário da BBC “O Estado do Planeta – Porque há uma Crise?”. Com este documentário, os alunos observam alguns dos problemas do Planeta, a destruição dos ecossistemas e a perda da biodiversidade; assim os alunos podem refletir e tirar as suas próprias conclusões, interligando os conhecimentos adquiridos ao longo das aulas com as informações do documentário. Assim, será feito o enquadramento dos problemas sociais e ambientais que constituem um todo que nos afeta, a diversos níveis. Ambos estão interligados e são inseparáveis, a sociedade necessita do ambiente para sobreviver e o ambiente necessita da sociedade para ser preservado. Apesar de não ser isto que acontece, porque cada vez mais a sociedade destrói o ambiente, e este vai deixando de dar qualidade de vida à sociedade.

Para terminar a aula, os alunos elaboram um Diário de Aula que me será entregue e utilizado no meu relatório final.

Os alunos elaboram o sumário, que serve como síntese da aula.

Anexo XII – Plano de aula de Geografia 23/04/2012



Escola Básica de Arrifana
2011/2012



Plano de Aula

Escola Básica de Arrifana

Unidade Didática: Ambiente e Sociedade – O Estado do Planeta

Ano: 9º

Turma: A

Aula: 53 e 54

Data: 23/04/2012

Sumário: Conclusão do assunto da aula anterior: O Estado do Planeta.

Objectivos			
Saber	Saber Fazer	Saber Ser	Competências
<ul style="list-style-type: none">- Identificar os problemas do Planeta- Identificar os problemas ambientais	<ul style="list-style-type: none">- Reflexão sobre os problemas ambientais e os problemas do Planeta	<ul style="list-style-type: none">- Estar atento- Ser interessado- Ser empenhado- Ter sensibilidade- Saber comunicar- Ter espírito crítico	i; j; k; r; s

Conteúdos		
Temáticos	Procedimentais	Atitudinais
O Estado do Planeta <ul style="list-style-type: none">- Elevado crescimento populacional e recursos do planeta-Pobreza-Fome- Falta de acesso à educação- Escassez e contaminação de água-Excessivo crescimento urbano- Problemas ambientais- Destruição de ecossistema- Perda da biodiversidade- Pegada Ecológica	<ul style="list-style-type: none">-Expressão verbal e escrita- Utilização de vocabulário geográfico-Análise e reflexão da ação do Homem sobre os diferentes habitats naturais	<ul style="list-style-type: none">- Atenção- Interesse- Empenho- Sensibilidade- Comunicabilidade- Espírito Crítico

Momentos didáticos	Recursos
<p>1º - A professora começa por verificar a presença dos alunos e se for necessário marcação de faltas. (2m)</p> <p>2º - Em diálogo professora – alunos será feita a síntese da aula anterior, servindo como elo de ligação com a aula de hoje. (5m)</p> <p>3º - Através do diálogo será estudada a pegada ecológica e discutidas algumas medidas para a sua diminuição. (15m)</p> <p>4º - Os alunos calculam a sua pegada ecológica e fazem um pequeno comentário, apontando algumas medidas, se for necessário, para a sua redução. (10m)</p> <p>5º - Os alunos elaboram uma pequena reflexão/comentário sobre “O Estado do Planeta”. Nesta reflexão, os alunos devem ter em consideração os assuntos abordados nas aulas lecionadas. (20m)</p> <p>6º - Os alunos visualizam o filme o “Estado do Planeta” e, através do diálogo será feito o enquadramento dos problemas sociais e ambientais que constituem um todo. (15m)</p> <p>7º - Os alunos elaboram o Diário de Aula, que será entregue à professora para utilizar no seu relatório final de estágio. (20m)</p> <p>8º - Os alunos elaboram o sumário que serve como síntese da aula. (3m)</p>	Diálogo

Justificação: Tendo em conta o construtivismo na sala de aula e, como pretendo que os alunos construam o seu próprio conhecimento, recolhi todo um conjunto de material didático que proporcione aos alunos o ensino pela descoberta. Vou iniciar a aula por verificar a presença dos alunos, pois este é o momento em que os alunos se acalmam e se preparam para a aula propriamente dita. Posteriormente, em diálogo professora – alunos será feita a síntese da aula anterior, em que os alunos têm oportunidade para relembrar tudo o que foi estudado na última aula e assim, faz-se o elo de ligação para a aula de hoje, que é continuação do estudo do assunto iniciado na aula anterior. A professora pergunta aos alunos se já ouviram falar da pegada ecológica e que expliquem por palavras suas do que se trata. Assim, através do diálogo será explorada a pegada ecológica, mas também algumas soluções para a sua diminuição. De seguida, a professora fornece aos alunos o questionário para calcularem a sua pegada ecológica e cada um faz um pequeno comentário e, se for o caso apresenta algumas soluções para diminuir a sua pegada ecológica. Considero que estes é um momento interessante para os alunos, pois considero que a maior parte dos alunos ainda não ouviram falar da pegada ecológica e muito menos de que é possível cada pessoa calcular a sua própria pegada ecológica. Os alunos elaboram uma reflexão sobre “O Estado do Planeta”; esta reflexão/comentário é individual e será alvo de uma avaliação temática, para que eu possa realizar o meu momento de avaliação. Nesta reflexão/comentário, os alunos devem ter em consideração os problemas do Planeta estudados na aula, além da sua opinião pessoal e a sua perspetiva crítica. Posteriormente, será feito o balanço final ao estudo da unidade didática “O Estado do Planeta” através do enquadramento dos problemas sociais e ambientais que constituem um todo. Optei por fazer isto depois de os alunos terem elaborado a sua reflexão para que não ficassem influenciados. É necessário sensibilizar os alunos, futuros cidadãos ativos, para os problemas que destroem o Planeta, para que assim, comecem eles próprios a agir para reduzir esses problemas e promovam o desenvolvimento sustentável. Os alunos elaboram o Diário de Aula que será utilizado no meu relatório final. Os alunos elaboram o sumário que serve com síntese da aula.

Anexo XIII – Grelhas de análise de conteúdo de História

Tabela 1 - Análise de conteúdo dos diários de aula elaborados pelos alunos na disciplina de História ao nível da relação com o meio

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Código	Nº de ocorrências
Relação com a escola (A)	A1 – Escola com boas condições	A1-2: "A escola é como todas um local a onde há problemas mas também coisas boas, mas acima de isso é uma escola boa com condições."	1D2	9
		A1-3: "A minha escola é frequentada por alunos do segundo e terceiro ciclos. Também existem cursos CEF (Centro de Educação e Formação) e a o EFA (Educação e Formação para Adultos). Acho que a escola em relação a outras do nosso conselho não é das melhores. No entanto, existe condições e o material necessário para as aulas".	1D3	
		A1-4: "A minha escola é boa, eu gosto, dá-me as condições que posso precisar".	1D4	
		A1-6: "A minha escola tem boas condições apesar de alguns alunos estragarem algum material".	1D8	
		A1-7: "Eu gosto muito da escola que frequento acho que tem tudo o que um aluno e um professor precisa".	1D9	
		A1-10: "É uma escola com bons professores (as) e também com boas condições de estudo".	1D12	
		A1-11: "A escola que eu frequento é muito agradável, (...).	1D13	
		A1-12: "A minha escola é grande tem condições para os alunos aprenderem, acho-a importante para termos um melhor emprego no futuro que nos condiciona uma melhor qualidade de vida."	1D14	
		A1-14: "A escola que frequento é boa, acho que tem boas condições para a estabilidade dos alunos e professores."	2D20	

	A2 – Escola Pequena	A2-1: "Acho a escola que frequento uma das melhores escolas das redondezas porque é pequena e por isso, existem menos conflitos. Acho que os funcionários da escola podiam ser mais sorridentes".	1D1	
		A2-5: "A escola que frequento devia de ser maior, para ter mais salas de aula, para que os horários permitissem que não ficassemos na escola até muito tarde".	1D7	
		A2-8: "A minha escola é uma escola pequena, antiga e um pouco ultrapassada".	1D10	4
		A2-9: "É pequena."	1D11	

Tabela 2 - Análise de conteúdo dos diários de aula elaborados pelos alunos na disciplina de História ao nível da relação com os colegas

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Código	Nº de Ocorrências
Relação com os colegas (B)	B1 – Relação nas aulas	B1-2: "Os colegas na sala de aula são divertidos, relaciono-me bem com todos os colegas (...) dentro (...) da aula."	1D2	9
		B1-3: "Nas aulas relaciono-me bem com todos os meus colegas. Quando temos alguma dúvida nos trabalhos em grupo ou individuais tentamo-nos ajudar uns aos outros. "	1D3	
		B1-4: "Na aula de história e como em qualquer outra, relaciono-me bem com os meus colegas."	1D5	
		B1-5: "Tenho um relacionamento cordeal com os meus colegas dentro (...) das salas de aulas. "	1D7	
		B1-6: "Relaciono-me bem com os meus colegas (...) nas aulas."	1D9	
		B1-7: "Nas aulas relacionome bem com os meus colegas. "	1D10	
		B1-8: "Bem."	1D11	
		B1-9: "Quando preciso de ajuda ou de algum material que me esqueça peço-lhes. "	1D12	
		B1-12: "Realacionome bem com os colegas, tanto nas aulas (...)."	2D20	
	B2 – Relação nos intervalos	B2-1: "Na maior parte dos intervalos ando sempre com 2 ou 3 colegas."	1D1	11
		B2-2: "(...) relaciono-me bem com todos os colegas (...) fora da aula."	1D2	
		B2-3: "Nos intervalos costumo estar com alguns dos meus colegas, na zona do bufete, e aproveitamos para lanchar e conversar um pouco sobre variados temas."	1D3	
		B2-5: "Tenho um relacionamento cordeal com os meus colegas (...) fora das salas de aula."	1D7	
		B2-6: "Relaciono-me bem com os meus colegas tanto no intervalo (...)"	1D9	
		B2-7: "Comunico falando."	1D10	
		B2-8: "Falandor."	1D11	

		B2-9: "Falo sobre como andam a correr as aulas."	1D12	
		B2-10: "Eu relaciono-me muito bem com os meus colegas (...) nos intervalos (...)."	1D14	
		B2-11: "Eu no intervalo comunico falando com os meus colegas."	1D15	
		B2-12: "Relaciono-me bem com os colegas, (...) nos intervalos."	2D20	

Tabela 3 - Análise de conteúdo dos diários de aula elaborados pelos alunos na disciplina de História ao nível dos conteúdos temáticos

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Código	Nº de ocorrências
I – Conteúdos Temáticos				
O que foi tratado na aula (C)	C1 – Disputa dos mares	C1-1: "Na última aula demos a disputa dos mares entre alguns países europeus, (...)".	1D1	16
		C1-3: "Na ultima aula a professora Ana Isabel deu a disputa dos mares pelos Ingleses, Holandeses e Franceses, a crise do oriente (...)".	1D3	
		C1-5: "(...) a disputa dos mares (...)".	1D6	
		C1-10: "(...) a disputa dos mares (...)".	1D12	
		C1-36: "Na aula foi dada a disputa dos mares; (...)".	3D4	
		C1-37: "Na aula falamos da disputa dos mares (...)".	3D5	
		C1-38: "Na última aula de história a professora estagiária deu a disputa dos mares (...)".	3D6	
		C1-40: "Nesta aula estivemos a falar da disputa dos mares (...)".	3D8	
		C1-41: "Na aula de hoje falamos sobre a disputa dos mares (...)".	3D9	
		C1-42: "O que demos foi a disputa dos mares (...)".	3D10	
		C1-44: "(...) demos na aula a disputa dos mares (...)".	3D12	
		C1-45: "Na última aula foi dado A disputa dos mares (...)".	3D13	
		C1-46: "Nesta última aula de história estudamos. A disputa dos mares (...)".	3D14	
		C1-48: "A última aula foi no dia 17 de Janeiro e demos a disputa dos mares (...)".	3D16	
		C1-50: "Na aula foi dado a disputa dos mares (...)".	3D18	
		C1-63: "Foi dado a disputa dos mares (...)".	4D14	
	C2 – Impérios peninsulares	C2-1: "Na última aula demos (...), a crise de portugal e a abundância de Espanha."	1D1	28
		C2-2: "A professora na aula falou da materia sobre o imperio portugues e a concorrência internacional".	1D2	
		C2-3: "(...), a prosperidade da Espanha e a morte de D.Sebastião e o problema da sua sucessão. (...)".	1D3	

	C2-4: "A matéria que a professora deu na última aula foi da recessão de Portugal e as consequências disso e a expansão da Espanha e as condições para isso."	1D4	
	C2-5: "Na última aula de história a professora leccionou sobre os impérios peninsulares; (...)".	1D6	
	C2-6: "Na última aula demos os Estados Ibéricos. Ficamos a saber que Portugal na segunda metade do século XVI começou a dar sinais de crise. Ao contrário, Espanha encontrava-se numa situação de expansão, tornando-se na maior potência colonial europeia."	1D7	
	C2-7: "A professora deu o império português, a concorrência (...)".	1D8	
	C2-8: "O império português e a concorrência internacional".	1D10	
	C2-9: "O Império Português."	1D11	
	C2-10: "Foi dado o império português e a concorrência internacional: (...); os impérios peninsulares (...)."	1D12	
	C2-11: "Na aula foi dada os Estados Ibéricos."	1D13	
	C2-12: "A matéria leccionada pela professora nesta última aula foi O Império português e a concorrência internacional, os impérios peninsulares (...)."	1D14	
	C2-13: "Na aula de História dada pela estagiária Ana Isabel, demos a crise do Império espanhol (as causas) (...)".	2D1	
	C2-14: "Na aula do dia 12 de janeiro de 2012, foi lecionada pela professora estagiária, Ana Isabel. Nesta aula continuamos o capítulo, O Império Português e a concorrência internacional". Demos a crise do Império Espanhol (...)."	2D2	
	C2-15: "Na aula foi dado a crise do império espanhol (...)".	2D3	
	C2-16: "Na aula de história demos a crise do Império espanhol (...)".	2D4	
	C2-17: "A última aula de história foi sobre a crise do império espanhol (...)".	2D5	
	C2-18: "Na aula passada, foi dada a crise de império espanhol, (...)".	2D6	

		C2-19: "Nesta aula nós demos a crise do império espanhol (...)".	2D7	
		C2-20: "Na aula de história demos a crise do Império espanhol (...)".	2D8	
		C2-21: "Nesta aula de falamos sobre a crise do império espanhol (...)".	2D9	
		C2-23: "Na aula dada no dia 12/01/2012 pela professora estagiária Ana Isabel Rodrigue foi dada A crise do império Espanhol (...)".	2D11	
		C2-25: "Na aula de História demos a crise do império espanhol, (...)."	2D13	
		C2-27: "No dia 12 de Janeiro demos a crise do império espanhol (...)".	2D15	
		C2-28: "Na aula foi dado a crise de Espanha (...)."	2D16	
		C2-31: "(...) e a crise de espanha."	2D19	
		C2-35: "(...)Nessa aula avançamos no capítulo, O Império Português e a concorrência internacional (...)."	3D3	
		C2-53: "(...) Nessa aula avançamos no tema, O Império Português e a concorrência internacional (...)."	4D3	
	C3 – União Ibérica	C3-3: "(...) Isto tudo vai levar a uma crise económica e Dinástica em Portugal, então estabeleceu-se uma União Ibérica."	1D3	
		C3-4: "(...) recessão de Portugal e as consequências disso (...)."	1D4	
		C3-5: "(...) a união ibérica, (...)."	1D6	
		C3-7: "(...) e a união ibérica."	1D8	
		C3-10: "(...) e a união ibérica."	1D12	
		C3-12: "(...) e a União Ibérica."	1D14	
	C4 – Afirmação do capitalismo comercial	C4-5: "(...) e a afirmação do capitalismo comercial, (...)."	1D6	
		C4-10: "(...) e a afirmação do capitalismo comercial; (...)."	1D12	
		C4-36: "(...) afirmação do capitalismo comercial (...)."	3D4	
		C4-37: "(...) e da afirmação do capitalismo."	3D5	
		C4-38: "(...) e a afirmação do capitalismo comercial, (...)."	3D6	
		C4-41: "(...) e da afirmação do capitalismo comercial."	3D9	

	C4-42: “(...) e a afirmação do capitalismo comercial (...)”.	3D10	
	C4-44: “(...) e a afirmação do capitalismo comercial (...)”.	3D12	
	C4-45: “(...) e a afirmação do capitalismo comercial, (...)”.	3D13	
	C4-46: “(...) e a afirmação do capitalismo comercial (...)”.	3D14	
	C4-48: “(...) e a afirmação do capitalismo comercial (...)”.	3D16	
	C4-50: “(...) e a afirmação do capitalismo comercial (...)”.	3D18	
	C4-51: "(...) do capitalismo comercial, (...)".	4D1	
	C4-52: "Na aula falamos do capitalismo comercial: desenvolvimento do comercio; Acumulação de capitais (...)”.	4D2	
	C4-54: "(...) E o capitalismo comercial."	4D4	
	C4-55: "(...) e o Capitalismo Comercial.”	4D5	
	C4-56: "(...) o capitalismo comercial."	4D6	
	C4-57: "Na última aula foi dado o capitalismo comercial. (...)".	4D7	
	C4-58: "(...) e o capitalismo comercial."	4D8	
	C4-59: "(...) o capitalismo comercial."	4D9	
	C4-60: "(...) e o capitalismo comercial."	4D10	
	C4-61: “(...) o capitalismo comercial."	4D11	
	C4-62: "Eu na aula dei o Capitalismo comercial."	4D12	
	C4-63: “(...) e a afirmação do capitalismo comercial."	4D14	
	C4-65: "Na aula foi dado o capitalismo comercial."	4D16	
C5 – Restauração da Independência	C5-13: “(...) e a restauração da independência de Portugal (como sucedeu)."	2D1	19
	C5-14: “(...)e a Restauração da Independência de Portugal.”	2D2	
	C5-15: "(...) descontentamento dos portugueses e a restauração da independência de Portugal."	2D3	
	C5-16: “(...) espanhol e a restauração da independência de Portugal."	2D4	

		C5-17: “(...) e a restauração da independência de Portugal."	2D5	
		C5-18: “(...)Também demos o descontentamento dos portugueses (...). Estes acontecimentos vão levar à Restauração da Independência. (...)."	2D6	
		C5-19: “(...) e a restauração da independência de Portugal."	2D7	
		C5-20: “(...) e a restauração da independência de Portugal."	2D8	
		C5-21: “(...)e a restauração da independencia."	2D9	
		C5-23: “(...) e a restauração da Independência de Portugal."	2D11	
		C5-24: "Na aula foi dado a restauração da Independência (...)"	2D12	
		C5-25: “(...) E a restauração da Independência de Portugal (...)."	2D13	
		C5-26: "Na aula com a Sora Ana Isabel Rodrigues demos a restauração da independência (...)."	2D14	
		C5-27: “(...) e a restauração da independência de Portugal. "	2D15	
		C5-28: “(...) e a restauração da independencia."	2D16	
		C5-30: "Na aula passada nós demos a restauração da independencia. "	2D18	
		C5-31: "Na aula demos a Restauração da independência, o descontentamento dos portugueses e a crise de espanha."	2D19	
		C5-32: "Na aula demos a restauração da independencia (...)."	2D20	
		C5-48: “(...) e a restauração da indenpendência."	3D16	
	C6 – Ascensão da Europa do Norte	C6-33: "Na ultima aula de História, dada pela professora estagiária, Ana Isabel, nós demos a Ascensão da Europa do Norte: O Império Holandês e o Império Inglês."	3D1	25
		C6-34: "Na aula falamos da Ascensão da america do Norte", (...)."	3D2	
C6-35: “(...) Demos a "Ascensão económica e colonial da europa do Norte."		3D3		
C6-36: “(...) e os poderes de holanda e inglaterra no comércio do mar."		3D4		
C6-38: “(...) a ascensão económica dos impérios holandês e inglês."		3D6		
C6-39: "(...) Também foi dado a ascenção da Europa do Norte. (...)."		3D7		
C6-40: (...) e os imperios dos holândeses e ingleses."		3D8		

	C6-42: “(...) a ascensão económica e colonial da Europa do Norte – os impérios holandês e inglês”.	3D10	
	C6-43: "Nesta aula falamos sobre a ascensão económica e colonial."	3D11	
	C6-44: “(...) a ascensão económica e colonial da Europa do Norte - Os impérios Holandês e inglês."	3D12	
	C6-45: “(...) a ascensão económica e colonial da Europa do Norte, os impérios holandês e Inglês."	3D13	
	C6-46: “(...) a ascensão económica e colonial da Europa do Norte - os Impérios Holandeses e Ingleses."	3D14	
	C6-47: "Eu na aula dei a Ascensão da Europa do Norte."	3D15	
	C6-48: “(...) a ascensão económica e colonial da Europa do Norte - o império holandês e inglês (...)”.	3D16	
	C6-49: "Foi dado o império Inglês e Holandês."	3D17	
	C6-50: “(...) a ascensão económica e colonial da Europa do Norte - os impérios holandês inglês."	3D18	
	C6-53: “(...)E terminámos o capítulo da "Ascensão económica e colonial da Europa do Norte"."	4D3	
	C6-54: “Na aula foi dado a ascensão económica e colonial da Europa do Norte.(...)”	4D4	
	C6-55: “Na aula de história demos a Ascensão económica e colonial da Europa do Norte (...)”.	4D5	
	C6-56: “Na última aula de história da professora estagiária falámos à cerca da ascensão económica e colonial da Europa do Norte, (...)”.	4D6	
	C6-58: “Nós demos a ascensão económica e colonial da Europa (...)”.	4D8	
	C6-59: “Na aula de História demos a ascensão económica e colonial da Europa do Norte (...)”	4D9	

		C6-60: “Nesta aula falamos sobre a ascensão económica e colonial da Europa do Norte (...)”.	4D10	
		C6-61: "Nesta aula de História dada pela professora estagiária foinos dada a ascensão económica e colonial da Europa do Norte (...)”.	4D11	
		C6-64: "(...) demos Ascensão económica e colonial da europa do norte."	4D15	
	C7 – Companhias comerciais	C7-39: “Nesta aula foram dadas as companhias comerciais criadas pela Holanda, tais como a companhia das Índia Oriental e a companhia da Índia Ocidentais, que permitiram o controlo do comércio intercontinental. (...)”.	3D7	3
		C7-51: “(...) as bancas e as bolsas (...)”.	4D1	
		C7-52: “(...) criação de instituições financeiras."	4D2	
	C8 – Revolução agrícola	C8-66: "Hoje na aula de história a professora estagiária falou-nos sobre a revolução agrícola (...)”.	5D1	17
		C8-67: "Demos a Revolução Agrícola (...)."	5D2	
		C8-68: "(...) revolução agrícola (...)."	5D3	
		C8-69: "(...) revolução Agrícola - ocorrida nos seculos XVII e XVIII."	5D4	
		C8-71: "(...) A Revolução agrícola (...) as inovações agrícolas”.	5D6	
		C8-72: "Nesta aula foi dada a Revolução Agrícola (...)”.	5D7	
		C8-73: "Nesta aula foi dada a Revolução Agrícola."	5D8	
		C8-74: "(...) revolução Agrícola (...)”.	5D9	
		C8-75: "Na aula de terça-feira fala-mos sobre a revolução agrícola (...) as inovações agrícolas”.	5D10	
		C8-76: "(...) depois demos as Inovações agrícolas (...)”.	5D11	
		C8-77: "Na aula estivemos a dar as inovações agrícolas (...)”.	5D12	
		C8-78: "(...) revolução agrícola."	5D13	
		C8-79: "Na aula demos a revolução agrícola (...)”.	5D14	
		C8-80: “Começamos por começar a dar a Revolução agrícola, as principais inovações e	5D15	

		etc”.		
		C8-82: "Tivemos a falar da revolução agricula (...)".	5D17	
		C8-83: "(...) revolução da agricultura (...)".	5D18	
		C8-84: "Na aula estivemos a dar a Revolução Agrícola (...)".	5D19	
	C9 – Revolução demográfica	C9-66: “(...) e o aumento demográfico da população."	5D1	7
		C9-71: “(...) e o crescimento demográfico."	5D6	
		C9-72: “(...) e a Revolução Demográfica."	5D7	
		C9-74: “(...) e da revolução demográfica."	5D9	
		C9-75: “(...) e o crescimento demográfico."	5D10	
		C9-76: “(...) e novo regime demográfico."	5D11	
		C9-77: “(...) e novo regime demográfico, (...)".	5D12	
	C10 – Arranque da revolução industrial	C10-70: "(...) Revolução Industrial(...)"	5D5	5
		C10-71: “(...) e o arranque da Revolução industrial (...)”.	5D6	
		C10-75: “(...) e o arranque da revolução industrial (...)”.	5D10	
		C10-81: "Tivemos a falar sobre a revolução industrial (...)".	5D16	
		C10-82: “(...) e o arranque da revolução Industrial."	5D17	
	C11 – Renascimento	C11-22: "Foi o renascimento."	2D9	1
	C12 – Aquisição do conhecimento / Houve algum conteúdo que não perceberam	C12-1: "Em geral, percebi tudo o que a professora nos ensinou."	1D1	11
		C12-2: "Compreendi os temas todos, uns melhor que outros."	1D2	
		C12-3: "Nesta aula compreendi todos os temas trabalhados."	1D3	
		C12-4: "Acho que compreendi a matéria toda e se não o tivesse compreendido perguntei logo na aula."	1D4	
		C12-6: "Não fiquei com dúvidas de nenhum tema dado pela professora Ana Isabel."	1D7	
		C12-7: "Não eu percebi o mais essencial."	1D8	
		C12-8: "Não."	1D10	

		C12-9: "Não."	1D11	
		C12-10: "Não."	1D12	
		C12-29: "Eu aprendi tudo."	2D17	
		C12-72: "Percebi o que foi dado na aula."	5D7	

Tabela 4 - Análise de conteúdo dos diários de aula elaborados pelos alunos na disciplina de História ao nível dos modos de trabalho pedagógico

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo Código		Nº de ocorrências
II – Modos de trabalho Pedagógico				
Recursos /opinião dos alunos (D)	D1 – PowerPoint	D1-11: "A professora, estagiária, mostrou-nos a matéria toda em powerpoint (...)"	2D1	62
		D1-12: "A professora, trouxe para a aula um powerpoint com gráficos, imagens e documentos que contribuíram para uma melhor compreensão da matéria. (...)"	2D2	
		D1-13: "A professora apresentou um powerpoint falando e explicando sobre o assunto da aula."	2D3	
		D1-14: "Esta aula foi dada pela professora Estagiária, usando um power-point com toda a matéria necessária que tínhamos que saber."	2D4	
		D1-15: "A matéria foi dada através de uma apresentação powerpoint (...)"	2D5	
		D1-16: "Esta aula foi dada com a utilização de powerpoints onde havia documentos para lermos. E a seguir, a professora explicava o que queria dizer aquele documento. (...)"	2D6	
		D1-18: "Esta aula foi apresentada com um power-point com a matéria necessária, (...)"	2D8	
		D1-19: "A professora apresentou um power-point."	2D9	
		D1-20: "Foi dado (...) e um powerpoint."	2D10	
		D1-21: "A aula foi dáda através de um power-point e também através da escrita."	2D11	
		D1-22: "(...) foi dada através de uma apresentação de Power-point."	2D12	
		D1-23: "(...) vimos um power-point com o conteúdo da matéria, analisa-mos um documento (...)"	2D13	
		D1-24: "(...) foi dada por power-point."	2D14	
		D1-25: "Demos a matéria a partir do powerpoint, gostei muito, pois é sempre uma	2D15	

		maneira diferente de aprender!"		
		D1-26: "Foi dado com um power-point (...)." 2D16		
		D1-27: "Nós nas aulas da Professora Ana Isabel davamos a matéria (...), em power point (...)" 2D17		
		D1-28: "Nós estivemos a explorar power-points e a ler documentos." 2D18		
		D1-29: "A professora apresentou um power-point com a matéria a dar." 2D19		
		D1-30: "(...) a aula foi dada por power point." 2D20		
		D1-31: "Nesta aula, a professora apresentou a matéria em powerpoint (...)" 3D1		
		D1-32: "(...) a matéria foi dada com a apresentação dos mapas e de um power point, com a materia toda explicita." 3D2		
		D1-33: "A professora, trouxe para a aula um powerpoint com gráficos, imagens e documentos que contribuíram para uma melhor compreensão da matéria. (...)" 3D3		
		D1-34: "A professora mostrou um power point, mostrou um documento e ao longo do powerpoint a professora deu a matéria que estava lá, a matéria que a professora tinha que dar." 3D4		
		D1-35: "A professora apresentou um power-point (...)" 3D5		
		D1-36: "A professora deu esta matéria com uma apresentação de powerpoint e interação com os alunos." 3D6		
		D1-37: "Esta aula foi dada com a utilização do powerpints, que continham muita informação, também continham mapas e documentos que analisamos na aula. (...)" 3D7		
		D1-38: "Esta matéria foi dada por um power-point." 3D8		
		D1-39: "Nesta aula a professora mostrou-nos um power-point (...)" 3D9		
		D1-40: "(...) a professora mostrou um power-point (...)" 3D10		
		D1-41: "A professora apresentou um power-point." 3D11		
		D1-42: "A aula foi dada através de um power-point (...)" 3D12		

		D1-43: "A matéria foi dada numa apresentação Power-Point (...)"	3D13	
		D1-44: "A Sora deu a aula por power point."	3D15	
		D1-45: "Vimos um powerpoint (...)"	3D16	
		D1-46: "Foi dado com base num power-point."	3D17	
		D1-47: "A aula foi dada por power-points (...)"	3D18	
		D1-48: "(...) a professora apresentou um powerpoint (...)"	4D1	
		D1-49: "esta materia foi dada com a apresentação de um power-point, com a materia em estudo; (...) esta aula foi apresentada no decorrer de dispositivos preparados para nos fazer compreender a materia."	4D2	
		D1-50: "A professora, trouxe para a aula um powerpoint, imagens e documentos que contribuíram para uma melhor compreensão da matéria. (...)"	4D3	
		D1-51: "A professora mostrou um power-poin a explicar as coisas Falamos do poder de Amesterdão que era escrito num documento."	4D4	
		D1-52: "Esta aula foi dada pela professora estagiária Ana sabel. Nesta aula usou um power-point com a matéria."	4D5	
		D1-53: "Esta matéria foi abordada aos alunos e foi mostrado um powerpoint."	4D6	
		D1-54: "Esta aula foi dada com a utilização de powerpoints, que continham muita informação, também continham mapas e documentos que analisamos na aula. (...)"	4D7	
		D1-55: "Na aula a professora usou um power-point com a matéria necessária."	4D9	
		D1-56: "A professora apresentou um power-point (...)"	4D10	
		D1-57: "A professora estagiária mostrou um power-point com o conteúdo da matéria (...)"	4D11	
		D1-58: "A Sora deu a aula por power point."	4D12	
		D1-59: "Foi dado com base num power-point."	4D13	
		D1-60: "Foi dado por power point e ler documentos."	4D15	

		D1-61: "foi dado pelo power-points (...)"	4D16	
		D1-62: "foram utilizados powerpoints, (...)"	5D1	
		D1-64: "Na utilização do Power point's foram demonstradas imagens que nos ajudaram a compreender a materia. (...)"	5D4	
		D1-65: "A professora Ana Isabel apresentou-nos um PowerPoint (...)"	5D5	
		D1-66: "A professora mostrou-nos um power-point que explicava bem a materia de que nós estavamos a falar e se tivéssemos duvidas ela tirava-as."	5D6	
		D1-68: "(...) utilizamos um power-point (...)"	5D9	
		D1-69: "A professora começou a aula com um power-point (...)"	5D10	
		D1-71: "(...)usamos o computador para usar o power-point para apresentar a matéria (...)"	5D12	
		D1-72: "A professora mostrou-nos um powerpoint (...)"	5D13	
		D1-73: "(...) power-point (...)"	5D14	
		D1-74: "(...) Antes disso também vimos um power-point."	5D15	
		D1-75: "(...) a professora mostrou um mini-power-point (...)"	5D16	
		D1-77: "(...) a professora apresentou um power point (...)"	5D18	
	D2 – Esquemas sínteses	D2-11: "(...) e depois fizemos um esquema/resumo com a matéria toda, dada na aula".	2D1	
		D2-16: "(...) No fim de assistirmos à visualização dos powerpoints fizemos um registo no caderno sobre o que tínhamos visto."	2D6	
		D2-18: "(...) fizemos um resumo de toda a matéria dada (...)"	2D8	
		D2-23: "(...) e a professora entregou-nos um resumo da matéria (para estudarmos melhor)."	2D13	
		D2-31: "(...) e no fim fez um esquema para passarmos."	3D1	
		D2-35: "(...) e um resumo da matéria."	3D5	
		D2-37: "(...) Ao fim fizemos um registo no caderno."	3D7	
		D2-39: "(...) e fizemos um resumo da matéria, (...)"	3D9	

		D2-40: “(...) e fez registos no quadro.”	3D10	
		D2-42: “(...) e também através da escrita.”	3D12	
		D2-43: “(...) e registos.”	3D13	
		D2-47: “(...) e registos.”	3D18	
		D2-48: “(...) a professora fez um esquema com um resumo/esquema de toda a matéria dada na aula.”	4D1	
		D2-54: “(...) Ao fim fizemos um registo no caderno.”	4D7	
		D2-56: “(...) e fez um resumo no quadro.”	4D10	
		D2-62: “(...)e no final da aula foi feito uma síntese.”	5D1	
		D2-64: “(...) Os resumos feitos ajudam bastante durante o estudo.”	5D4	
		D2-70: “(...) e no fim com um esquema-síntese.”	5D11	
		D2-74: “(...) fizemos um pequeno esquema e passamos para o caderno. (...)”.	5D15	
		D2-76: “Fizemos um esquema (...)”.	5D17	
		D2-77: “(...) e através dessas perguntas fizemos um esquema(...)”.	5D18	
		D2-78: “(...) e pelo esquema da professora (...)”.	5D19	
	D3 – Filmes	D3-20: “Foi dado com vídeos (...)”.	2D10	
		D3-26: “Foi dado (...) e um vídeo.”	2D16	2
	D4 – Manual	D4-57: “(...) fomos acompanhando com documentos do manual e fomos analisando.”	4D11	
		D4-61: “(...) e lendo documentos no livro.”	4D16	
		D4-65: “(...) e demos a matéria com o powerpoint e o manual.”	5D5	
		D4-67: “foi dada com a ajuda dos livros. Lemos documentos e interpretamo-los.”	5D8	
		D4-68: “(...) usamos o manual para avaliar (interpretar) os documentos”.	5D9	
		D4-69: “(...) depois fomos ao livro (...)”.	5D10	
		D4-70: “No início da aula escrevemos o sumário, (...). A professora explicou a matéria baseando-se com os documentos do livro (...)”.	5D11	10

		D4-73: “(...) e do manual (...)”.	5D14	
		D4-74: “(...) Depois de analisar documentos e gráficos e etc, (...)”.	5D15	
		D4-75: “(...) e lêmos documentos do livro (...)”.	5D16	
	D5 – Exercícios / Atividades	D5-12: “(...) No início da aula, à semelhança de outras, a professora apresentou-nos uma questão, que vimos respondida no desenvolvimento da aula: "Porque é que o 1º de dezembro é feriado?". isto desperta-nos alguma curiosidade para o que se vai seguir."	2D2	12
		D5-18: “(...) e também umas perguntas no caderno, para ver se entendemos bem a matéria."	2D8	
		D5-27: “(...) e em fichas."	2D17	
		D5-33: “(...) No início da aula, à semelhança de outras, a professora apresentou-nos uma questão, que vimos respondida no desenvolvimento da aula. isto desperta-nos alguma curiosidade para o que se vai seguir."	3D3	
		D5-39: “(...) respondemos também a duas questões que a professora mandou."	3D9	
		D5-45: “(...) com duas questões e resolvemos as mesmas em pares. Também tínhamos um texto para completar.”	3D16	
		D5-48: “(...) com uma pergunta no início, que seria respondida durante a aula. (...)”.	4D1	
		D5-50: “(...) No início da aula, à semelhança de outras, a professora apresentou-nos uma afirmação, a que vimos o porque dessa afirmação no desenvolvimento da aula. Isto desperta-nos alguma curiosidade para o que se vai seguir."	4D3	
		D5-69: “(...) e respondemos a perguntas."	5D10	
		D5-71: “(...) e respondemos a 2 questões."	5D12	
		D5-75: “(...) e fizemos algumas perguntas que a professora mandou."	5D16	
		D5-76: “(...) e até respondemos a 2 perguntas."	5D17	
		D5-77: “(...) depois deu-nos umas perguntas para nós fazermos a pares (...)”.	5D18	
		D5-78: “(...) e respondemos a umas questões."	5D19	
	D6 – Diálogo	D6-15: “(...) e explicações orais da professora estagiária."	2D5	4

		D6-27: “Nós nas aulas da Professora Ana Isabel dávamos a matéria oralmente (...)”.	2D17	
		D6-62: “(...) a fala (...)”.	5D1	
		D6-63: “ (...) análises de documentos da época estudada.”	5D3	
	D7 – Úteis no processo ensino aprendizagem	D7-1: "Os power points trazem a materia toda explisita e os filmes ajudam a perceber como realmente as coisas eram."	1D2	12
		D7-2: "Sim acho que sim porque a medida que a professora mostrava powerpoints explicava cada diapositivo e assim percebiamos melhor até, por mim, à medida que iamso lendo alguns documentos ou isso no fim a professora explicava cada um deles e perguntava se alguém tem dúvidas."	1D4	
		D7-3: "Os materiais de trabalho são mais do que suficientes para perceber a matéria, (...)”	1D5	
		D7-4: "Considero que com os powerpoints, filmes, documentários consigo compreender melhor a matéria."	1D7	
		D7-5: "Sim foi suficiente pois quando eu estudo para história lembro-me da materia."	1D8	
		D7-6: "Os powerpoints, documentos e filmes são o suficiente para entender a matéria."	1D9	
		D7-7: "Sim."	1D10	
		D7-8: "Sim."	1D11	
		D7-9: "Sim. Principalmente o filme."	1D12	
		D7-10: "Considero que o material que a professora levou e nos mostrou na aula foi suficiente para perceber a matéria."	1D14	
		D7-17: "O power-point esclareceu tudo sobre as dúvidas (não tinha quase nenhuma), a professora também entregou umas fichas sobre a matéria, assim será mais fácil de estudar."	2D7	
		D7-22: “(...) o powerpoint foi esclarecedor (...)”.	2D11	
Opinião	E1 – Gostaram da aula	E1-1: "Gosto de História, porque acho a matéria interessante, gosto principalmente dos acontecimentos que aconteceram no tempo dos reis. (...) Uma das melhores partes da	1D1	82

dos alunos sobre a aula (E)		aula, foi a última parte, em vimos um filme e fizemos uma ficha sobre ele. (...) Nesta aula, participei mais do que costume. Acho que me sinto mais à vontade com a professora estagiária, do que com a nossa professora, pois não estou a ser tão "vigiado".		
		E1-2: "De uma maneira normal, a disciplina de história é uma das disciplinas que menos gosto, porque não me interessa muito pela matéria. (...) O que mais gostei na aula foi a realização da ficha de trabalho. Gostei de tudo na aula. Sim participei, respondi a questão 7 da ficha de trabalho. (...) Sim gostei, passou um documentário que ajudou a compreender a matéria. (...)".	1D2	
		E1-3: "A disciplina de História é a minha disciplina preferida, porque gosto de conhecer e saber coisas do nosso passado. Quando gosto de algum tema dado na aula tento em casa pesquisar mais sobre esse tema. (...) Gostei de toda a aula mas a parte que mais apreciei foi a apresentação do filme que falava sobre D. Sebastião, a crise dinástica e a União Ibérica. Gostei também da aula porque os temas nela tratados são do meu agrado. Participei na aula levantando o dedo e sempre que a professora solicitava a minha participação participava dizendo a minha opinião."	1D3	
		E1-4: "Eu acho as aulas muito boas que a professora Ana Isabel deu (...). Eu gosto da disciplina de História porque ajuda-nos a saber o passado de como eram as coisas antes de nós e até os nossos avós nascerem. (...) Gostei da aula inteira não houve assim coisas que gostasse menos. Participei na aula, respondi a algumas perguntas, e perguntei as minhas dúvidas. (...) Gostei porque achei-a bastante interessante e compreendi tudo."	1D4	
		E1-5: "Gosto da aula de história porque fala de que coisas passadas, de tempos antigos. O que mais apreciei na aula foi a maneira como a professora explicou, não teve nada que eu gostasse menos. Não participei na aula, não foi porque não gostei, já faz parte de mim estar calada e não gostar muito de participar. (...) Gostei da aula porque vimos o filme e fizemos a atividade."	1D5	

		E1-6: "(...), a aula foi bastante interativa, pois todos puderam participar com as suas ideias. Nesta aula participei mais nos 2º 45 minutos, falando/dando opiniões (...). História pode não ser uma das minhas disciplinas preferidas, mas também não desgosto."	1D6	
		E1-7: "Eu gosto da disciplina de História, porque é bom saber o que é que aconteceu há muitos anos atrás, no mundo e no país. (...) O que eu mais gostei foi da forma de explicar a matéria através de powerpoints que estavam muito bem organizados e os resumos que a professora fez deram-nos uma melhor visão da matéria. Eu não tenho nada a dizer sobre o que menos gostei na aula, porque gostei de tudo. Eu participei algumas vezes com o objetivo de tirar dúvidas (...). Eu gostei das aulas que a professora deu porque são muito cativantes e divertidas. (...)”.	1D7	
		E1-8: "Eu gosto de história pois fala dos nossos antepassados, fala como viviam, os estilos ... (...). Eu apreciei um documentário, e um power-point e o que menos apreciei foi nada. Eu participei na aula levantando o dedo indicador. (...) Sim gostei porque persevi a materia e porque vimos um documentario em vidio. (...)”.	1D8	
		E1-9: "Gosto da disciplina, porque gosto de conhecer os antepassados. Não participo muito nas aulas, mas quando participo é com o dedo no ar, á espera que a professora me de autorização para falar. (...) Gostei, porque pode trabalhar em conjunto com a minha colega do lado e gostei também da matéria. (...)”.	1D9	
		E1-10: "Gosto, porque aprendemos sobre a antiguidade. (...) A parte oral. (...) As vezes, de forma ordenada. (...) Sim, porque vemos filmes, power-point e a professora explica bem a matéria.(...)”.	1D10	
		E1-11: "(...) A parte oral. (...) Não. (...) Não, porque não gosto de história. São quase iguais."	1D11	
		E1-12: "Gosto, apesar de ser um pouco complicada porque é uma disciplina interessante. (...) Foram os estados ibéricos. (...) Sim. Levantando o dedo, esperando	1D12	

		pela minha vez de participar. (...) Sim. Porque a professora acho que explicou muito bem com os power-points. Que a professora explica como as outras, bem."		
		E1-13: "Gosto da disciplina de História, porque gosto de aprender coisas do passado."	1D13	
		E1-14: "Gosto da disciplina de história, porque para além de ser uma das minhas disciplinas favoritas, gosto de saber mais sobre a história de Portugal sobre os nossos antepassados, a mentalidade da época, os trajes e da forma como os reis governavam o nosso país. (...) Nesta aula o que mais apreciei foi o documentário sobre o rei D. Sebastião e a aclamação do Rei D. Filipe II. Participei na aula de forma adequada, ao responder a uma pergunta proposta pela professora. Sim gostei da aula, porque vimos aquele pequeno filme. (...)."	1D14	
		E1-15: "Eu gosto da disciplina de História porque da pica."	1D15	
		E1-16: "Gostei da aula dada pela estagiária, porque ensina bem e apresenta powerpoint's, com muitas imagens, que ajudam a completar as explicações da professora. Em geral gostei de tudo."	2D1	
		E1-17: " (...) De modo geral, gostei da aula, porque demonstrou que Portugal era um povo de carácter forte, conseguindo vencer os espanhóis, iniciando assim uma nova dinastia, a dinastia de Bragança. este facto, de termos conseguido reconquistar a nossa independência, foi o que mais gostei na aula."	2D2	
		E1-18: "(...) Sim gostei pois gosto da matéria e acho-a interessante e a professora explicou de uma maneira boa da maneira que eu entendia melhor e que se torne mais interessante, pois entendi muito bem a matéria e assim é ainda mais interessante."	2D3	
		E1-19: "(...) Gostei da aula, porque é uma matéria que eu gosto. O que apreciei mais na aula foi a maneira de explicar da professora."	2D4	
		E1-20: "Gostei da aula, pois a matéria foi explicada corretamente e foi bastante fácil de compreender.(...)."	2D5	

		E1-21: "Eu gostei da aula, porque acho que a professora explica bem a matéria e está sempre disponível para alguma questão que tínhamos."	2D6	
		E1-22: "Esta aula foi dada como as outras; não teve nada de especial. Eu gostei da aula porque não foi uma "seca", até foi divertido como as outras."	2D7	
		E1-23: "(...) Acho as aulas da professora interessante, gosto da matéria e da forma como a aula é dada."	2D8	
		E1-24: "(...) O que mais gosto nas aulas é a parte oral (...)."	2D9	
		E1-25: "(...) Sim, porque foi diferente."	2D10	
		E1-26: "A aula foi bem explicada (...) Eu gostei da aula porque achei que foi bem explicada e os power-points estavam bem explicitos. (...)".	2D11	
		E1-27: "Eu gostei da aula, porque gostei da matéria e da maneira como foi dada. Eu apreciei a organização dos diapositivos de power-point."	2D12	
		E1-28: "(...) Gostei da aula, foi enriquecedora como sempre e foi divertida. O que mais apreciei foi a visualização do power-point. Não houve nada que não gostasse."	2D13	
		E1-29: "Eu gostei da aula porque compreendi as coisas. O que apreciei mais foi a parte escrita (...)".	2D14	
		E1-30: "(...) Gostei desta aula, porque a matéria é bonita, e a professora tenta ao máximo que os alunos saibam sempre o que explica! Não há nada de relevante que não tenha gostado nestas aulas com a professora estagiária."	2D15	
		E1-31: "(...) Para mim a aula foi uma aula normal. Gostei da parte da restauração da independencia portuguesa."	2D16	
		E1-32: "Gostei porque aprendi, questioneei e respondi."	2D17	
		E1-33: "Eu gostei da aula porque foi interessante e que deu para aprender algumas coisas. O que eu apreciei mais foi as imagens do power-point."	2D18	
		E1-34: "Gostei de todas as aulas que a professora estagiária deu. A matéria era bastante	2D19	

		interessante e a professora explicou muito bem."		
		E1-35: "(...) Gostei da forma que a professora deu as aulas, ela fez o que pode para nos fazer perceber a matéria."	2D20	
		E1-36: "(...) Gostei da aula, porque a professora explica bem a matéria e tem auxilio de todas as imagens do powerpoint."	3D1	
		E1-37: "Gostei da aula, porque trabalhamos em grupo e com perguntas faceis de entender/compreender."	3D2	
		E1-38: "(...) De um modo geral, gostei da aula, porque falamos da prosperidade da Holanda e da Inglaterra, da regra entre Espanha e Inglaterra em que a Inglaterra sai vencedora com a ajuda de Portugal. Depois disto a Inglaterra edita o "Acto de Navegação" isto vai originar outra guerra entre Inglaterra e a Holanda em que a Inglaterra sai mais uma vez vitorioso. Com isto a Inglaterra torna-se a maior potência colonial."	3D3	
		E1-39: "(...) Sim gostei, porque gosto da maneira que a professora da a aula e gosto da matéria, é interessante."	3D4	
		E1-40: "(...) A aula foi bastante interessante, assim como é o trabalho desta professora."	3D6	
		E1-41: "(...) Eu gostei da aula, porque a professora explica, no meu entender, muito bem e está sempre disponível para responder a alguma questão que colocarmos."	3D7	
		E1-42: "(...) Sim, gostei, apreciei a forma da professora explicar."	3D8	
		E1-44: "(...) Sim, porque a professora explicou bem. O que mais gostei foi a parte oral (...)."	3D10	
		E1-45: "Gostei mais da parte oral."	3D11	
		E1-46: "A aula foi bem explicada (...) Eu gostei da aula porque achei que foi bem explicada e os power-points esclareceram bem as duvidas. (...)."	3D12	

		E1-47: "Gostei da aula, porque a matéria foi bem dada. Eu apreciei mais a apresentação power-point do que os registos e dos exercicios."	3D13	
		E1-48: "Nesta aula não houve nada que eu não apreciase, gostei de toda a aula foi enriquecedora para os nossos conhecimentos. (...)".	3D14	
		E1-49: "(...) Eu gostei porque gosto da materia. O que eu apreciei mais foi a pergunta que a sora colocou no incio e menos não tenho."	3D15	
		E1-50: "(...) Gostei desta aula, porque esta é uma matéria um pouco difícil mas com um pouco de estudo chegamos lá! O que gostei mais foi a completar o texto."	3D16	
		E1-51: "(...) Foi uma aula normal. Gostei do power-point."	3D17	
		E1-52: "Eu gostei da aula porque a matéria foi dada e é muito interessante. Eu aprecia mais a apresentação em power-point do que os registos e dos exercicios."	3D18	
		E1-53: "Na aula do dia 19, a aula foi dada pela professora Ana Isabel. (...) Em geral, gostei da aula, não teve nada de especial que eu não tenha gostado."	4D1	
		E1-54: "O pouco que percebi da aula, gostei; pois é uma materia que em parte explica, como começou a estabilidade financeira na Holanda. O que apreeci mais na aula foi a explicação da parte sobre - capitalismo comercial."	4D2	
		E1-55: "De um modo geral, gostei da aula, apesar de não ser o tipo de matéria deque goste mais. Mas também gostei de saver como era gerido o dinheiro na época."	4D3	
		E1-56: "(...). Sim gostei da aula foi boa e percebi tudo o que a professora explicou o que torna a matéria ainda mais interessante."	4D4	
		E1-57: "(...) Gostei da aula!"	4D5	
		E1-59: "(...) Eu gostei da aula, porque a professora explica, no meu entender, muito bem e está sempre disponível para responder a alguma questão que colocarmos."	4D7	
		E1-60: "(...). Sim gostei da aula, pois, quando persevo a matéria estudar será mais facil para mim. O power-point e como explicou."	4D8	

		E1-61: "(...) Gostei da aula."	4D9	
		E1-62: "(...). Sim, porque a professora explicou bem. O que mais gostei foi da parte oral (...)."	4D10	
		E1-63: "(...). Gostei da aula, achei-a porque foi interessante e muito divertida."	4D11	
		E1-64: "(...) Eu gostei porque gosto da matéria. O que eu apreciei mais foi a afirmação que a Sora colocou no início e menos não tenho."	4D12	
		E1-65: "(...) Gostei desta aula porque a professora ajudou-nos. Gostei de tudo que demos na aula (mesmo que não entendo nada)."	4D13	
		E1-66: "(...) Foi uma aula normal. Gostei do power-point."	4D14	
		E1-67: "(...) Gostei da aula porque é fixe. Apreciei os power-points."	4D15	
		E1-68: "(...) eu gostei da aula, e que apreciei mais foi a criação de instituições financeiras como bancos e bolsas de valores."	4D16	
		E1-69: "a aula foi bem passada e os conhecimentos bem compreendidos. Gostei."	5D1	
		E1-70: "Eu acho que a aula correu lindamente, a professora foi muito explicita."	5D2	
		E1-71: "A aula correu razoavelmente bem porque a professora explicou bem a matéria (...) mas por vezes teve de parar a aula para repreender alguns alunos e assim perdendo alguns minutos da aula."	5D3	
		E1-72: "A aula de 24,04,12 foi muito produtora. (...) Gostei da aula, porque a professora explicou bem a matéria."	5D5	
		E1-73: "Na minha opinião gostei da aula."	5D6	
		E1-74: "Gostei da aula, porque a professora explica bem, e também porque percebi a matéria."	5D8	
		E1-75: "Gostei da aula de hoje (...). Gostei da matéria de hoje e da maneira que a professora ensinou (...)"	5D9	
		E1-76: "Gostei da aula, foi bem explicada!"	5D11	

		E1-77: "Foi fixe a aula."	5D12	
		E1-78: "Gostei da aula, porque fizemos 2 perguntas em grupo."	5D13	
		E1-79: "Foi uma aula normal."	5D14	
		E1-80: "A aula correu bem, gostei bastante."	5D15	
		E1-81: "Gostei da aula e percebi tudo."	5D16	
		E1-82: "A aula foi bem explicita pela professora Ana Isabel."	5D17	
		E1-83: "A aula correu bem, eu gostei (...)"	5D18	
		E1-84: "Gostei muito da aula."	5D19	
	E2 – Aulas semelhantes	E2-2: "(...) Foi igual, todas as aulas dadas pela professora são compreendidas pelos alunos."	1D2	
		E2-5: "(...) Diria que esta aula foi igual às outras porque todas elas foram bem dadas e compreendidas."	1D5	
		E2-7: "(...) É difícil comparar as aulas, porque as matérias são diferentes."	1D7	
		E2-8: "(...) A professora não muda de comportamento, continua tudo na mesma."	1D8	
		E2-9: "(...) Ao comparar as aulas dadas com a professora estagiária não houve grande ou diferença alguma."	1D9	
		E2-10: "(...) As outras aulas são praticamente iguais."	1D10	
		E2-11: "(...) São quase iguais."	1D11	
		E2-12: "(...) Que a professora explica como as outras, bem."	1D12	
		E2-14: "(...) Se comparasse esta aula com todas as outras diria que todas eram iguais."	1D14	
		E2-18: "As aulas são como as outras são dadas de uma maneira praticamente igual, claro que cada professor tem a sua maneira de dar a aula. (...)"	2D3	
		E2-19: "Todas as aulas da professora de estagiária foram boas, por isso não as comparo. (...)"	2D4	
		E2-20: "As aulas da professora estagiária todas foram bastante interessantes (...)"	2D5	

		E2-22: "Esta aula foi dada como as outras; não teve nada de especial. (...)"	2D7	
		E2-23: "Eu acho que não há muita diferença nas aulas, acho que são muito idênticas, só diferencia a matéria e as aulas que traz filmes. (...)"	2D8	
		E2-24: "As aulas da professora estagiária são normais e normalmente são feitas com power-Points(...)"	2D9	
		E2-25: "As aulas são muito idênticas. (...)"	2D10	
		E2-28: "A aula foi dada como todas as outras de forma organiza, vimos um power-point com o conteúdo da matéria, analisa-mos um documento e a professora entregou-nos um resumo da materia (para estudarmos melhor). (...)"	2D13	
		E2-31: "Foi uma aula idêntica as aulas dadas anteriormente pela professora estagiaria. (...)"	2D16	
		E2-36: "Esta foi uma aula parecida com todas as outras aulas que a professora deu. (...)"	3D1	
		E2-39: "Todas as aulas que a professora estagiaria deu foram boas para mim. (...)"	3D4	
		E2-40: "As aulas da professora estagiária são de bastante fácil compreensão, pois ela explica muito bem. (...)"	3D6	
		E2-41: "As aulas que a professora estagiária dá, são sempre com muita informação, com powerpoints e registos que são uma fonte de conhecimento. (...)"	3D7	
		E2-42: "Não mudou nada comparado com as outras aulas. (...)"	3D8	
		E2-43: "Gosto de todas as aulas da professora mas não há muita diferença nas aulas."	3D9	
		E2-44: "Foi uma aula igual as outras. (...)"	3D10	
		E2-48: "(...) Eu acho que esta aula foi igual comparada com as outras leccionadas pela professora estagiária."	3D14	
		E2-49: "As aulas foram dadas da mesma maneira. (...)"	3D15	
		E2-51: "Foi uma aula semelhante as anteriores. (...)"	3D17	

		E2-53: “(...) Foi uma aula parecida com as outras dadas pela professora. (...)”	4D1	
		E2-56: "Todas as aulas que foram dadas pela professora estagiária Ana Isabel foram boas para mim, gostei de todas as aulas. (...)”	4D4	
		E2-57: "Todas as aulas foram boas, não dá para comparar. (...)”.	4D5	
		E2-58: "As aulas da professora estagiária são muito bem dadas, e aprecio as aulas assim como a professora, como já referi em anteriores trabalhos."	4D6	
		E2-59: "As aulas que a professora estagiária dá, são sempre com muita informação, com powerpoints e registos que são uma fonte de conhecimentos. (...)”	4D7	
		E2-60: "(...) à pouca diferença entre as aulas pois elas são dadas por power-points. (...)”.	4D8	
		E2-61: "Acho que as aulas são todas muito idênticas, só muda a matéria por isso não dá para comparar. (...)”	4D9	
		E2-62: "Foi igual as outras aulas. (...)”	4D10	
		E2-63: "Todas as aulas dadas pela professora foram todas iguais comparando, com esta. (...)”	4D11	
		E2-64: "As aulas foram dadas da mesma maneira das anteriores. (...)”	4D12	
		E2-66: "Foi uma aula semelhante as anteriores. (...)”	4D14	
		E2-67: "É tudo igual. (...)”.	4D15	
		E2-68: "Foi muito idêntica às aulas anteriores só que trocando o conteúdo da matéria. (...)”	4D16	
	E3 – Não gostaram da aula	E3-1: “(...)O que menos apreciei na aula, foi os comentários de alguns colegas (...)”.	1D1	
		E3-10: "(...). A parte escrita. "	1D10	
		E3-11: "Não gosto, porque é foleira. (...)A parte escrita. Não. (...) Não, porque não gosto de história."	1D11	
		E3-12: “(...) Os impérios peninsulares e a união ibérica. (...)”.	1D12	
		E3-17: "Nesta aula, deve ter havido alguma falha na gestão do tempo, pois tivemos que	2D2	

		ficar algum tempo depois de tocar para acabar um esquema/resumo da matéria dada. (...)."		
		E3-24: "(...) e o que menos gosto é a parte escrita."	2D9	
		E3-26: "(...) Só acho que houve uma pequena falha na gestão do tempo porque tínhamos 10 minutos de intervalo e só tivemos 5 minutos."	2D11	
		E3-29: "(...) e menos a oral."	2D14	
		E3-35: "Não gosto muito da disciplina de História, porque é uma matéria muito extensa. (...)."	2D20	
		E3-38: "Nesta aula, voltou a haver uma falha na gestão do tempo, pois tivemos que ficar algum tempo depois de tocar para acabar de passar um esquema/resumo da matéria dada, mas desta vez talvez tenha sido por ter havido algumas dúvidas e a professora esclareceu-as. (...)."	3D3	
		E3-44: "(...) e o que menos gostei foi a parte escrita."	3D10	
		E3-46: "(...)Só acho que houve uma coisa em que eu não concordo que: a professora não saber gerir o tempo da aula e temos que ficar sempre cinco minutos para além do toque."	3D12	
		E3-62: "(...) e o que menos gostei foi da parte escrita."	4D10	
Opinião sobre a professora (F)	F1 – Organização das aulas	F1-3: "(...) Penso que a professora tem as aulas organizadas porque nós observamos mapas, documentos, imagens, gráficos, um filme e com estes materiais ajudam-nos a compreender melhor a matéria dada. (...)."	1D3	10
		F1-4: "(...) Sim acho que a professora tem umas aulas organizadas. (...)."	1D4	
		F1-5: " Considero que a professora tens as aulas bem organizadas (...)."	1D5	
		F1-7: "As aulas foram bem organizadas, porque a professora completou a explicação teórica com mapas, algumas partes de filmes que ilustravam a matéria dada,(...)."	1D7	
		F1-8: "Eu considero que a professora organiza as suas aulas antes de dar. (...)."	1D8	

		F1-9: "Sim eu considero que a professora tem as aulas organizadas. (...)"	1D9	
		F1-10: "(...) Sim. (...)"	1D10	
		F1-11: "(...) Sim. (...)"	1D11	
		F1-12: "(...) Sim. (...)"	1D12	
		F1-14: "Considero que a professora tem as suas aulas organizadas também a matéria dos powerpoints por ordem. (...)"	1D14	
	F2 – Esclarece dúvidas	F2-2: "Sim. Sim, a professora explica a materia ate toda a gente perceber. (...)"	1D2	
		F2-4: "(...) explicou de uma maneira boa e quando alguém tinha dúvidas ela explicava-as, e explicava de maneira a entenderem melhor. (...)Sim se alguém tem alguma dúvida a professora explica de uma forma a os alunos perceberem bem, por mim, pelo menos no meu caso é assim. (...)".	1D4	
		F2-8: "(...)Sim, a professora explica mas como todos dizem que persevem a professora não explica novamente. (...)"	1D8	
		F2-10: "Sim. (...)".	1D10	
		F2-11: "Sim. (...)".	1D11	
		F2-12: "Sim. Volta a explicar o que essa pessoa não percebeu. (...)"	1D12	
		F2-14: "(...)Sim quando algum dos meus colegas tem alguma dúvida ou alguma questão a professora explica e responde de outra forma de modo ao aluno perceber. (...)"	1D14	
		F2-25: "(...) quando alguém tinha dúvidas a professora esclarecia-as."	2D11	
		F2-39: "(...) e também quando alguém tinha dúvidas a professora esclarecia-as."	3D12	
		F2-58: "Acho que foi bem para percebermos melhor a matéria, (...)"	5D13	
	F3 – Linguagem acessível	F3-2: "(...) Sim, a maneira da professor falar dá para toda a gente compreender.(...)"	1D2	
		F3-3: "(...) a professora explica novamente numa linguagem mais simples (...)"	1D3	
		F3-4: "(...) A professora utilizou uma linguagem de uma maneira a que eu perceba.	1D4	

10

11

		(...)"		
		F3-5: "(...) usando sempre uma linguagem acessível que todos compreendem."	1D5	
		F3-7: "(...). A professora utiliza uma linguagem acessível que nos permite perceber a matéria. (...)")	1D7	
		F3-8: "(...) Eu acho que a professora utiliza termos corretos" para a aula. (...)")	1D8	
		F3-9: "(...) A professora usa a linguagem correta para explicar a matéria. (...)")	1D9	
		F3-10: "(...) Sim. (...)")	1D10	
		F3-11: "(...) Sim. (...)")	1D11	
		F3-12: "(...) Sim. (...)")	1D12	
		F3-14: "(...) A professora utiliza a linguagem correcta para me permitir perceber a aula. (...)")	1D14	
	F4 – Atitude / postura da professora	F4-1: "(...) mas em geral a professora ensinou a matéria muito bem, explicou muito bem a matéria."	1D1	
		F4-3: "(...) achei que estava mais segura e interagiu bastante com os alunos, dando-lhes varias vezes oportunidades de falar. (...)")	1D3	
		F4-4: "(...) Diria que a professora já tem uma capacidade de ensinar como os outros professores, ou melhor até. (...)")	1D4	
		F4-5: "(...) e que explica a matéria de uma maneira que todos percebam pois não houve quase dúvidas nenhuma. (...)")	1D5	
		F4-13: "A professora explica muito bem a matéria e deve continuar a dar assim as suas aulas."	1D13	
		F4-17: "Acho que a professora estagiária é uma boa professora e que da bem as aulas."	2D3	
		F4-18: "Acho a professora estagiária simpática, explica bem e boa professora."	2D4	
		F4-19: "(...) acho que a professora terá um bom futuro como professora desta disciplina."	2D5	

41

		F4-20: "Acho que a professora tem uma postura correta consegue captar a nossa atenção."	2D6	
		F4-21: "A estagiária e sorridente, divertida, ralha quando tem de ralhar ou quando passa dos limites e explica bem."	2D7	
		F4-22: "Acho a professora muito simpática e expressiva, também ensina bem."	2D8	
		F4-23: "A professora estagiária é uma boa professora e explica bem a matéria (...)"	2D9	
		F4-24: "É uma professora fixe."	2D10	
		F4-27: "A professora estagiária ensina bem."	2D13	
		F4-30: "A professora é uma boa professora, explica muito bem e preocupa-se com o bem estar dos seus alunos."	2D10	
		F4-31: "(...) A professora estagiária esforça-se por ter um ambiente bom na aula e ensinar bem."	2D20	
		F4-33: "A professora tem uma maneira de interagir com os alunos bastante boa, toda a gente entende o que é explicado pela professora."	3D2	
		F4-34: "A professora estagiaria é uma boa professora por mim."	3D4	
		F4-35: " A professora é simpática e explica bem. É muito expressiva."	3D5	
		F4-36: "A professora estagiária, tem uma postura correta, consegue captar a nossa atenção e acho que vai ser uma boa professora de História."	3D7	

		F4-37: "É divertida, preocupa-se com os alunos e é uma boa professora a explicar."	3D8	
		F4-38: "A professora é muito simpática, ensina bem e é bem expressiva."	3D9	
		F4-40: "E na minha opinião acho que a professora explica bem e sabe dar aulas."	3D14	
		F4-41: "Eu acho que a Sora tem futuro como professora."	3D15	
		F4-42: "Gosto da professora, porque ela explica bem. (...)"	3D16	
		F4-43: "A estagiária explica muito bem."	3D18	
		F4-44: "Sobre a professora, ela é uma boa professora que apresenta bem as aulas, acho que pode vir a ser uma boa professora se continuar a apresentar as aulas assim."	4D1	
		F4-45: "Nesta aula notei que a professora estava mais segura do que nas anteriores, (...)"	4D3	
		F4-46: "A professora estagiária é uma boa professora que dá bem as aulas."	4D4	
		F4-47: "A professora estagiária, tem uma postura correta, consegue captar a nossa atenção e acho que vai ser uma boa professora de História."	4D7	
		F4-48: "É boa a explicar."	4D8	
		F4-49: "acho que a professora é muito simpática até dá bem as aulas."	4D9	
		F4-50: "A professora estagiária sabe ensinar, ajuda os alunos nas suas dificuldades e explica bem a matéria."	4D11	
		F4-51: "Eu acho que a Sora tem futuro como professora."	4D12	

		F4-52: "A professora é esclarecedora."	4D13	
		F4-53: "(...)a professora estagiária explica bem a aula."	4D16	
		F4-55: "A professora deve continuar com o bom trabalho."	5D3	
		F4-56: "A professora Ana Isabel foi bastante explicita, e também nos ajudou a perceber melhor a matéria dada."	5D4	
		F4-57: "A professora deu bem a aula, eu percebi tudo."	5D10	
		F4-58: "A professora explicou bem e de forma clara. A professora esteve bem em geral."	5D13	
		F4-59: "Acho que foi bem para percebermos melhor a matéria, a professora esteve bem."	5D18	
	F5 – Conselhos dados à professora	F5-2: "(...) Deve manter a apresentação de power point's e filmes sobre a matéria."	1D5	
		F5-3: "(...)Acho que a professora devia continuar a levar este tipo de material para as aulas porque nos ajuda a perceber melhor a matéria dada também acho que a professora devia estar mais descontraída porque acho que a dar as aulas está um pouco tensa e falar um pouco mais alto."	1D3	
		F5-4: "(...) Deve manter a sua maneira de dar aulas como dá agora."	1D4	
		F5-6: "(...) e que ela não devia de mudar nada."	1D6	
		F5-7: "(...) Acho que a professora devia manter a estrutura das aulas, ou seja, continuar a completar a aula teórica com powerpoints e a boa disposição. Não mude nada porque	1D7	

		na minha opinião conseguiu que os alunos aprendessem."		
		F5-8: "(...) Se um pouco mais divertida pois os alunos perferem professoras simpáticas, divertidas e que brincam de vez em quando com a materia para assim lembrarmos-nos dessa brincadeira."	1D8	
		F5-9: "(...) A professora usa a linguagem correta para explicar a matéria. (...) Acho que não precisa de mudar nada nas aulas."	1D9	
		F5-10: "(...) Manter a organização e explicar um pouco melhor."	1D10	
		F5-11: "(...) Deve manter tudo."	1D11	
		F5-12: "(...) A professora deve dar a vez de responder a quem levanta primeiro o dedo."	1D12	
		F5-13: "(...) e deve continuar a dar assim as suas aulas."	1D13	
		F5-14: "(...) Acho que a professora deve manter as suas futuras aulas."	1D14	
		F5-15: "Acho que a professora estagiária, vai ser uma boa professora, se continuar e apresentar as suas aulas da mesma maneira. Acho que para a professora melhorar as suas aulas, deve fazer mais exercícios como fez à 2 aulas, apresentou um filme e nós fizemos uma ficha de trabalho sobre o filme."	2D1	
		F5-16: "Comparando com outras aulas, continuo a pensar que devia falar um pouco mais alto, porque assim também iria captar a atenção de mais alunos."	2D2	
		F5-26: "A professora estagiária deve continuar com maneira como está a dar as aulas."	2D12	

		F5-28: "Eu acho que a sora tem de melhorar em alguns pontos de trabalho e deve continuar a ser sora."	2D14	
		F5-29: "A estagiária na aula explica muito bem, deve de continuar assim."	2D18	
		F5-31: "A professora devia continuar a dar as aulas da mesma que dá agora. (...)"	2D20	
		F5-32: "Acho que a professora estagiária se continuar a apresentar as aulas como tem apresentado, será uma boa professora."	3D1	
		F5-42: "(...) Só acho que podíamos ter mais trabalhos em grupo."	3D16	
		F5-44: "Sobre a professora, ela é uma boa professora que apresenta bem as aulas, acho que pode vir a ser uma boa professora se continuar a apresentar as aulas assim."	4D1	
		F5-53: "A professora deve continuar com o bom trabalho."	4D16	

Anexo XIV – Grelhas de análise de conteúdo de Geografia

Tabela 5 - Análise de conteúdo dos diários de aula elaborados pelos alunos na disciplina de Geografia ao nível dos conteúdos temáticos

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Código	Nº de ocorrências
I – Conteúdos temáticos				
O que foi tratado na aula (A)	A1 - Contrastes de desenvolvimento	A1-1: "(...)Falamos sobre os contrastes de desenvolvimento, estivemos a desenvolver a resposta à pergunta: «O que significa ser pobre?»."	1D1	51
		A1-2: "(...)falamos sobre os contrastes de desenvolvimento,..."	1D2	
		A1-3: "(...)abordagem ao tema, obstáculos de desenvolvimento,..."	1D3	
		A1-4: "(...)fomos percebendo os contrastes de desenvolvimento entre os países. (...) apresentou-nos uma pergunta de raciocínio que nos fez pensar e refletir no verdadeiro significado de ser pobre."	1D4	
		A1-5: "Nesta aula estivemos a falar sobre os contrastes e obstáculos do desenvolvimento."	1D5	
		A1-6: "(...)Nesta aula falámos sobre a pobreza e os contrastes do desenvolvimento, comparando a riqueza e a pobreza."	1D6	
		A1-7: "Conseguimos distinguir os países pobres e ricos..."	1D7	
		A1-8: "(...), os contrastes de desenvolvimento."	1D8	
		A1-9: "Nesta aula falamos sobre o que significa ser pobre, (...) o contraste de desenvolvimento"	1D9	
		A1-11: "(...)tivemos a falar dos contrastes de desenvolvimento."	1D12	
		A1-12: "(...)os contrastes de desenvolvimento."	1D13	
		A1-13: "(...)a pobre e a riqueza, a fome e a habitação."	1D14	

		A1-14: "(...)Falamos sobre o que significa ser pobre e os contrastes de desenvolvimento."	1D15	
		A1-15: "(...)contrastes de desenvolvimento. (...)”	1D16	
		A1-16: "Nesta aula estivemos a falar sobre os contrastes sociais, (...) respondemos a uma pergunta sobre a pobreza."	1D17	
		A1-17: "Estivemos a ver os contrastes dos países desenvolvidos e em desenvolvimento."	1D18	
		A1-18: "Na aula de hoje a professora Ana Isabel propôs-nos fazer uma retrospectiva sobre o que significa ser pobre."	1D20	
		A1-19: "(...)estivemos a definir o que é ser pobre. (...)”	1D21	
		A1-21: "(...)estivemos a ver os contrastes de desenvolvimento."	1D23	
		A1-23: "Estivemos a falar sobre os obstáculos ao desenvolvimento e alguns deles são: fome, pobreza, dívida externa, etc."	2D1	
		A1-24: "Nesta aula, 27/02/2012, abordamos o tema "Obstáculos ao desenvolvimento"."	2D4	
		A1-26: "(...) os obstáculos ao desenvolvimento e as desigualdades entre países e sexos."	2D6	
		A1-27: "(...) continuamos o assunto da aula anterior, obstáculos ao desenvolvimento (...)."	2D7	
		A1-28: " (...) obstáculos ao desenvolvimento (...)"	2D9	
		A1-29: "(...) a falar nas doenças e nas suas mortes pelo mundo."	2D12	
		A1-30: "Nesta aula foi dada uma matéria sobre os obstáculos ao desenvolvimento em que se viram os contrastes sociais, etc."	2D13	
		A1-31: " (...) obstáculos ao desenvolvimento (...) doenças e da educação em que a África e a Sudeste da Ásia estava sempre afetada no máximo."	2D14	
		A1-32: " (...) discutir os obstáculos ao desenvolvimento (...) Trabalho infantil,	2D15	

		doenças que afetam o mundo e os direitos da mulher."		
		A1-33: " (...) falamos sobre os contrastes de desenvolvimento."	2D16	
		A1-34: "Dia 27 na aula de Geografia realizamos uns tópicos sobre os contrastes de desenvolvimento (...) países em desenvolvimento (...)".	2D18	
		A1-35: " Nesta aula falamos sobre os obstáculos ao desenvolvimento."	2D19	
		A1-36: "(...) o assunto dos obstáculos ao desenvolvimento."	2D20	
		A1-37: "(...) obstáculos ao desenvolvimento."	2D21	
		A1-38: "(...) obstáculos ao desenvolvimento. (...)”	2D22	
		A1-39: "(...) obstáculos ao desenvolvimento."	2D23	
		A1-40: "(...) Iniciamos a aula com o assunto "obstáculos ao desenvolvimento".	2D24	
		A1-41: "(...) o contraste de desenvolvimento dos países "(...) conhecimento do mundo; o contraste de desenvolvimento dos países (sul)".	2D26	
		A1-42: "Hoje estivemos a falar dos obstáculos ao desenvolvimento (...)”	3D1	
		A1-44: "Nesta aula falámos sobre os países em desenvolvimento, (...)”	3D5	
		A1-46: "Aula (...) sobre, mais ou menos, a atualidade que abordamos as dificuldades e problemas no desenvolvimento do mundo, (...)”.	3D7	
		A1-47: "Hoje continuamos a aula anterior. Falamos sobre os países desenvolvidos e em desenvolvimento."	3D9	
		A1-48: "Nesta aula observamos os obstáculos ao desenvolvimento (...)”.	3D10	
		A1-49: “(...) Desigualdade sobre termos de troca (...)”.	3D11	
		A1-50: "(...) os obstáculos ao desenvolvimento (...)”	3D12	
		A1-52: "Demos continuação ao tema abordado na última aula, os obstáculos ao desenvolvimento, (...)”.	3D16	
		A1-53: "Hoje, dia cinco de Março, na aula falámos sobre os obstáculos ao desenvolvimento, (...)”	3D18	

		A1-54: "Hoje dia de 5 Março na aula de Geografia falamos nos países desenvolvidos e em desenvolvimento (...)"	3D20	
		A1-56: "Hoje na aula de Geografia foi tratado novamente os obstáculos ao desenvolvimento, (...)."	3D22	
		A1-57: "(...) obstáculos ao desenvolvimento (...)"	3D23	
		A1-58: "A aula foi iniciada pela matéria "Obstáculos ao Desenvolvimento" (...)"	3D24	
		A1-60: "(...) estudar o desenvolvimento dos países (...)."	3D26	
	A2 - Soluções aos obstáculos de desenvolvimento	A2-42: “(...) e de algumas soluções para irradiá-los."	3D1	6
		A2-51: "Nesta aula, tivemos a falar das soluções para combater os obstáculos ao desenvolvimento; (...) ajuda pública, etc."	3D15	
		A2-53: "Hoje, dia cinco de Março, na aula falámos sobre (...) algumas soluções."	3D18	
		A2-55: “(...) e da ajuda pública ao desenvolvimento."	3D21	
		A2-57: “(...) países que ajudam os países em desenvolvimento."	3D23	
		A2-59: "Hoje, falamos das soluções para os obstáculos do desenvolvimento. (...)"	3D25	
	A3 - Objetivos do milénio	A3-45: "Foi uma aula (...), que abrangeu bastantes temas importantes sobre os 8 objetivos do milénio."	3D6	8
		A3-49: "(...) os oito objetivos do milénio (...)"	3D11	
		A3-50: “(...) os 8 objetivos do milénio (...)."	3D12	
		A3-51: “(...) os 8 objetivos do Milénio, (...)"	3D15	
		A3-54: "Hoje dia de 5 Março na aula de Geografia falamos (...) e também nos 8 objetivos do milénio e nas suas metas até 2015."	3D20	
		A3-55: "(...) 8 objetivos do Milénio (...)."	3D21	
		A3-57: “(...) 8 objetivos do Milénio (...)"	3D23	
		A3-58: “(...) De seguida falamos sobre os oito objetivos do Milénio (...)"	3D24	
	A4- Ambiente e Sociedade	A4-65: "Nesta aula podemos aprender a relacionar o ambiente com a sociedade."	4D7	12
		A4-68: "Nesta aula, 16 de Abril, abordamos o tema "Será que a Natureza influencia na	4D12	

		vida humana?"."		
		A4-69: "(...) Ambiente/Sociedade."	4D13	
		A4-71: "Nesta aula começamos um novo tema "Ambiente e Sociedade" (...) também falamos de como o ambiente e a sociedade se influenciam"	4D15	
		A4-72: "Falamos sobre o ambiente e a sociedade."	4D16	
		A4-73: "Na aula de Geografia do dia 16 de Abril falamos de que forma o Ambiente e a Sociedade se unem de várias formas (...)"	4D20	
		A4-75: "Na aula de hoje o assunto abordado foi, ambiente e sociedade."	4D23	
		A4-76: "Iniciamos uma nova matéria: "Ambiente e Sociedade" (...)."	4D24	
		A4-77: "Hoje iniciamos um novo tema: "ambiente e sociedade" (...)"	4D26	
		A4-78: "Hoje continuamos a abordar o tema sociedade e ambiente, e a relação existente entre estes. (...)"	5D3	
		A4-90: "Continuamos a leccionar a matéria iniciada na aula anterior (...). Falamos sobre as consequências que relacionam o ambiente e a sociedade."	5D16	
		A4-92: "No início desta aula relembramos um pouco aquilo que demos na aula passada e continuamos o estudo dos temas sociedade e ambiente (...)"	5D19	
	A5 - Problemas e Estado do Planeta	A5-61: "(...) problemas que afetam o planeta."	4D1	16
		A5-62: "Nesta aula foi-nos dado os problemas que afetam o nosso Planeta."	4D6	
		A5-66: "Nesta aula foi-nos dado os problemas que afetam o nosso planeta."	4D9	
		A5-67: "Nesta aula começamos por falar sobre os problemas do planeta (...)."	4D10	
		A5-69: "Falámos sobre o Estado do Planeta e os seus problemas (...)"	4D13	
		A5-70: "Nesta aula falamos sobre os problemas do nosso planeta."	4D14	
		A5-74: "Falámos também sobre os problemas do nosso planeta."	4D21	
		A5-76: "(...)falamos dos problemas do ambiente como a poluição e a extinção de animais."	4D24	

		A5-80: "Nesta aula demos continuidade à matéria da aula anterior, portanto falámos dos problemas da terra (...)."	5D5	
		A5-82: "(...) abordamos os problemas do mundo."	5D7	
		A5-83: "(...) falamos da nossa pegada ecológica e dos problemas que causamos ao planeta."	5D8	
		A5-84: " Falamos de formas para aumentar a preservação do planeta."	5D9	
		A5-86: "Nesta aula falámos sobre o estado do Planeta, (...)"	5D11	
		A5-87: "Falámos sobre o Estado do Planeta (...)."	5D13	
		A5-91: "Hoje continuamos a aula anterior. Falamos também sobre como as nossas ações afetam os animais e as plantas."	5D18	
		A5-92: "No início desta aula relembramos um pouco aquilo que demos na aula passada e continuamos o estudo dos temas (...) e o estado do Planeta."	5D19	
	A6- Pegada Ecológica	A6-78: "(...) Calculamos a nossa pegada ecológica e analisamos o impacto que cada um de nós tem sobre o ambiente."	5D3	
		A6-80: "(...) solução pegada ecológica (...)."	5D5	
		A6-83: "(...) falamos da nossa pegada ecológica (...)"	5D8	
		A6-86: "(...)calculamos a nossa pegada ecológica (...)."	5D11	
		A6-89: "Na aula, falamos sobre a nossa pegada ecológica, o que é (...). Também falamos daquilo que podemos fazer para preservar o nosso planeta."	5D15	
		A6-93: "Na aula de Geografia do dia 23 de abril falamos da nossa pegada ecológica (...)."	5D20	
		A6-99: "Hoje, 23-04-12, na aula tivemos a falar da nossa pegada ecológica (...)."	5D26	
	A7 - Aquisição do conhecimento / Houve algum	A7-15: "(...) percebi a matéria lecionada."	1D16	
		A7-19: "(...) Com esta aula aprendi muito sobre os contratos de desenvolvimento e os seus obstáculos."	1D21	

7

14

	conteúdo que não perceberam	A7-20: "(...) fiquei a perceber a matéria."	1D22	
		A7-22: "Com esta aula adquiri mais conclusões e um melhor pensamento para alterar diversas coisas na minha vida como por exemplo o dinheiro gasto num dia."	1D24	
		A7-25: "Fiquei a conhecer mais obstáculos ao desenvolvimento."	2D5	
		A7-26: "Aprendemos bastante sobre os obstáculos ao desenvolvimento e as desigualdades entre países e sexos."	2D6	
		A7-38: "(...) percebi bem a matéria que demos hoje."	2D22	
		A7-41: "(...) fatores importantes que aprendemos hoje: conhecimento do mundo; o contraste de desenvolvimento dos países (sul) (...)".	2D26	
		A7-59: "(...) entendi bem o assunto."	3D25	
		A7-64: "Aprendi e alarguei os meus conhecimentos sobre o Mundo sem ficar aborrecido."	4D6	
		A7-85: "Penso que ao calcular a pegada ecológica de cada um foi uma boa maneira de termos consciência da influência que temos no nosso planeta. Ao calcularmos a pegada ecológica percebemos que muitos de nós ajudam para a destruição do planeta."	5D10	
		A7-94: "(...) aprendi muitas coisas novas e interessantes."	5D21	
		A7-95: "(...) descobri que não sou muito ecológicae tenho de ajudar mais o ambiente."	5D22	
		A7-97: "(...) eu penso que ganhámos alguma noção para sermos mais responsáveis no que toca à preservação do planeta."	5D24	

Tabela 6 - Análise de conteúdo dos diários de aula elaborados pelos alunos na disciplina de Geografia ao nível dos modos de trabalho pedagógico

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Código	Nº de ocorrências
II – Modos de trabalho pedagógico				
Recursos/opinião dos alunos (B)	B1 – PowerPoint	B1-23: “De seguida a stora" apresentou um power-point que fez-nos refletir melhor nesses casos."	2D4	23
		B1-24: "As apresentações feitas em Powerpoint (...)”	2D6	
		B1-25: “(...) e um power point (...)”	2D7	
		B1-29: “(...) a ver um power-point, (...)”	2D11	
		B1-30: “Depois tivemos a ver uns mapas, num power-point, (...)”	2D12	
		B1-31: “(...)a professora Isabel apresentou esta aula mostrado (...) e um power-point."	2D13	
		B1-32: Vimos um power point (...)”	2D14	
		B1-33: “(...) e também um power-point (...)”.	2D15	
		B1-34: “(...) um power-point."	2D16	
		B1-37: "(...) fomos informados através (...) e um Power Point, (...)”	2D19	
		B1-39: "Vimos um power-point (...)”.	2D21	
		B1-40: "(...) e vimos uma apresentação, (...)”	2D22	
		B1-41: "(...) Depois tivemos a ver um power-point (...)”	2D23	
		B1-50: "(...) vimos um power-point sobre os objetivos do milénio (...)”	3D7	
		B1-55: " Também visualizámos um power-point (...)”.	3D12	
		B1-58: "(...) visualizamos 1 power-point (...)”.	3D16	
		B1-59: "(...) e também um bom Power-Point."	3D17	
		B1-61: "(...) professora apresentou um power-point sobre os 8 objetivos do Milénio e da ajuda pública ao desenvolvimento."	3D21	

		B1-62: "(...) apresentação em power point (...)."	3D22	
		B1-63: "(...) Vimos, também, um power-point (...)."	3D23	
		B1-66: "(...) apresentações em suporte digital (...)."	3D26	
		B1-91: "(...) powerpoints que a professora apresentou foram bastante fáceis de compreender(...)"	5D6	
		B1-110: "(...)em formato Power-point."	5D26	
	B2 – Filmes	B2-1: "(...) vimos dois vídeos sobre os contrastes de desenvolvimento."	1D1	84
		B2-2: "(...) visiunamos dois vídeos (...)"	1D2	
		B2-3: "Os filmes que são mostrados (...)"	1D3	
		B2-4: "(...) a professora Esabel apresentou-nos 2 vídeos (...)"	1D4	
		B2-6: "(...) conseguimos distinguir os países pobres e ricos através de Movie Makes".	1D7	
		B2-7: "Durante esta aula com a professora Ana Isabel assistimos a dois filmes algo chocantes e que abordam claramente a matéria em estudo. "	1D8	
		B2-8: "(...) vimos filmes sobre o contraste de desenvolvimento."	1D9	
		B2-9: "Nesta aula vimos 2 videos (...)"	1D11	
		B2-10: "(...) ver dois filmes com alguns contrastes."	1D12	
		B2-11: "Ao longo desta aula, a professora transmitiu dois videos sobre os contrastes de desenvolvimento; (...)"	1D13	
		B2-12: "(...) vimos 2 vídeos (...)"	1D14	
		B2-13: "(...) vimos dois vídeos (...)."	1D15	
		B2-15: " (...) visualizamos dois vídeos (...)"	1D17	
		B2-16: "A professora apresentou-nos dois vídeos sobre alguns obstáculos de desenvolvimento para interiorizar o mesmo."	1D20	
		B2-17: " (...) vimos vídeos (...)"	1D21	
		B2-19: "(...) tivemos a ver os contrastes de desenvolvimento por dois vídeos	1D23	

		(...)"		
		B2-20: "Gostei muito da postura da professora em mostrar vídeos, (...)"	1D24	
		B2-21: "(...) foi o vídeo."	2D1	
		B2-23: ". Depois disto vimos um vídeo em relação ao assunto apresentado (...)"	2D4	
		B2-25: "(...) visualização de um filme(...)."	2D7	
		B2-27: "(...) a parte do filme."	2D9	
		B2-30: "Tivemos a ver um vídeo a indicar os obstáculos de desenvolvimento, (...)"	2D12	
		B2-31: "(...)a professora Isabel apresentou esta aula mostrado vídeos (...)."	2D13	
		B2-32: "(...) vimos um video em que falava sobre os obstáculos ao desenvolvimento."	2D14	
		B2-33: "Em seguida, visualizamos um filme bastante interessante (...)"	2D15	
		B2-34: "(...) e visualizamos um vídeo (...)"	2D16	
		B2-35: "(...) visualização daquele mini-filme (...)"	2D17	
		B2-36: "(...) e também vimos um filme sobre os Países em desenvolvimento (...)"	2D18	
		B2-37: "(...) fomos informados através de um video (...)"	2D19	
		B2-38: "Nesta aula a professora Isabel apresentou-nos um vídeo, (...)"	2D20	
		B2-39: "Vimos (...) e vídeos (...)"	2D21	
		B2-40: "(...) vimos um vídeo diferente do habitual sobre os obstáculos ao desenvolvimento, (...)"	2D22	
		B2-41: "Tivemos a ver um vídeo onde é indicado os obstáculos de desenvolvimento (...)"	2D23	
		B2-42: "A professora esteve muito bem mostrando um vídeo sobre a matéria	2D24	

		(...)"		
		B2-45: "Vimos um vídeo sobre o assunto."	3D1	
		B2-46: "Vimos pequenos filmes bastante educativos e com a matéria bem explícita."	3D3	
		B2-47: "Observamos 2 vídeos (...)"	3D4	
		B2-48: "Visualizamos um pequeno vídeo (...)"	3D5	
		B2-49: "Foram visualizados vídeos (...)"	3D6	
		B2-50: "(...) 2 vídeos."	3D7	
		B2-51: "(...) através da visualização de pequenos vídeos (...)"	3D8	
		B2-52: "Vimos dois filmes sobre o tema falado."	3D9	
		B2-53: "(...) através de vídeos e músicas incluídas no mesmo(...)"	3D10	
		B2-54: "Hoje dia 5 de março vimos vários vídeos (...)"	3D11	
		B2-55: "Visualizámos dois vídeos sobre os obstáculos ao desenvolvimento."	3D12	
		B2-56: "(...) vimos filmes sobre a importação e exportação de produtos."	3D14	
		B2-57: "Tivemos a ver alguns vídeos (...)"	3D15	
		B2-58: "(...) 2 pequenos filmes."	3D16	
		B2-59: "Visualizamos dois bons vídeos (...)"	3D17	
		B2-60: "(...) apresentar alguns vídeos (...)"	3D18	
		B2-61: "Vimos vídeos (...)"	3D21	
		B2-62: "(...) e vídeos sobre a matéria dada."	3D22	
		B2-63: "Nesta aula vimos dois filmes que falavam dos obstáculos do desenvolvimento"	3D23	
		B2-64: "Gostei muito de ver vídeos (...)"	3D24	
		B2-65: "Abordamos este assunto através de vídeos (...)"	3D25	
		B2-69: " Vimos um videoclip do Michael Jackson em que a música era Earth	4D4	

		Song, que relatava/mostrava os problemas."		
		B2-70: "(...) um vídeo que me captou a atenção."	4D5	
		B2-73: " Vimos também um videoclip do Michael Jackson sobre a destruição do Planeta."	4D9	
		B2-75: "Observamos um vídeo que nos fez pensar (...)”	4D12	
		B2-76: "Vimos um video-clip de uma música do Michael Jackson relacionada com os problemas do nosso planeta.”	4D13	
		B2-78: "Visualizamos um video clip de uma música de acordo com o tema (...)”	4D16	
		B2-79: "Achei que o videoclip da música tinha a ver com a matéria dada na aula. (...)”	4D17	
		B2-81: "(...) vimos um videoclip que retratou vários contrastes e a destruição da Natureza.”	4D20	
		B2-82: "Nesta aula vimos um videoclip do Michael Jackson que retratava a destruição do planeta. (...)”	4D21	
		B2-83: "(...) o videoclip (...)."	4D22	
		B2-86: " Depois vimos um vídeo que falava sobre os problemas do planeta."	5D1	
		B2-88: "(...) e em seguida vimos um pequeno documentário (...)”	5D3	
		B2-89: “(...) visualizamos um vídeo sobre o mesmo."	5D4	
		B2-90: "(...) e no fim um filme para sintetizar (...)”	5D5	
		B2-91: "Os vídeos (...)”.	5D6	
		B2-92: "(...) e vimos um filme sobre as espécies e o mundo em perigo."	5D7	
		B2-93: " Depois disso tivemos a ver um bocado/uma parte de um filme chamado "O Estado do Planeta"."	5D9	
		B2-95: "(...) e também vimos um pequeno vídeo sobre a biodiversidade e o	5D11	

		Estado do planeta."		
		B2-96: "(...) e vimos também um filme a falar de o nosso Planeta e tudo de "bom" que ele contém."	5D12	
		B2-97: "(...) Vimos um vídeo sobre Estado do Planeta (...)."	5D13	
		B2-99: "Para finalizarmos a aula, vimos uma parte de um documentário O estado do Planeta" para sintetizar a matéria dada nas últimas duas aulas."	5D15	
		B2-100: "(...) visualizamos uma parte de um filme no quadro, projetado."	5D16	
		B2-101: " Por fim, vimos uma parte de um documentário sobre o estado do nosso planeta."	5D17	
		B2-103: " (...) e vimos um documentário, também projetado, sobre o impacto do homem sobre o ambiente."	5D19	
		B2-104: "(...) e vimos um vídeo sobre a biodiversidade."	5D20	
		B2-105: "(...) e vimos um pouco do filme: Estado do Planeta."	5D21	
		B2-107: " Depois vimos um filme."	5D23	
		B2-108: " Por fim a professora mostrou-nos um pequeno vídeo de como a natureza é bela e que temos de preservar."	5D24	
		B2-109: "(...) a professora projetou um pequeno filme com a finalidade de nos elucidar da matéria que lecionou."	5D25	
		B2-110: "(...)visualizamos um filme,(...)"	5D26	
	B3 – Exercícios/Atividades	B3-9: "(...) e respondemos a algumas perguntas da Professora Ana Isabel."	1D11	
		B3-15: "(...) e respondemos a uma pergunta sobre a pobreza."	1D17	
		B3-17: "(...) também estivemos a definir o que é ser pobre."	1D21	
		B3-27: "Fizemos uma lista de obstáculos ao desenvolvimento com 22 frases."	2D9	
		B3-56: "Hoje , 5 de Março de 2012, fizemos uma aula basicamente de perguntas(...)"	3D14	27

		B3-67: "Nesta aula foi nos dáda a oportunidade de escolher duas fotas com vários problemas do planeta."	4D1	
		B3-68: "(...) com imensas e diversificadas actividades e formas de aprender (...)."	4D3	
		B3-74: "(...) apresentamos uma imagem, descrevendo-a e dizendo o seu problema."	4D10	
		B3-75: "(...) 2 imagens e teriamos de comenta-las perante a turma."	4D12	
		B3-88: "Fizemos uma atividade sobre o tema para avaliação"	5D3	
		B3-89: “ (...) fizemos um "teste" em que tínhamos de falar resumidamente do estado do planeta, etc. (...)”	5D4	
		B3-92: "Fizemos um teste (...)”	5D7	
		B3-93: "Nesta aula fizemos/calculamos a pegada ecológica e tivemos a avaliar os resultados. (...) a professora deu-nos uma ficha para avaliação sobre o tema anterior.”	5D9	
		B3-95: "(...) calculamos a nossa pegada ecológica, (...)."	5D11	
		B3-96: "Nesta aula fizemos uma atividade em que tínhamos de falar de 3 problemas, (...)”	5D12	
		B3-97: "(...) fizemos uma ficha em que tínhamos de falar sobre 3 problemas do nosso planeta.”	5D13	
		B3-98: "Fizemos uma actividade e um trabalho para preservar o planeta terra."	5D14	
		B3-99: "(...) fizemos um teste para avaliar os valores da nossa pegada. (...) Fizemos uma actividade para avaliação onde tínhamos que escrever sobre 3 problemas do planeta (...)”	5D15	
		B3-101: "Nesta aula calculamos o nosso valor da pegada ecológica. (...) Depois, como a professora não conseguiu dar a aula tivemos de fazer um	5D17	

		comentário para a avaliação (...)."		
		B3-102: " (...) fizemos uma ficha para avaliação."	5D18	
		B3-103: " (...) Quando a turma se excedeu a professora deu a ficha de avaliação (...). Medimos a nossa pegada ecológica com um questionário projetado no quadro (...)."	5D19	
		B3-104: "(...) pegada ecológica e calculamo-la. E fizemos uma actividade e vimos um vídeo sobre a biodiversidade."	5D20	
		B3-105: "Nesta aula calculámos a nossa pegada ecológica, fizemos um trabalho para a Avaliação (...)."	5D21	
		B3-107: "(...) e depois tivemos a calcular a nossa pegada ecológica. (...) e a sora mandou-nos fazer um comentário crítico ao estado do nosso planeta, como castigo."	5D23	
		B3-108: "Fizemos uma atividade muito interessante em que era totalmente desconhecida por nós alunos que era a pegada ecológica."	5D24	
		B3-109: "Depois disto a professora projetou a "Pegada Ecológica" para que os alunos pudessem avaliar o seu instinto ecológico. (...) a professora distribui uma ficha que servirá de avaliação, (...)”	5D25	
		B3-110: “(...)e respondemos a um questionário calculando a mesma. (...) a professora deu-nos uma ficha para avaliação (...)"	5D26	
	B4 – Apresentação trabalho de casa	B4-23: "A turma apresentou trabalho de casa e foram cada um dizendo obstáculos.”	2D4	
		B4-25: "Fizemos a correção ou a apresentação do trabalho de casa (...)"	2D7	4
		B4-29: "Nesta aula tivemos a corrigir o t.p.c"	2D11	
		B4-33: "(...) começamos por corrigir o trabalho de casa (...)"	2D15	
	B5 – Esquemas sínteses	B5-26: "Gosto do facto de a professora esquematizar a matéria dada, através da interação com os alunos (...)"	2D8	4

		B5-36: “(...) realizamos uns tópicos sobre os contrastes de desenvolvimento (...)”	2D18	
		B5-77: “(...) (...) e fizemos um esquema sobre o estado do planeta Terra (...)”	4D15	
		B5-79: “(...) pois no resultado final surgiu um esquema importante.”	4D17	
	B6 – Diálogo	B6-30: “(...) em seguida tivemos a discuti-los.”	2D12	14
		B6-33: “(...) e a discutir os obstáculos ao desenvolvimento. (...)”	2D15	
		B6-34: “(...) falamos sobre os contrastes de desenvolvimento, apontamos alguns (...)”	2D16	
		B6-39: “(...) fizemos um debate sobre os obstáculos a desenvolvimento.”	2D21	
		B6-41: “(...) e tivemos a discuti-los.”	2D23	
		B6-63: “(...) e tivemos a explicá-los (...)”	3D23	
		B6-81: “(...) em que escolhemos duas imagens e falamos sobre elas.”	4D20	
		B6-82: “(...) escolhíamos duas imagens e retratávamos, referindo o problema (s) ambiental (ais) presente (s).”	4D21	
		B6-86: “A aula começou com um diálogo do acontecido na aula anterior.”	5D1	
		B6-88: “Dialogamos muito sobre o tema e penso que isso é importante.”	5D3	
		B6-89: “Perguntou se ainda nos lembravamos do tema abordado na última lição (...). A stora, depois de um breve resumo” da última aula, questionou-nos com uma pergunta (...)”	5D4	
		B6-103: “No início desta aula relembramos um pouco aquilo que demos na aula passada (...)”	5D19	
		B6-107: “No início da aula tivemos a rever o que tivemos a fazer nas últimas aulas (...)”	5D23	
		B6-109: “Nesta aula, a professora Isabel, começou por relembrar daquilo que estivémos a dar na aula anterior, por isso, perguntara aos alunos que se	5D25	

		voluntariavam o que se lembravam da aula passada. Seguidamente, a professora explicou-nos o que era a Pegada Ecológica" e a sua função.”		
	B7 – Trabalho de grupo	B7-69: "Fizemos um trabalho de pares que tínhamos que escolher duas imagens e interpretá-las com os problemas que demos.”	4D4	9
		B7-73: "Fizemos um trabalho de pares em que tínhamos de descrever 2 imagens sobre o "Estado do Planeta".	4D9	
		B7-75: "(...) fizemos um trabalho de pares (...)."	4D12	
		B7-77: "(...) atividade de pares que fizemos onde tínhamos de descrever imagens relacionadas com os problemas do planeta (...)."	4D15	
		B7-78: "(...) e fizemos uma análise de imagens em trabalho de pares."	4D16	
		B7-79: "E o que ainda mais gostei foi do trabalho de pares realizado(...)."	4D17	
		B7-81: “Depois fizemos trabalhos de pares (...)."	4D20	
		B7-82: " Fizemos um trabalho de pares (...)."	4D21	
		B7-85: "Apresentamos dois a dois imagens relativas aos problemas e contrates ao ambiente publico e do mundo.”	4D26	
	B8 – Úteis no processo ensino aprendizagem	B8-3: "Os filmes que são mostrados são uma forma de aprendizagem muito interessante e muito mais fácil de interiorizar e captar a matéria."	1D3	42
		B8-4: “Gostei dos métodos utilizados pela professora, acho que foi clara e esclarecedora, (...)."	1D4	
		B8-5: "(...) gosto do facto de a professora usar vídeos para nos ajudar a perceber (...)."	1D6	
		B8-7: “Na minha opinião, a visualização de pequenos vídeos é um bom método, bem como o facto de trabalhar em pares para que possamos tirar conclusões sobre determinada matéria, (...)."	1D8	
		B8-9: “(...)Achei os 2 videos muito chocantes."	1D11	

		B8-11: "(...) o que foi um bom método para os alunos adquirir a matéria."	1D13	
		B8-14: "(...) gostei dos filmes que vimos sobre os contrastes de desenvolvimento."	1D16	
		B8-16: "Acho que os vídeos são uma boa maneira de "cativar" os alunos."	1D20	
		B8-18: "Gostei dos recursos que utilizou para explicar a matéria (...)"	1D22	
		B8-22: "Na minha opinião a forma como a aula é dada é excelente e espero que assim continue."	2D3	
		B8-24: "As apresentações feitas em Powerpoint ajudaram bastante para a compreensão da matéria."	2D6	
		B8-25: "(...) um filme e um power point muito interessante."	2D7	
		B8-26: "Gosto do facto de a professora esquematizar a matéria dada, através da interação com os alunos e procurar que todos entendam o que está a ser lecionado, através da visualização de filmes e power-points alusivos à matéria abordada; (...)"	2D8	
		B8-28: "A maneira como o assunto foi abordado e os pontos que tocamos foram bastante interessantes."	2D10	
		B8-32: "Gostei muito e foi muito bem apresentado."	2D14	
		B8-35: "Adorei a visualização daquele mini-filme (...)"	2D17	
		B8-37: "(...)achei interessante e apelativo."	2D19	
		B8-38: "(...) penso que é a melhor forma para captar a atenção dos alunos."	2D20	
		B8-42: "A professora esteve muito bem mostrando um vídeo sobre a matéria para ser mais fácil tirar conclusões."	2D24	
		B8-43: "A professora Isabel usa metodos bons para nos ensinar, através de gráficos, filmes e também nos permite participar várias vezes o que ajuda muito para tornar a aula melhor ou até para esclarecer nossas dúvidas."	2D25	

		B8-44: "(...) as visualizações em Power Point devem ser frequentes para estimular o nosso interesse e empenho"	2D26	
		B8-46: " Gosto do método da stora e a forma como abordou o tema de hoje."	3D3	
		B8-47: "Observamos 2 vídeos que nos fez perceber e realçar os piores obstáculos de desenvolvimento."	3D4	
		B8-49: "Foram visualizados videos que ajudaram à compreensão da matéria."	3D6	
		B8-53: "(...)tornando assim a aula muito mais interessante (...)"	3D10	
		B8-57: "(...) Uma das coisas que mais gostei da aula é a maneira como a professora utiliza os videos para dar a matéria de uma forma mais divertida."	3D15	
		B8-60: "Como sempre, a professora fez uma ótima escolha ao apresentar alguns vídeos para nos sensibilizar."	3D18	
		B8-64: "Gostei muito de ver vídeos pois na minha opinião "desperta" a atenção dos alunos e ajuda-nos a compreender melhor a matéria."	3D24	
		B8-68: "(...) com imensas e diversificadas actividades e formas de aprender que na minha opinião foi uma excelente forma de dar a matéria."	4D3	
		B8-71: "A maneira de ensino foi boa."	4D7	
		B8-72: "(...) a maneira de ensino foi boa."	4D8	
		B8-80: "As atividades que nos propõe têm vindo a melhorar, principalmente no interesse que estas causam aos alunos."	4D19	
		B8-83: "(...) o videoclip era um pouco assustador, mas retrata bem o Mundo, e o assunto abordado na aula."	4D22	
		B8-84: "Acho que os vídeos são uma ótima maneira de interiorizar a matéria."	4D23	
		B8-87: "(...) os recursos foram muito razoáveis."	5D2	
		B8-91: "(...) e ao mesmo tempo entreteu os alunos. A matéria foi bem ensinada (...)"	5D6	

		B8-94: "Ao recorrer aos vídeos penso que é uma boa maneira para nos chamar a "atenção", é uma boa forma de interiorizar a matéria."	5D10	
		B8-97: "(...) e gostei do vídeo."	5D13	
		B8-99: "Gostei (...) dos recursos utilizados pela professora para apresentar a matéria e também da forma como comunicou connosco."	5D15	
		B8-101: "(...) Foi Interessante(...), mas foi justo, (...) e foi bem aplicada a ficha."	5D17	
		B8-106: "Achei interessante o documentário."	5D22	
		B8-109: "(...) o que na minha opinião foi uma ótima medida."	5D25	
Opinião dos alunos sobre a aula (C)	C1 – Gostaram da aula	C1-1: "Gostei da aula."	1D1	94
		C1-2: "(...) a aula correu bem, (...)."	1D2	
		C1-3: "Achei esta aula muito interessante e achei a abordagem ao tema, obstáculos de desenvolvimento, muito cativante, descontraída e agradável, (...)."	1D3	
		C1-4: "Gostei muito da aula."	1D5	
		C1-5: "(...) gostei da sua aula, (...) e gostei da aula."	1D6	
		C1-6: "(...) e foi muito divertido."	1D9	
		C1-7: "Achei esta aula interessante."	1D11	
		C1-8: "Gostei muito da aula. (...) Achei a aula interessante."	1D12	
		C1-9: "Gostei muito."	1D14	
		C1-10: "Eu gostei bastante da aula. (...) No geral, a aula foi agradável."	1D15	
		C1-11: "Achei que a aula foi interessante, (...). A aula decorreu normal. (...) Gostei muito da aula."	1D16	
		C1-12: "(...) gostei bastante desta aula."	1D17	
		C1-13: "(...) gostei muito da aula."	1D18	

		C1-14: "(...) aula interessante."	1D19	
		C1-15: " Penso que a aula foi dinâmica e deu para chamar a atenção a nós alunos."	1D20	
		C1-16: "Esta aula da professora Isabel foi me muito satisfatória, (...). Gostei muito desta aula."	1D21	
		C1-17: "A aula de Geografia foi divertida e fora do normal (...)."	1D22	
		C1-19: "Eu pessoalmente achei uma aula muito interessante (...)."	1D24	
		C1-20: "Gostei da aula em geral (...)"	2D1	
		C1-21: "Gostei da aula (...)"	2D2	
		C1-23: "Gostei da aula."	2D4	
		C1-24: "Gostei muito da aula. (...) E acho que foi produtiva."	2D5	
		C1-25: "Foi uma aula interessante e educativa. (...) Foi uma boa aula."	2D6	
		C1-26: "Aula relativamente calma, e interessante, (...)"	2D7	
		C1-27: "Gostei desta aula (...)"	2D8	
		C1-28: "Gostei desta aula (...)"	2D9	
		C1-29: "Gostei mais desta aula do que da última."	2D10	
		C1-30: "No entanto uma aula um pouco diferente, mesmo assim gostei da aula."	2D11	
		C1-31: "Gostei muito desta aula."	2D12	
		C1-32: "Gostei imenso, foi uma aula diferente, mas gostei."	2D14	
		C1-33: "Eu gostei bastante da aula. Gostei mais desta aula comparada com a anterior."	2D15	
		C1-34: "A aula de hoje mais interessante, (...). Esta aula foi "menos cansativa" que a outra e senti-me mais motivada."	2D16	
		C1-35: "Eu achei esta aula interessante. (...) Relativamente às outras aulas,	2D17	

		achei um pouco melhor que as outras."		
		C1-37: "Gostei muito desta aula da professora Ana Isabel. Não sei dizer se gostei mais desta aula do que das outras, mas gostei muito."	2D21	
		C1-38: "A aula de hoje foi interessante (...)."	2D22	
		C1-39: "Gostei desta aula."	2D23	
		C1-40: "Gostei da aula."	2D24	
		C1-41: "Gostei mais uma vez desta aula."	2D25	
		C1-42: "Gostei da aula, como sempre, (...)."	3D1	
		C1-43: "Foi uma aula leve e pouco massacrante (massacrante)."	3D2	
		C1-44: "Como sempre, gostei imenso da aula, bastante interessante e apelativa."	3D3	
		C1-45: "Gostei da aula."	3D4	
		C1-46: "(...) mas foi interessante."	3D5	
		C1-47: "Foi uma aula interessante. Pessoalmente eu gostei da aula."	3D6	
		C1-48: "Aula como sempre interessante (...)."	3D7	
		C1-50: "Mas foi interessante a aula."	3D9	
		C1-51: "(...) tornando assim a aula muito interessante, ainda mais interessante que as anteriores."	3D10	
		C1-52: "(...) gostei imenso da aula."	3D11	
		C1-53: "Gostei muito da aula."	3D12	
		C1-54: "Gostei da aula (...). A aula não foi massacrante, (...)."	3D13	
		C1-55: "(...) e gostei muito da aula."	3D14	
		C1-56: "Gostei da aula, como de costume. (...) De forma geral, a aula foi bastante interessante."	3D15	
		C1-57: "(...) e gostei."	3D16	
		C1-58: "Eu adorei a aula de hoje. (...) esta aula foi um pouco melhor que a	3D17	

		anterior."		
		C1-60: "Gostei bastante da aula."	3D20	
		C1-61: "Gostei muito desta aula da professora Ana Isabel."	3D21	
		C1-62: "Gostei da aula (...)"	3D22	
		C1-63: "Gostei muito desta aula (...)"	3D23	
		C1-64: "Gosto sempre destas aulas, (...)"	3D26	
		C1-65: "Gostei muito da aula"	4D1	
		C1-66: "A aula foi lecionada de uma forma didática e muito agradável."	4D2	
		C1-67: "Gostei imenso da aula, foi super divertida (...). Espero que as aulas continuem assim."	4D3	
		C1-68: "Gostei muito."	4D4	
		C1-69: "Gostei muito da aula, muito também não mas gostei."	4D5	
		C1-70: "Gostei da aula, foi interessante (...)"	4D8	
		C1-71: "Gostei desta aula e podíamos fazer mais vezes."	4D9	
		C1-72: "A aula foi bem elaborada, gostei."	4D10	
		C1-73: "Esta aula foi divertida, mas ao mesmo tempo educativa. (...) Espero ter mais aulas destas."	4D11	
		C1-74: "Gostei da aula em geral."	4D13	
		C1-75: "Gostei da aula (...)"	4D14	
		C1-76: "Gostei muito da aula (...)"	4D15	
		C1-77: "A primeira aula do 3º período foi interessante."	4D16	
		C1-78: "Gostei muito da aula de hoje (...)"	4D17	
		C1-79: "Nesta aula ao contrário das outras não foi muito puxada e foi divertida pois assim desta maneira "dá mais vontade de vir às aulas"."	4D18	
		C1-80: "Gostei bastante da aula."	4D20	

		C1-81: "Gostei da aula (...). Acho que a aula correu bem (...)"	4D22	
		C1-83: "A nível geral gostei da aula. (...) Gostei muito da aula foi uma boa experiência."	4D24	
		C1-85: "A aula foi bacana, (...)"	5D2	
		C1-86: "Como sempre gostei imenso da aula e da forma como foi dada."	5D3	
		C1-88: "(...) portanto gostei muito."	5D5	
		C1-90: "Foi uma aula agradável (...)."	5D7	
		C1-91: "Esta aula foi interessante (...)."	5D8	
		C1-92: "Gostei da aula (...)."	5D9	
		C1-94: "Gostei muito."	5D12	
		C1-95: "Gostei da aula."	5D13	
		C1-96: "(...) gostei muito, foi divertido e com muita brincadeira."	5D14	
		C1-97: "Gostei da aula (...)."	5D15	
		C1-99: "Gostei muito da aula de hoje."	5D17	
		C1-100: "(...) a aula foi divertida. Gostei muito."	5D18	
		C1-101: "Gostei da aula. Foi diferente das outras, bastante mais dinâmica."	5D19	
		C1-102: "Gostei bastante."	5D20	
		C1-103: "Gostei muito desta aula (...)."	5D21	
		C1-104: "Gostei da aula dada pela professora, (...)"	5D22	
		C1-106: "Achei esta aula muito interessante (...) Gosto muito deste tipo de aulas."	5D24	
	C2 – Não gostaram da aula	C2-28: "Embora tenha gostado mais da ultima aula."	2D9	3
		C2-57: "Gostei mais da última aula, acho que foi mais "interessante", esta aula foi mais "chata"."	3D16	
		C2-98: "Hoje não gostei da aula, (...)"	5D16	
	C3 – Aulas	C3-20: "Esta aula comparada com as anteriores foi normal."	2D1	13

	semelhantes			
		C3-22: "Tal como todas as aulas, achei esta bastante interessante, educativa e cativante."	2D3	
		C3-27: "(...) bem como todas as outras dadas pela professora Isabel."	2D8	
		C3-38: " Não existem grandes comparações entre esta e as outras elas, foram idênticas, diferentes e motivantes."	2D22	
		C3-42: "(...) e foi uma aula igual à anterior."	3D1	
		C3-46: "Comparativamente com as outras aulas esta não foi muito diferente, (...)”	3D5	
		C3-48: " (...) foi uma aula praticamente como as outras com matérias interessantes (...)".	3D7	
		C3-49: "Esta aula foi em tudo semelhante às anteriores, (...)."	3D8	
		C3-55: "A aula anterior foi quase igual mas esta foi mais divertida."	3D14	
		C3-62: "(...) as aulas para mim foram todas iguais, apresentações de power point e videos sobre a matéria dada.”	3D22	
		C3-63: "(...) em comparação com as outras não foi muito diferentes."	3D23	
		C3-82: "Como sempre, achei a aula muito dinâmica."	4D23	
		C3-84: "A aula com a professora Isabel foi, como das restantes, interessante e dinâmica.”	4D25	
	C4 – Despertar de uma consciência cívica	C4-1: " Eu acho que todos nós nos sentimos incomodados com a desigualdade existente no mundo."	1D1	
		C4-5: "(...) portanto senti-me bem(...)”	1D6	
		C4-6: "(...) eu senti-me bem (...)."	1D9	
		C4-8: " Ao ver os vídeos senti-me um pouco mal."	1D12	
		C4-10: " (...) fiquei bastante sensibilizada com as imagens contidas nos vídeos.”	1D17	

		C4-15: "Com a visualização dos vídeos, penso que a turma ficou sensibilizada com os problemas que existem pelo mundo fora."	1D20	
		C4-18: "Ao ver os vídeos senti-me um pouco mal, pois eu que tenho tudo o que preciso ainda reclamo, algumas vezes, enquanto há outros que não têm nada que ficam contentes com o pouco que lhes dão."	1D23	
		C4-36: " Com o vídeo, penso que a turma ficou de alguma maneira sensibilizada."	2D20	
		C5-54: "(...) senti-me bem."	3D13	
		C5-57: "(...) Sinto-me "bem" nas aulas, (...)."	3D16	
		C5-58: "Senti-me bem nesta aula."	3D17	
		C5-59: "Á medida que as aulas passam e vamos aprofundando mais este tema, em minha opinião, a turma em geral tem vindo a interessar-se mais. (...)"	3D19	
		C4-92: "Durante a aula senti-me um pouco mal por não preservar/cuidar do planeta como deve ser."	5D9	
		C4-93: "Penso que ao calcular a pegada ecológica de cada um foi uma boa maneira de termos consciência da influência que temos no nosso planeta. Ao calcularmos a pegada ecológica percebemos que muitos de nós ajudam para a destruição do planeta."	5D10	
		C5-95: "Senti-me bem na aula."	5D13	
		C4-104: "(...) descobri que não sou muito ecológica e tenho de ajudar mais o ambiente."	5D22	
		C4-106: "(...) eu penso que ganhámos alguma noção para sermos mais responsáveis no que toca a preservação do planeta. (...) A meu ver fiquei preocupado e surpreendido pelos níveis excessivos da pégada ecológica. (...)"	5D24	
	C5 – Comportamento	C5-45: "Nesta aula estivemos (alunos) um pouco mais inquietos (...)."	3D4	13

		C5-87: "(...) a turma começara a "exaltar-se" fazendo barulho ou a falar com os colegas do lado, sem respeitando a prof., mesmo com o aviso ninguém se calou (...)"	5D4	
		C5-89: "(...) creio que todos (...) compreendemos e estivemos atentos."	5D6	
		C5-90: "Fizemos um teste devido ao nosso comportamento (...)"	5D7	
		C5-92: "Como nós estávamos a fazer muito barulho (...). Durante a aula senti-me um pouco mal (...)"	5D9	
		C5-93: "É pena que nós, alunos, não tenhamos ajudado em relação ao comportamento."	5D10	
		C5-98: "(...) alguns elementos da turma perturbaram a aula e como consequência "pagamos" todos por isso."	5D16	
		C5-99: "(...) o nosso comportamento tinha sido péssimo (...)"	5D17	
		C5-100: "Como não nos portamos bem fizemos uma ficha para avaliação."	5D18	
		C5-101: " Quando a turma se excedeu (...)"	5D19	
		C5-105: "Depois estávamos-nos a portar mal (...)"	5D23	
		C5-107: "Uma vez que o ruído na sala de aula era insuportável (...)"	5D25	
		C5-108: "Como nos portamos mal (...)"	5D26	
Opinião dos alunos sobre a professora (D)	D1 – Atitude/postura da professora	D1-1: " (...) descontracção e à vontade da professora. Gosto do método como a professora dá as aulas, sendo cativante e para além disso o ambiente de relacionamento é muito agradável e descontraído."	1D3	53
		D1-2: "Gostei dos métodos utilizados pela professora, acho que foi clara e esclarecedora, é uma senhora calma e deixa que todos na aula participem, mas tem de ter mais controlo nos alunos."	1D4	
		D1-3: "A professora deu bem a aula."	1D5	
		D1-4: "Em relação à professora Isabel, gostei da sua aula, (...) e a sua forma de	1D6	

		abordar a matéria (...)"		
		D1-5: "(...) a professora Ana Isabel foi muito explicativa e compreensível tentando perceber as ideias dos alunos. Foi tranquila na aula com alguns, poucos, nervos mas sem se atrapalhar, boa professora."	1D7	
		D1-6: "A professora procurou que os alunos interagissem com ela e participassem na aula, (...), no entanto, a professora pareceu um pouco preocupada, mas fez um bom trabalho."	1D8	
		D1-7: "Acho que a professora se saiu bem, fez um bom trabalho, acho que se sentia um pouco nervosa (mas é normal)."	1D9	
		D1-8: "A meu ver a professora estava calma (...). Até mesmo quando a professora põe ordem na sala."	1D10	
		D1-9: "A professora esteve bem."	1D11	
		D1-10: "A professora sai-se bem."	1D13	
		D1-11: "(...) a professora estava muito bem, muito divertida e simpática."	1D14	
		D1-12: "Penso que a professora esteve bastante confortável a dar a matéria e a lidar com a turma."	1D15	
		D1-13: "A atitude da professora foi correta e acho que teve uma boa postura, a professora Ana Isabel estava calma e "a vontade" com os alunos, não mostrando timidez."	1D16	
		D1-14: "Acho que a professora Isabel esteve bem, explica bem a matéria (...)"	1D17	
		D1-15: "Acho que a professora esteve bem, não estava nervosa (...)"	1D18	
		D1-16: "Acho que a professora Ana Isabel, se mostrou relativamente descontraída, mas com uma excelente postura (...)."	1D19	
		D1-18: "(...) a professora também se saiu muito bem."	1D21	
		D1-19: "(...) achei que a professora estava calma a dar a aula e com convicção do que estava a fazer e a dizer."	1D22	

		D1-20: "Gostei muito da postura da professora em mostrar os vídeos, (...) "	1D24	
		D1-21: "Gostei (...) de como a professora explicou a matéria. Gostava que ficasse na escola."	2D2	
		D1-22: "(...) a professora torna-a a mais agradável e bastante cativante, notando-se na atenção dos alunos."	2D3	
		D1-23: "A professora explicou bem a matéria."	2D5	
		D1-24: "A professora respondeu a cada questão e deu a matéria de forma calma e confiante."	2D6	
		D1-26: "Nesta aula achei a professora um pouco mais à vontade na interação com os alunos. (...) continuo a ser impressionado com o trabalho elaborado pela professora que apresenta melhorias de aula para aula."	2D10	
		D1-27: "Gostei da forma sintetizada que a professora Isabel apresentou a aula (...)."	2D13	
		D1-28: "Gosto da maneira como a professora lecciona as aulas e fala dos diferentes conteúdos."	2D16	
		D1-29: "(...) acho que a professora esteve bem, (...) "	2D17	
		D1-30: "Gostei da maneira como a professora abordou o assunto dos obstáculos ao desenvolvimento."	2D20	
		D1-31: "A professora esteve muito bem (...)."	2D24	
		D1-33: "A professora resume bem a matéria."	3D2	
		D1-34: "(...) a professora conseguiu por calma na sala, fez várias questões tentando fazer que a turma se tornasse mais participativa."	3D4	
		D1-35: "A professora deu bem a matéria."	3D5	
		D1-36: "A professora Isabel, (...), procurou (depois de a explicar) que os alunos percebessem a matéria (...) "	3D8	

		D1-37: "A professora dá a aula de uma forma descontraída."	3D13	
		D1-38: "A professora consegue que os alunos participem activamente na aula de uma forma ordenada."	3D15	
		D1-39: "(...) gosto da maneira de como a professora lecciona as aulas e gostei."	3D16	
		D1-40: "Gostei da forma como explicou a matéria, expressou-se muito bem oralmente."	3D17	
		D1-41: "A professora Ana Isabel ensina muito bem e acho que é uma boa professora."	3D21	
		D1-42: "Gostei (...) da forma como a professora dá as aulas e comunica com os alunos, beneficiando-os."	3D22	
		D1-43: "A professora agiu bem e educadamente e entreviu quando foi necessário."	4D6	
		D1-44: "A professora ao realizar esta atividade mostrou-se criativa."	4D11	
		D1-45: "Gostei do trabalho da professora."	4D17	
		D1-46: "Cada vez mais se nota uma evolução na professora, tanto na forma como esta dá a aula, mais dinâmica, como no à vontade que demonstra para connosco."	4D19	
		D1-48: "(...) a professora procurou interagir com os alunos e fazer com estes participassem ativamente na aula."	4D25	
		D1-49: "Nesta aula a professora Isabel, comunicou bem com a turma."	5D1	
		D1-50: "(...) a professora é muito comunicativa e gosto, também, da sua maneira de comunicar."	5D9	
		D1-51: "De resto está de parabéns, como sempre!!"	5D10	
		D1-52: "Gostei (...) da forma como comunicou connosco."	5D15	
		D1-53: "A professora esteve muito bem e explica muito bem a matéria."	5D17	

		D1-54: "Gostei bem mais, da atitude da professora perante a turma."	5D19	
		D1-55: "A professora Ana Isabel é uma boa professora e sabe ensinar muito bem."	5D21	
		D1-56: "Acho que a professora explica bem."	5D22	
		D1-57: "A professora esteve muito bem."	5D24	
	D2 – Conselhos dados à professora	D2-17: "A professora deve continuar o bom trabalho!"	1D20	6
		D2-25: " (...)acho que a professora deveria dar alguns exercícios para casa, com a finalidade de, na próxima aula estarmos a par daquilo que estamos a dar."	2D8	
		D2-29: "(...) só podíamos explorar um pouco o manual."	2D17	
		D2-32: " Por fim acho que a professora deve continuar a ensinar deste modo."	2D25	
		D2-46: "Contudo, acho que a professora deverá desenvolver mais a sua presença na sala, ou seja, em manter a turma em ordem."	4D19	
		D2-47: "Continue a fazer um bom trabalho."	4D23	